

padecer trabalhos de poderosos pela observancia, e inteireza da justiça, então serão não só Ministros fortes, mas bemaventurados. Initem aos fortes, que pela confissão da Fé não temerão as ameaças de huma subita morte, porque he doce a ameaça de huma subita felicidade; nem que lentamente distillassem a vida, porque já mais se chega tarde a hum bem eterno; nem que se lhes mostrassem formidaveis as ondas do mar, a que aspiravaõ, porque neste caso o melhor naufragio he o melhor piloto; nem que se lhe representassem pendentes, altos, nem derrocados precipicios para subirem aonde olhavaõ, porque são os mesmos despenhadeiros escadas; nem que se lhes representassem os famintos dentes de terriveis feras, porque antepunhaõ aquellas tumbas animadas aos mais famosos Mausoléos; nem que os abraçassem as vorazes chammãs dos fornos de Babilonia, porque sahiaõ Phénizes immortais a nova vida.

Acabemos esta Lição com extremos da virtude da fortaleza, para que o forte fuja delles como de vicios pestíferos. São pois os extremos da fortaleza temeridade, e cobardia, consistindo esta em fugir os perigos a que se deve acudir, e aquella em buscar os de que senão deve fazer caso: ambas tem a intelligencia taõ relaxada, que não considera quais perigos, nem porque razão, nem com que modo, ou occasião deva acometer huma, e fugir outra. Nenhum animal he mais semelhante ao homem, do que o mono, e nenhum mais disforme; nada ha mais semelhante à fortaleza, do que a temeridade, mas quanto aquella he racional, he brutal esta. Os Censores Romanos castigavaõ rigorosamente ao soldado atrevido, mandando-o sangrar no braço direito, e com grande mysterio, que como a temeridade nasce do fervor do sangue, vinha a ser o castigo medicina juntamente ignominiosa, e saudavel. O mesmo

impeto o obrigou a acometer perigos maiores dos que acomete a força, e algumas vezes com precipicio taõ favorecido do caso, que os inimigos, ainda que muito mais fortes, não discernindo o verdadeiro do apparente, voltaõ as costas, e os populares o applaudem, porque não distinguem a temeridade afortunada da fortaleza virtuosa. Scipião o Velho antes de offer, se deixou levar da temeridade juvenil, fiando-se com duas náos só da fé pouco segura do poderoso Syfas, deixando suspenza a saude, ou ruina publica do successo, ou do Syfas prezo por Scipião, ou de Scipião morto de Syfas: o fim não esperado resuscitou as mortas esperanças, e a acção foy louvada dos nescios, e vituperada dos sabios; e desta primeira aprendeo seu author a não fazer segunda.

He geral aforismo, que as acções do temerario costumão ser prejudiciais ao Povo, e vergonhosas ao author: ao Povo, porque o fim da acção temeraria pende do abono da fortuna, como disse Demócrito: *Audacia principium actionis est, fortuna verò dominatur fini*, a qual muitas vezes corresponde com os successos muito encontrados ao desejo: ao author, porque cahe na censura de nescio, o que se arrojou aos impulsos de temerario; pois segundo *Aristóteles lib. 2. Ethicor.* assim como a prudencia he máy da fortaleza, assim da temeridade o he a ignorancia: *Vides fortitudinis matrem esse prudentiam, nec fortitudinem, sed temeritatem esse quemlibet ausum, quem non parturit prudentia.* O temerario executa primeiro sem consideração, e depois pensa quando acha difficuldades não pensadas: não se corre de dizer aquella afrontosa palavra: *Eu não pensey.* Não se movem os temerarios a empresas árduas pelo honesto, se não por inconsideração brutal, que he ou por vangloria, ou por odio do inimigo

inimigo, ou por cobiça da preza, ou por confiança do soccorro; mas como estes fins são contingentes, e variaveis, em se mudando o fim, se muda o animo; e assim o que se ouso por inconsideração, considerado subitamente à cara da morte, se atemoriza; e o que por vangloria, cedendo a vaidade da apprehensão à verdade do perigo, se envilece; e o que por odio, vencido este do amor da vida, vilmente a demanda; e o que por cobiça, perdida a esperança da preza, pelo temor da espada compra a vida; e o que por confiança do soccorro, logo que lhe falta o auxilio, lhe falta o coração. O modo, que observa no combate, he não observar modo, e se arroja, como El-Rey Codro, contra os armados desarmado; ou, como El-Rey Cygno, leva as armas por gala, e não por defesa; porém se encontra hum encontro arriscado, só lhe servem de cubrir a palidez, e as plumas de voar mais ligeiro na fugida. Em summa, inconstante em tudo, e desimilhante de si mesmo, já todo coração, já todo sem elle, já mais que homem, já menos que mulher, já ameaçador, já rendido, medroso no affalto, e despavorido em a fugida, insolente na victoria, obedientissimo na perda, passando sem meyo de palavras jactanciosas a feitos indignos, do extremo de temerario ao extremo de medroso. A temeridade he vicio mais arriscado, e a cobardia mais vergonhoso; porque aquella aventura mais do que deve, e esta se guarda mais do que he razão. Em todos os vicios he mais afrontoso o defeito, que o excesso: a temeridade he excesso da fortaleza, a cobardia defeito. He mais facil ser timido donde he necessario ardor de animo, do que ser atrevido donde he necessario temor. O cobarde não considera no perigo as circunstancias honradas, senão somente as dolorosas; e como elle fuja do pe-

rigo, não sente deixar a honra a outros, tomando para si a segurança. Quem não quer consignar à gloria o deposito da vida, restituirá à natureza o capital com usura de muitos males; hoje hum dente, à manhã hum olho, depois o juizo, e ultimamente a vida desacreditada; com que por fugir huma morte, sofre mil. He este vicio muito mais vergonhoso a quem professa a honra militar. Os homens letrados são ordinariamente timidos, porque tendo sciencia, considerão mais vivamente o risco da vida; mas para o soldado, que concertou pelo soldo o risco da morte, he mais infame a fugida; e por isso nenhum soldado he mais digno de viver, que o que despreza a vida; e nenhum mais indigno della, que o que teme a morte. Era ley dos Macedonios, que o soldado, que não tivesse morto hum inimigo, em vez de cinto militar, trouxesse hum cabresto. Parecia igualmente homicida, quem tirava a vida a hum Cidadão por ultrage, que o que a perdoava no inimigo publico por cobardia. Entre os Gregos estava sem credito o soldado, que tinha sem diviza o escudo, e sem sangue inimigo a espada; porém totalmente infame, quem perdia a espada, ou o escudo. Os Espartanos desterraraõ a Arquiloco seu Cidadão, porq em seus Poemas se achou este verso; *Melhor he perder o escudo, q a vida*; o ser Poeta o salvou da morte, mas não do desterro, julgando-o indigno de estar em Esparta por aquellas palavras indignas de Espartano. Não era delicto nelle executar seu dito, mas foy em escrevello. Em a occasião do combate o forte, quanto mais visinho do perigo, tanto mais prompto; o cobarde, quanto mais visinho ao risco, tanto mais tardo; e porque naquelle he movimento natural, neste violento, naquelle espontaneo, neste forçado. O cobarde gaba publicamente aos homens fortes, faz animo aos companheiros para parecello ao modo da Péga, que cha-

chama a chuva, e ella se está no enxuto. Aristógiton, homem de grande faxada, e de curto animo, sempre guarnecido de armas luzentes, não fallando em outra coisa mais que guerras, e desafios, batalhas, e estragos, era tido por hum Marte Atheniense, mas quando ouvio soar a trombeta, appareceo em publico sem espada, firmando-se em hum bastão com huma perna emprastada; donde escarnecido de Fociaão, ficou por adagio: *Aristógiton coxéu*. Então começa a estimar a vida o temerario, quando está visinho a perdella, porque nelle todo o bem se extingue com a vida; mas o forte, que tem no animo bens mayores, e externos, não lhe peza perder o que lhe podem tirar. Quererá com tudo isso o cobarde participar a gloria, e ainda attribuir-se todo o applauso das alheyas feridas. Vicio he este não só de soldados particulares, mas tambem de Césares, que degeneraão daquelle, que lhes deu o nome. Sentaão se à sombra, e enviaão os seus Capitaens; vencem estes em Asia, elles triumphão em Roma. Cesar depois do triumpho semeou as sementilhas de sua grinalda, para que dos laureis produzidos daquella arvore se coroaessem seus successores, aprendendo d'elle primeiro a vencer, que a triumphar, e a triumphar depois de vencer; mas em poucos annos se tiraraão aquelles laureis com toda a sanguinidade, e por infamia a todos foy o ultimo Nero idéa dos cobardes. Só Augusto se mostrou digno do adoptivo nome de Cesar,

mas elle tambem naquella grande victoria contra Pompéo, junto a Milas, cingio o laurel, sem o haver bañhado com seu suor. Foi-lhe lançado em rosto, que em quanto Agrippa fortemente vencia, dormio elle profundamente, dirigindo o vinho, e apenas levantou os olhos trémulos para olhar para Agrippa, quando lhe trouxe a cabeça do vencido Pompéo.

Concluimos, que a virtude da Fortaleza medea entre os dous vicios da temeridade, e cobardia, e que só he forte o que sem passar a temerario, não degenera em cobarde, dando valor à fraqueza, e constancia, despida de toda a jaçtancia, ao util, e honesto, que tudo profundamente cifrou D. Francisco de la Torre na traducção do *Epigramma* 35. de *Wem* lib. 3. quando disse:

Sabe el sabio dar lo justo,
El justo a cada qual quiere,
Y el que entrambas cosas junta,
Deve julgar-se por fuerte.
Dar valor a la flaqueza,
Y estabelecer sin jaçtancia,
En el afan la constancia,
Es la mayor fortaleza.
En el que fuerte a si vés,
No muestran su potestad
Sitios de necesidad,
Ni combates de interés.

Naõ se hade ceder com cobardia aos males, senaõ oppor-se a elles com fortaleza, e bizaria, como aconselha *Virg. lib. 6.*

*Tu ne cede malis, sed contra audacior ito,
Qua tua te fortuna sinet, via prima salutis.*

Porque a fortuna, e sorte favorece aos fortes, como cantou Claudiano:

*Audaces fortuna juvat, timidosque repellit;
Sors juvat audentes prisca sententia vatis.*

O que adiantou Ovidio dizendo, que os Deoses ajudaão aos fortes:

Audentes Deus ipse iuvat-----

Porém hade ser de forte, que senão intente, nem emprenda o que senão póde conseguir; porque está tão longe de ser isto fortaleza, que he ignorancia condemnada por Chilon: *Non*

sunt tentanda, quæ fieri non possunt; sed quid pro temporum ratione possit obtineri; porque he constante, que quem a muito se atreve, em muito periga, como ponderou Menandro:

Audere multa, nos labi facit.

Perigos, que podemos evitar, seguindo o conselho de Horacio, que affirma, que todos os arrojos dos homens se-

raõ felices, se os governar o freyo da razaõ, e da ley:

*Nemo adeò ferox est, ut non mitescere possit,
Si modò cultura patienter commodet aurem.*

L I Ç A M II.

Da Ousadia, e Confiança.

PArte he da fortaleza a Ousadia, e Confiança, que Santo Thomaz define nesta maneira: *Est fiducia, seu confidentia dicens motum irascibilis inextimatum;* pela qual nas cousas grandes, e honestas o animo confia muito de si, concebendo huma certa esperança de levar ao fim a cousa começada. Prenda he esta, de que necessitaõ muito os Ministros Politicos, e Militares, para que não desistaõ desalentados de levarem ao fim pertendido as obras honestas, que houverem emprendido, e começado, topando com as muitas difficuldades, que conjuradas se oppoem a todo o honesto, e virtuoso. Não houvera Alexandre Magno conquistado o mundo, senão tivera o coraçãõ fortalecido de tanta confiança para continuar, e acabar suas emprezas, que, antes de emprendellas de facto, as suppunha vencidas no animo; e entre as muitas açoens, em que resplandeceo a sua heroica confiança, refere Plutarcho huma muy singular, e he, que estando hum dia comendo com seus soldados, havendo de tarde de dar huma batalha, lhes disse, que comessem

quanto havia em seu campo, sem guardar nada, como gente, que à noite havia de cear em os arrayais do inimigo. Não menor he a que refere o mesmo Plutarcho in *Crasso*, de Augusto Cesar, que estando vago o Summo Pontificado, e sendo oppositor a elle Caluto, Varãõ da primeira dignidade, e nobreza em Roma, disse Augusto a sua mãy com grande confiança: *Mãy, hoje haveis de ter vosso filho Pontifice, ou desterrado.* A Pompeõ perguntaraõ como poderia sustentar o mando de Cesar? E conta o mesmo Plutarcho, que rindo-se, respondera, que não só sustentaria o Imperio de Cesar, senão o de todo o mundo. Galharda confiança, se a fortuna lhe dera a maõ! Não póde haver pouco animo adonde ha grande confiança; razaõ porque disse Séneca, que não serviaõ para reynar homens de baixos pensamentos, e só eraõ dignos de empunhar os Sceptros os que aspiravaõ a subidas emprezas: *Moles animos imperium odit.* Convidando Pirrho a Fabricio, que ficasse em Epyro, que o faria companheiro de seu Imperio, se conta, que lhe respondera com bizarra confiança: *Naõ vos convem a vós, porque se os Epyrotas me conbecem, mais me quereraõ a mim por seu Rey, do que a vós.* De Scipiaõ lemos, que

que tinha tanta confiança das victorias, que cercando em certa occasião huma Cidade, mandou, que logo se edificasse hum Templo a Venus junto a ella, para que depois de tomada, podesse sacrificar, e depositar nelle os trophéos, que tomasse ao inimigo; e correspondeo o effeito à confiança. Emprezas grandes não se conseguem a menos custo de grandes confianças. Necessario he, que as emprezas se regulem pelas leys do esforço, para que se conheça se he possível a victoria a que se aspira: *Quam plurima fieri non posse priusquam facta judicantur*; porém muitas vezes a confiança passou alem destas leys, como diz Seneca, facilitando os mayores impossiveis: *Audacia legum victrix*, que quando não logre o vencimento na execucao, não se lhe deve negar a gloria de pertencello, como refere *Plinio Junior*: *In non assequutis voluisse sat est*. Não conseguira Portugal a immortal gloria da conquista da Asia, se no grande Horoe D. Vasco da Gama não houvera igual confiança ao ardor da empreza, que felizmente conseguiu; nem fora taõ igual ao desejo o successo, se nelle não correspondera igual confiança ao perigo, que teve, quando o Imperador Çamorim lhe quiz com huma bem concertada oracao mostrar o quam suspeitosa lhe parecia a sua navegacao, e a sua embaixada, satisfazendo com outra não menos eloquente, que confiada. Mal se livrara Scipiao o grande das accusacoens, que lhe faziaõ aos Tribunos da plebe, se elle com admiravel confiança, sem responder nada a elles, não dissera: *Hoje venci Anibal, e Carbago, e subo ao Capitolio a render as graças a Jupiter; e se algum de vós me quizer sacrificar, suba tambem ao Capitolio*; col a qual resposta sahio triumphante em vez de reo.

Os Ministros Politicos, que não tiverem confiança, não acabarão com ditoso fim as cousas que começarem; porque sendo o mayor instrumento

de se obrarem cousas grandes o esprearem-nas de si os executores, mal sahirá com hum grande governo, quem de si não confia grandes cousas, antes nasceraõ da falta desta nos Ministros grandes inconvenientes; pois não se animará a muito quem de si confia pouco, e menos poderá resistir a poderosos, quem ainda nem a ouvillos se atreve. Rara foy a confiança com que o famoso Joao das Regras se oppoz à doçação, que fazia o glorioso Rey D. Joao I. por todos os seculos ao grande D. Nuno Alvares Pereira de muitas terras juntas, dizendo, que não convinha que a doçação se fizesse na fórma que o Rey queria, não porque não merecesse mais, mas porque dando-lhe as terras juntas, poderiaõ os seus successores fazer sombra aos Reys de Portugal; inconveniente, que cessava, fazendo-se a mesma doçação, mas com as terras divididas.

Na confiança se ha-de ter tal meyo, que não seja pouca, que possa ser nociva ao bem publico, nem tamanha, que chegue a ser perniciososa; e por isso disse *Valerio Maximo lib. 3.*, que só merece louvada aquella confiança, que sabe pôr a estimacao propria tanto em seu pezo, q toma para si quanto baste, que não chegue a desprezo, nem passe a insolencia. Ha homens taõ confiados, que sahindo fóra dos limites da razao, se entraõ atrevidos sem pejo em os do desaforo, ou em os de temerarios; e deste genero de confiança, diz Seneca, se seguem grandes trabalhos: *Fiducia arrogans laborare solet*. Nem póde haver cousa mais vergonhosa, e nociva, que huma confiança sem freyo, e alheya dos termos da razao, e urbanidade, como escreve *Hemistao Probo in Pelopida*, e *Petrarcha lib. 2. de Republica*, que afirma, que a confiança, a que não acompanha a razao, e conselho, não póde finalizar bem seus atrevimentos, ainda que algumas vezes favorecida da fortuna, say a com felicidade em seus

progressos: *Audacia sine consilio semel, aut iterum fortunata esse potest; demum omnia evertit.* Entre a confiança digna de mayor reprehensão tem seu lugar a que toca na sabedoria, materia não pouco inficionada deste vicio. Com razão lhes chama nescios *Salomão no cap. 26. dos Proverbios*, aos que presumem de saber tudo: vicio he este, que traz consigo grandes danos, se acompanha com sujeitos de quem pende o governo, que levados do seu parecer, levaõ as cousas aos extremos, de que nasce conhecido perigo, pois, como diz *Amiano Marcelino lib. 23.*, o que governa de todo o muito se hade recatar, e

In audaces non est audacia tua.

E por isso escreve *Sêneca*, que senão devem escolher para o governo homens de espiritos demasiadamente confiados: *Spiritus magni fugiendi aliquando, & quos casus dedit, assumendi*: no temor, porque este embarga as acçoens muitas vezes precisamente necessárias, e inhabilita o sujeito para manifestar o que do bom governo alcança; como de *Isócrates* escreve *Erasmio lib. 8. apoph.* *Nam animi timiditas redebat Isócratem inhabilem ad dicendum.*

Ha-de o bom Ministro, primeiro que entre nas obras, pezar, e considerar muito bem a razão com que as emprende, e depois começallas, continuallas, e acaballas com grande confiança, sem que os perigos eminentes o desanimem de conseguir os fins. No principio de todas as cousas, aconselha *Titó livio*, he necessario conselho, e no perigo dellas ousadia. *Rebus inchoantibus consilio uti oportet, periclitantibus verò audacia*: preceda o conselho à execução da obra, e logo esta se executará sem perigo. Perigosa he a confiança, que se anticipa ao exame das forças, escreve *Quintiliano*: *Pernitiosum est prave-*

fugir delle como de baixos perigosos. Ha outros tão curtos, e pusilânicos, que por não fallarem em publico, e por não darem razão do que fazem, ou por temerem, que não corresponda à obra o successo, ou por não se atreverem a vencer as difficuldades, que podem sobrevir, deixaõ de obrar aquellas cousas, que a razão patrocinava, e a obrigação de seus officios queria; e este extremo senão he tão vergonhoso, e aborrecido, tem a mesma igualdade no nocivo. Em qualquer destes extremos corre perigo a Republica: na demasiada confiança, porque esta, segundo *Ovidio*, não he segura:

nire fiduciam vires. Tudo o desta vida he falso, e mentiroso, e por isso escreve *Santo Agostinho lib. 9. de libero arbitrio*, que ninguem vivéo seguro nos bens, que pôde perder involuntario, mas a razão, a verdade, a justiça, e a sabedoria são sempre constantes, invariaveis, e verdadeiras; porque, como afirma o mesmo *Santo*, se não podem perder sem vontade; e assim nellas deve confiar o bom Ministro o bom successo de suas acçoens, que sendo guiadas por tão excellentes virtudes, sahirão com luzimento. Ponha todas as suas confianças, e esperanças em Deos, porque estas sempre são verdadeiras, e não nos homens, que quasi sempre são falsas, e mentirosas. *São Bernardeste no primeiro Sermaõ do Advento* compara os que em suas acçoens confiaõ em alguma cousa fóra de Deos, aos que nadando em algum pégo, se vão ao fundo, e quando se sentem ir afogando, se afferraõ a qualquer cousa, a que se podem afferrar com as mãos, já a hum madeiro, já a hum pedaço de esteira, de forte, que ainda depois de mortos a não largaõ; e a causa he, que como se vem ir ao fundo,

fundo, querem sustentar-se em alguma cousa, já que na agua não podiaõ sustentar os pés, e procuraõ ter-se com as mãos, e se pegaõ a tudo o que se offerece; e o madeiro, por nadar sobre a agua, parece que promete alguma esperança de faude; porém como não tem firmeza sobre a agua, he arrimo sem força: primeiro se vay ao fundo, que tire ao que se pegou; assim o que confia em soccorro de algum homem, ou das cousas da terra, porque as vê engrandecidas, e levantadas, e como nadar sobre a agua, saiba, que edifica sobre o falso, que em carregando sobre ellas, se irá ao fun-

do, porque não terá firmeza para livrallo do golfo, e levallo ao porto. Exercitem-se na obra os que se querem achar sem difficuldades nella, diz Seneca: *Qui in ipsa re trepidare noluerit, ante ipsam rem exerceat*; porque he mais importante premeditar as cousas antes de as fazer, do que contemplallas de pois de executadas: *Quid faciendum sit*, diz o mesmo Author, *satiùs est querere, quàm quod factum sit*, porque desta sorte, tendo confiança em Deos, não pódem duvidar, que fayaõ suas acçoens com o acerto desejado, e seus intentos com o fim pertendio:

Soli fide Deo, soli constanter adhere;
A' solo cunctis eripiere malis.

De hum truhaõ do Principe D. Carlos, filho delRey Philippe II. se conta, que estando o Principe à mesa, e o gracioso cançado de estar de pé, se quiz encostrar a parede, e foy arrimar-se a huma chaminé, que estava tapada com o paramento do aposento, e como o pezo do corpo carregou em vasio, cahio. Riraõ-se os circunstantes, e o Principe disse: *Castigo ha sido de vossa pouca cortezia; fique-se hum por outro*; e o gracioso respondeo: *Por Deos, Senhor, que assim são todos os arrimos de Palacio*. Foy celebrado o dito, porém curto, porque não só os arrimos do Palacio são similhantes, senão todos os da terra, e tudo o que não he Deos, e seus Santos, como affirma David em o Ps. 15. *Eu disse no meu excesso, todo o homem he mentiroso*. Não lhe dá tal nome por fello em, as palavras, mas porque falta, e mente nas obras às confianças de quem se lhe arrima, como o tapiz da chaminé. Todo o homem junto, quanto ha nelle de dentro, e de fóra, he huma mentira, he hum engano, sua fazenda, seus contratos, suas pertençaens, sua vontade, seu entendimento, sua memoria, seu corpo, sua vida, sua saude,

e tudo quanto tem, he huma mentira, disfarçada com rebuço de verdade. Arrimai-vos a hum, fiado em que he muy rico, e empobreceo, e vos mentio sua fazenda. Arrimai-vos a hum, que pretendia huma grande dignidade, e de ante-mão andaveis engolofinado com os interesses, que della vos haviaõ de vir; teve máo despacho, ficafles em vaõ, mentiraõ-vos suas pertençaens; alcançou a dignidade, e vos tinha boa vontade de fazer-vos bem; porém com huma occasião de desgosto de vós, já o achais seco, e desabrido, e mente-vos sua vontade: não mudou a vontade, porém tendo bom conceito de vós, lhe fizeraõ huma informação sinistra do vosso termo, e trato, e vos tem já em outra conta, e por isso deixa de favorecer-vos, e mente-vos seu entendimento: toda via vos tem em boa conta, e vos deseja muy bem, mas acontece, que com outros cuidados se esquece de vós, e viveis taõ necessitado como costumaveis. O corpo tambem estava determinado a fazer-vos bem, trazia-vos em a sua lista, diante de outros andava à caça de huma boa occasião, em que empregarvos, e veyo huma enfermidade, que lhe

lhe acabou a vida, e desapparecerão com elle todas as vossas confianças. Arrimai-vos a hum grande Senhor, muy valido, e estimado do vosso Principe, para pelo seu valimento conseguireis officios, e dignidades; e estando no posto, vos pede lhe façais isto, ou aquillo, e por ser injusto, e contra a vossa consciência, o não fazeis, e tendes nelle não amparo, mas hum poderoso inimigo, que à boca cheya publica, que foy enganado quando vos favorecia, cuidando, que em vós havia os requisitos necessarios de hum perfeito Ministro, mas que a experiencia lhe tem mostrado, que sois hum injusto, e mal procedido, não só indigno do cargo, mas digno de com publica afronta ser delle deposto, e incapaz por todos os principios da menor occupação; e o que mais he, vos tira d'elle, ou findo o tempo, vos sepulta com notorias ignominias, e enganaraõ-vos vossas, ou suas confianças, Em fim todo o homem he huma mentira, e todos os seus arrimos hum engano; e por isso disse *Jeremias no cap. 17.*, que he mal aventurado o homem, que poem suas confianças em homens; e *Isaias no cap. 59.*, que pelos homens confiarem em outros, que são nada não ha quem invoque a justiça, nem quem julgue com verdade; e *David. Ps. 145.*, que se não deve confiar em Príncipes, nem em filhos de homens, porque nestes não ha salvação.

Ponhaõ os Ministros toda a sua confiança em Deos, e cerrados o olhos a todas as cousas do mundo, obrem de maneira que agradem em todas as suas acçoens ao mesmo Senhor, que logo

conseguiraõ tudo com fim ditoso, e bemaventurado; porque seus haveres são infinitos, com que os póde enriquecer: suas acçoens não podem ter máo successo, pois está na sua mão o de todo o Universo: sua vontade nunca se muda, que he eterna, e o eterno não admite variedades: seu entendimento não póde ser mal informado, porque vê tudo, nenhuma cousa esquece à sua memoria, porque he infinita; sua vida nunca se acaba, porque he immortal; e a ninguem falta senão a quem o deixa, como escreve *Santo Agostinho de Confess. lib. 4. cap. 9.*, e por isso disse *Jeremias no cap. 17.* que era bemaventurado o homem, que confia no Senhor, porque será a sua confiança certa; e *Salomão no cap. 3. dos Proverbios*, que se tivesse confiança no Senhor de todo o coração; e no *cap. 3. da Sabedoria* se diz, que todos os que confiaõ no Senhor, entenderão a verdade; e *São João no cap. 8.*, que a verdade, que he Deos, os livrará; porque não costuma desamparar os que poem nelle sua confiança, *ex Judith. 6.*, e sendo Deos pelos que amaõ a justiça, ninguem se atreverá contra elles. Guardem pois inteira justiça com confiança naquelle Senhor, de quẽ são retrato em quanto determinaõ suas acçoens pelo entendimento, e não os enfraqueça a sua humildade, porque quem lhe deu o corpo fragil, tambem lhe communicou hum entendimento immortal, participado dos reflexos daquella Divina luz, e sabedoria infinita, como cantou com bom discurso o Poeta Wem.

*Desperet Cælum natus de pulvere nemo;
Desperet Cælum nemo, quòd umbra sumus.
Nostra caro est pulvis, sed ex eodem pulvere corpus
Fit Domini; mens est umbra, sed umbra Dei.*

Na guerra justa terãõ a seu lado o Senhor dos exercitos, como experimentou o Santo Rey Pelayo, quan-

do perdida Hespanha por D. Rodrigo, sahio no anno de setecentos da cova, com huma pequena reliquia, e com

com a confiança em Deos destruiu, e venceu hum sem numero de Mouros, contra quem se voltavaõ as mesmas settas, arvorando-se no Ceo em final desta victoria huma Cruz no tempo da batalha; e Garcia Ramires, que pouco depois teve huma grande victoria com poucos soldados, confirmada com o estupendo milagre de achar refuzitados sua mulher, e filhos, a quem havia muito antes de entrar no conflicto sepultados, por naõ virem dar as mãos de seus contrarios; caso, que ao depois succedeo em tudo muy semelhante na Villa de Montemor o Velho. D. Affonso I., e D. Ramiro, que junto a Alveda passou a cutello sessenta mil Mouros, sendo seu General o Apostolo Santiago, que Deos mandou em seu soccorro, em premio de haver este famoso Rey tirado de Hespanha aquelle infame tributo, que a diabolica ambição de reynar em o bastardo Mauregato introduzio de pagar cem donzellas todos os annos ao deshonesto, torpe, e sensualissimo appetite Mahometano. O Imperador Carlos Magno, no anno de setecentos e oitenta e cinco, quando venceu em Girona a seu Rey Mouro com grande mortandade, vendo-se no tempo da batalha chover sangue, e cair Cruzes sobre os vestidos. El Rey D. Affonso VI. quando no cerco de Toledo vio sobre sua cabeça o estandarte da Cruz, e com este annuncio sitiou, e tomou a Cidade, em que entrou descalço, à imitação do Imperador Heráclio, quando vencido o Persa, entrou por Jerusalem descalço, acompanhado da Divina Cruz, que havia resgatado com a ajuda do Senhor. El Rey D. Affonso VIII. quando sendo vencido em aquella lamentavel batalha de Alarcos, se conjuravaõ para deitar de Hespanha todo o Christianissimo Miramolim com trinta e tres Reys mais, e para este effeito passaraõ a Hespanha no anno de 1212. com cento e setenta mil de cavallo, e mais de quatrocentos mil de pé, e junto às Navas de Tolosa o dito Rey com o de Navarra, e Aragaõ os vencerão com tanta mortandade, que passaraõ de duzentos mil, e com tal prodigio, que appareceo no Ceo no tempo da batalha o estandarte da Cruz, cercado de resplendor, e morreraõ a penas vinte e cinco Christãos. El Rey D. Fernando na conquista de Sevilha. El Rey D. Affonso XI. quando acompanhado do nosso Rey D. Affonso IV. seu genro, derrotou nos campos do Salado junto a Tarifa no anno de 1340., com morte de mais de duzentos mil Mouros, a El Rey Alboacem de Marrócos, e outros Reys, que passaraõ a Hespanha com quatrocentos mil de pé, e sessenta mil de cavallo, fiados firmemente em Deos, cuja era a causa, só com quatorze mil de cavallo, e vinte e cinco mil infantes, à custa de vinte Christãos sómente; batalha, que se deve ao valor do nosso Rey, pois elle confiado em Deos, animou o de Castella a dar a batalha, que receava pelo desigual numero dos exercitos, dizendo, que se elle naõ quizesse, que elle só com a sua gente a daria, e que esperava em Deos, que o faria vencedor de seus inimigos. El Rey D. Fernando o Catholico, que com a confiança em Deos, acabou de deitar os Mouros de Hespanha. O nosso Rey D. Affonso I. quando no Campo de Ourique, (minha Patria) berço do Imperio Portuguez, e theatro antigo de suas glorias, derrotou, e desbaratou a cinco Reys Infieis com quatrocentos mil Mouros, em vinte e seis de Julho de 1139., com menos de quatorze mil homens, que fizeraõ nelles tanto estrago, que tres dias correraõ cheyas de sangue as ribeiras de Terges, e Cobres, assistido de Christo Senhor nosso, que crucificado lhe havia apparecido, segurando-lhe a victoria, e ordenando-lhe que aceitasse

accitasse o título de Rey, porque queria nelle, e na sua geração estabelecer o seu Imperio. Com esta mesma confiança mandaraõ seus successores a visitar o Sol no seu berço; os de Castella a assistir-lhe no seu occaso, vencendo huns, e outros com invencíveis espadas as fabulas, e ficções, que de outros Cavalleiros Andantes fabricou a invenção humana; e se a experiencia nos não houvera advertido a verdade de tão heroicis feitos, os tiveramos por patranhas, e fabulas conhecidas; mas que muito que excedesse as sonhadas fabulas das forças humanas, quem pelejava com as Divinas, pois em seu soccorro se vio posta em campanha a mesma Rainha dos exercitos em o cerco de Diu, sendo Capitaõ D. João Mascarenhas; e a mesma Cruz de Cristo no mar da

Persia, servindo de Capitaõ ao grande Affonso de Albuquerque; e nas Provincias de Ethiopia, quando a ellas passou o famoso D. Christovão da Gama; e nas Indias de Castella se vio muitas vezes a mesma Senhora em favor dos Hespanhoes, como affirma Fr. Antonio no lib. 1. das Historias da India.

Concluimos, que para se emprenderem, e finalizarem com successo feliz, se haõ de emprender com a ousadia, e confiança regulada pelos dictames da prudencia, dirigida pelas regras da justiça, ordenada pelos preceitos da fortaleza, e fabricada na officina da temperança, sendo sempre o fim, e recta intenção da confiança o mesmo Deos, que he o que aconselhou já *Wem lib. 3. Epig. 160.*

*Respice principium potius, sed prospice finem,
Cælum suspiciens, despiciensque solum.*

Que conforme a traducção de D. Francisco de la Torre, diz o seguinte:

Mira, tu principio encierra
En ver tu fin el delvelo,
Tu fin mirar azia al Cielo,
Y tu principio azia tierra:
Si la tierra de mi ser
Es planta, pizela yó,
Que en ella los piés, y no
La cabeça he de tener:
Esta del Cielo hade ser;
Seré assi con intereza,
Gigante de alta grandeza,
Si pueustos, como justo és,
Tengo en la tierra los piés,
Y en el Cielo la cabeça.

L I Ç A M III.

Da Magnanimidade.

HE legitima filha da confiança a Magnanimidade, e produzida com felice parto, que sobrepujaõ em muito as excellencias

da filha às virtudes da mãy; porque a magnanimidade he virtude, que consiste em obrar cousas grandes, a que segue a honra grande das virtudes; ou huma virtude, que consiste em a mediocridade à cerca das honras grandes, só pelo motivo do honesto: ou huma virtude, que caminha para as cousas mayores conforme a recta razão; ou huma virtude effectiva de grandes beneficios; ou huma virtude, pela qual sofre com a mesma igualdade o animo as desgraças, que as venturas, as honras, q os discreditos; não sintindo com grande alvoroço a promoção às grandes honras, nem magoando-se com grande afflicção, se lhe negaõ as devidas. Muito parentesco parece tem esta virtude com a virtude da modestia; mas entre huma, e outra se descobre huma grande differença, porque a modestia respeita as honras means, e a magnanimidade as grãdes; como a magnificencia se distingue da liberalidade; porque esta se exercita em gastos medianos,

dianos, e aquella em gastos grandes, se differença a magnanimidade da modestia, sendo a grandeza huma cousa tão effencial a seus objectos, como a seus nomes.

He a magnanimidade húa perfeita virtude do animo, ou, como lhe chamou São Gregorio Nazianzeno, hum ornamento de todas as virtudes; e assim ainda q a magnanimidade não seja formalmente fortaleza, nem magnificencia, nem justiça, nem sabedoria, será o magnanimo forte, magnifico, justo, e sabio; terá todas as virtudes moderadoras da paixão, da vontade, e entendimento; porque tem as virtudes entre si tanta amizade, que nenhuma se despreza de servir huma a outra, para que senão estrague a perfeição de cada huma; porque assim como basta para affear a summa belleza do corpo o menor defeito, assim para destruir qualquer virtude, sobra que lhe não faça sociedade qualquer das outras; pois se para a constituição de qualquer maldade he sufficiente causa o menor defeito, para a effencia de qualquer bem he necessario, que concorraõ uniformes todas as causas: será seu coração altar da honestidade, livre de toda a baixa affeição; sua razão será medida do racionavel, sua prudencia luz da verdade, e soltura das duvidas: seu entendimento escola das virtudes, e escola das sciencias, mas sciencias mais uteis, que cousas mais curiosas, mais grandes, que subitís, philosophando entre si de melhor vontade com os doutos silencios de Pithágoras, que com as ruidosas cavilaçoens de Porthágoras, ou de Académio; de modo, que se poderá dizer, q a magnanimidade he hum desejo moderado de honras grandes, fundado em a grandeza de todas as virtudes unidas entre si: ou que a grandeza de todas as virtudes he materia da magnanimidade, e o desejo moderado de honras grandes he sua fôrma; e por isso lhe chama Aristóteles coroa de to-

das as virtudes; e assim como o corpo se cria para compor com a alma, e a alma com o corpo, como ensina Aristoteles: *Corpus est factum propter animam, & anima propter corpus*; assim as virtudes todas se ordenaõ a compor com a magnanimidade, e a magnanimidade com todas as virtudes.

Desta grande virtude nasceraõ todos aquelles titulos de honra, que a voz do Povo, e a pena dos sabios dignamente appropriaraõ a todos os Principes grandes, julgando, que a grandeza da dignidade deve corresponder muy igual à grandeza da virtude, e do animo: della porcedeo o titulo de *Illustre*; porque a magnanimidade faz resplandecer todas as virtudes, como a luz faz luzir todas as cores dos corpos sombrios. Della resultou o titulo de *Excellencia*, porque a excellencia he hum termo relativo, que contendo o menos, accrescenta o mais; e a magnanimidade accrescenta sobre a virtude commua hum excesso de perfeição. Della dimana o titulo de *Alteza*, porque o magnanimo comparado com os outros virtuosos, he como o monte Olympo comparado com os montes contiguos; porque donde os outros acabaõ, começa elle. Della se dirige o titulo de *Serenissimo*, porque o entendimento do magnanimo transcendendo, como o cume do mais alto monte, as nuvens, e tempestades, goza sua perpetua, e imperturbavel serenidade. Della se deriva o titulo de *Magno*, attribuido dignamente a Pompéo, e indignamente a Alexandre; porque nenhum bem ha neste mundo verdadeiramente grande, senão a virtude; e o animo do magnanimo he capaz de todas as virtudes. Della finalmente deduziraõ os antigos Gentios o titulo de *Semidéoses*; pelo que Estacio chamou a Achilles magnanimo; porque se a virtude só he a que faz os homens semelhantes a Deos, não he maravilha, que huma virtude tão superior às virtudes hu-

manas, se conte entre as cousas Divinas.

Deve-se ao magnanimo o premio de suas virtudes, como a palma ao vencedor; e estas são as honras grandes, que só estas podem ser verdadeiro objecto da magnanimidade, as quaes não deseja o magnanimo por ambição, porque não pertende mais daquillo que se lhe deve; e ainda quando se lhe negue, conhece, que a virtude, que exercita, he bastante premio do seu merecimento, segundo Santo Thomaz: *Virtus ipsa sibi satis magnum præmium est, nec ornamenta ulla aliunde desiderat*; e que a ambição he hum appetite immoderado por razão da honra, bugia da caridade; porque a caridade he sofredora pelos bens eternos, a ambição pelos temporais; a caridade benigna aos pobres, a ambição aos ricos; a caridade tudo padece pela verdade, a ambição pela vaidade; e daquivem, que ou as receba, ou as refute, não tem outro motivo mais que o honesto, e o conveniente. O magnanimo faz obras grandes, e plausiveis por si mesmas, e não as faz por ser applaudido, senão porque convem assim à virtude: assim o magnanimo deseja honras grandes, não para ser honrado, senão porque assim o requer a sua virtude, antes despreza as honras, e se as deseja, he com hum desejo mederado, e tão indifferente, que lhe não mudará o rosto, nem o conseguillas, nem o não alcançallas; nem contenderá com outro em conseguillas, nem despoja a quem as possui, nem finalmente suspira por chegar aonde aspira, como o ambicioso, que sempre anda cheyo de medo, e muy recatado para não dizer cousa, que possa descontentar a quem o servir, todo vestido de huma humildade fingida, de huma honestidade falsa, de huma affabilidade affectada, de huma benignidade supposta, de hum obsequio servil, de huma corte-

zia humilde, de huma assistencia continua, e de huma frequencia perpetua, de hum applauso perenne, de huma lisonja rendida, tudo a fim de conseguir o que pertende, para o que não perdoa a nenhuma diligencia, e ainda aonde não houver pó, o sacudirá, como escreve *São Gregorio in Registro*. Por pequeno, e limitado se deve julgar o animo, a quem só as cousas terrenas delecta, sem levantar o pensamento às cousas eternas: assim o escreve o sentencioso Seneca: *Angustus animus est quem terrena delectant*. Nem póde ser assistido de virtude, o que procura na terra a honra devida aos seus merecimentos; porque, segundo Aristoteles, não ha na terra premio, nem honra, que iguale o merecimento da virtude: *Virtuti perfecta non fit condignus honor*.

Naõ refuta o magnanimo as honras por temor como pusillanime, se não porque convem, que as não aceite; e se as aceita, não as haverá sollicitado como o soberbo, senão porque ellas o haõ sollicitado a elle, e as aceitará como hospede cortez, mais por honrallas, do que porque ellas o honrem. Naõ busca o magnanimo honras grandes, nem despreza as pequenas, porque de hum animo dotado da virtude da magnanimidade he desprezar as honras grandes, e contentar-se com as pequenas, como escreve Seneca: *Magnanimi est magna contemnerè, & mediocra malle, quàm magna*. Havendo tocado o escudo de Achilles por mandado dos Juizes ao caviloso Ulysses, e não ao magnanimo Ayax, o proprio escudo andou nadando no mar até encontrar com Ayax sepultado. O escudo incensível teve melhor sentido, que os Juizes pretendido do indigno, se foy a buscar ao que o merecia. Em quanto Serrano, e Cincinato, retirados dos cuidados da Corte, e quasi mortos das honras, hum semeava, e outro lavrava suas terras, se foy o Consulado perten-

pertender a Serrano, e a Dictadura a Cincinato: aquelle recolheo em sulcos, em vez de feras, armas; este sobre o corpo cheyo de pó, vistio a Clâmide; assentando o arado, desembainhou a espada, tornou ao arado, e parece que apressou a victoria para acabar os regos.

Muitas, e grandes propriedades encerra em si o magnanimo, que como pedras mais preciosas, engastadas em o mais fino ouro de Ophir, fazem sobressahir entre as mais virtudes esta excellente joya da virtude da magnanimidade, as quais referiremos, ainda que com brevidade, com a mayor propriedade que nos for possível.

Primeira, e principal propriedade do magnanimo he ser desprezador; e por esta razão com os falsos estimadores das cousas o pusilanime passa praça de modesto, e o magnanimo de soberbo; aquelle será mais amado, e este mais temido; porque assim como os que estão sobre huma alta torre, todos os homens que vem de baixo, lhe parecem formigas, assim o magnanimo despreza, e tem por nada todo o homem particular, por nobre, e rico que seja, julgando se em grão tão superior, quanto lhe são inferiores na virtude; porque nada tem por cousa grande, senão as grandes virtudes, que sem engano conhece em si; e porisso não admira nada daquillo, que os outros admiraõ; e daqui nasce, que não attende a saber o que os outros fazem, nem cuida de que outros saibaõ o que elle faz; nem gaba, nem despreza a ninguem, nem cuida de que o gabem, nem faz caso de que o desprezem; e ainda que não preza, nem despreza a cada individuo de persi, faz muito caso da multidão, considerando, que supposto que a virtude de cada hum particular seja muy inferior à sua, todos unidos podem ter virtude igual, e mayor; e daqui vem dizer Aristóteles, que a multidão se deve venerar; e

Cicero 2. *Tuscul.* que sempre se reputa util, e honesto tudo o que tem na multidão tão geral, como igual louvor. Nada no mundo ha mais debil, nem mais desestimavel, que huma gota de agua: porém nada he tão rapido como todas juntas: cada huma de persi merece desprezo, todas juntas abatem os outros, cobrem os montes, alagaõ as Cidades; e por esta razão disse Periandro: *Guardate de multos;* e da mesma sorte estima aos magnanimos seus semelhantes, em quanto se tem na sua mesma igualdade, porque ao mesmo passo que a similhaça gera amor; a paridade emulação, e a mulação, que sente alguma vantagem, degenera em inveja, e esta em odio mortal. Foy Mithridates idéa dos magnanimos pela esplendidez da liberalidade, magnificencia de obras, e grandeza de animo entre os barbaros do Oriente. Dos mesmos doctes estava adornado Natão, mas parecendo-lhe, que não era sua honra em quanto tinha outro igual, entrou em proposito de deitar do mundo Mithridates, seu semelhante, designio, que houvera chegado a alcançar, se Mithridates, que sempre havia feito estudo de agradar a todos, por agradar tambem a seu inimigo, não houvesse offendido cortezmente o que elle cruelmente desejava, isto he, sua cabeça; atéqui chega a summa magnanimidade. Admirou se Natão de forte, que arrojando se a seus pés, se fez subdito de seu competidor.

Propriedade he tambem do magnanimo, estimar os amigos, só porque os ama, mas estes foraõ poucos; porque he mais amado aquelle que he raro, e que se acham em poucos as condiçoens, que o magnanimo busca em seus amigos, que são affecto sem affectação, facundia sem loquacidade; porque não confite a eloquencia em fallar muito, senão em fallar bem; engenho florido, costumes suaves, sciencia sem cavilação, valor discre-

to, que fuja os perigos como discreto, que os veja como prudente, que os não tema como justo, que os não finja como medroso, que os não ache como nescio, que os não busque como temerario, que os despreze como honrado; que como estas são as partes do magnanimo, segundo *Eusebio nos dictames num. 48.* destas mesmas quer o magnanimo que haja nos que busca para amigos; e deste modo eraõ os amigos de Augusto o

*Qui rectè vivit, contemnit jura superbi;
Conscia mens recti nil timuisse potest.*

E como refere Séneca, o premio da virtude he odio dos vicios: *Premium virtutis vitiorum odia.* São os soberbos magnanimos fingidos; e assim como o gallo, quando vê no espelho sua imagem fingida, se encrespa, e se enfada, e com o bico, e azas injuria aquelle vaõ simulacro de si mesmo, assim o magnanimo aborrece o soberbo, e o persegue cruelmente, porque a soberba não he outra cousa mais que huma mentida, e fingida imagem da magnanimidade; e não sem razão se fabulizou, que Jupiter tinha sempre junto a si a Adastrea, Deosa

*Nil facit invictus, sapiens exire recusat.
Quod evitare nequeas, vele necesse tibi est.*

Primeiro se unirão estes dous contrarios fogo, e agua, que estes dous magnanimidade, e servidaõ; porque não será grande aquelle animo, que se possa cingir com nó servil, nem será digno de grandes honras o que se fugeita ao arbitrio alheyo. A natureza fez aos homens livres, a fortuna servos, a violencia escravos: o magnanimo nunca perde a liberdade, porque nunca faz nada por força, nem se rende à fortuna; porque assim como a terra produz as arvores, plantas, pedras, minerais; assim a magnanimidade cultiva no animo, e

magnanimo Marco Agrippa, e Mecenas, com os quaes só se familiarizava, e aos quais só descobria seu coração, e pelos quais só consentia ser aconselhado, e corregido.

Não menos he propriedade do magnanimo, aborrecer os soberbos; porque segundo o Poeta Wem, o que vive regulado pelos dictames da virtude, necessariamente ha-de desprezar os preceitos da soberba:

da indignação, para abater os soberbos, que sobre-fahem mais do que he razão; e este foy só o motivo do implacavel odio de Cataõ contra Cesar, soberbo, e não magnanimo, porque não vio a Patria nem mayor virtude, nem mayor animo. Não se oppoz tão obstinadamente Hércules à Hydra, como Cataõ a Cesar, não para occupar o Imperio que merecia, senão para que o não occupasse indignamente hum soberbo.

He outro si propriedade do magnanimo o viver livre, assim como o he do sabio, segundo o Poeta Wem:

entendimento do sabio a virtude para o remedio d'alma, e a aperfeicoa de maneira, que o magnanimo he livre entre os homens, e manda tudo: e não se estende seu dominio sómente sobre o mortal, senão tambem sobre os Astros. Todos os demais servem, e obedecem. Os Principes, os Reys, que parecem tão absolutos donos de seus vassallos, e subditos, se desprezaõ as virtudes, são servos de suas paixões, e escravos de sua desordenada vontade; porém o magnanimo, com ser dono de si mesmo, o vem a ser de todo o mundo; e não sendo a liberdade mais que

que huma livre faculdade de obrar cada hum ao seu arbitrio, e não sendo o arbitrio mais livre, que em quanto se accomoda com a razão, fica claro,

que he mais livre quem vive regulado pela recta razão: assim o cantou elegantemente Wem:

*Virtus libertas est optima maxima, solus
Ille potest, ut vult, vivere, qui bene vult.*

E como o magnanimo seja sempre o que vive a ella mais conforme, he o magnanimo o que vive sempre mais livre; e por isso nem a ley Divina, nem a natural podem tirar a liberdade ao magnanimo; porque estando ambas fundadas na recta razão, e não querendo o magnanimo mais que aquillo, que quer a razão recta, vem a ser que nunca obra constringido da ley, senão inclinado de sua propria vontade, que he a sua ley, e o seu legislador; e sem duvida, que esta he a razão porque Seneca disse, que os que obedeciaõ a Deos, obravaõ livremente: *Deo parere libertas est.* O mesmo succede na ley civil, e humana, porque sendo a ley justa, e fundada na recta razão,

(como deve ser) não póde violentar ao magnanimo, que não quer outra cousa mais do que a razão quer; e por isso disse Aulo Gelio, que o sabio, e magnanimo não podia ser constringido: *Sapiens cogi non potest;* porque não póde haver razão, que obrigue violentado a quem a abraça espontaneo.

Tem Tambem o magnanimo por propriedade não servir à fama, porque não serve à opiniaõ alheia, nem teme o rumor contrario; porque o que vive certo na virtude, não se intimida com a opiniaõ contraria, que delle fórma o vulgo; e só cabe em animo vicioso o viver sollicito de grangear a fama que não merece, como cantou Wem:

*Conscia mens certi nullo commota pavore est;
Ut mala mens semper sollicitata pavet.*

Vale mais huma certeza da verdade, que infinitas opinioens; e nenhum póde ter certeza da bondade da obra, senão aquelle que a faz, porque elle só conhece o animo com que a faz; e por isso o magnanimo estima mais sua propria opiniaõ, que a opiniaõ de todos os outros homens; porque considera, que senão ha-de ter receyo de nada, quando se obra bem, nem le deve apartar do bem, porque o murmurão todos. O virtuoso pode ser murmurado, porém não aborrecido. O vicioso reprova o máo, que não concorda com o seu vicio; aborrece o avarento ao prodigo, o luxurioso ao ladraõ, o temerario ao cobarde, e nenhum ha taõ máo, que possa reprovar a virtude. Hercules instituiu hum sacrificio ao som das maldiçoens, para

dar a entender, que hum animo grande deve obrar bem, sem cuidar de que os outros digaõ bem. Momo, filho do Somno, e da Noite, tendo-se por censor maximo dos Deoses, reprehendia suas feitura, porque o Touro não trazia as pontas nas espadas, e porque o homem não tinha huma janella no peito, e porque o Palacio de Minerva não era portátil sobre rodas; porém assim como os Deoses tomavaõ as coufas do maldizente Momo como de hum rediculo truhaõ, por passatempo, e não por enfado, assim o magnanimo, unico Juiz de suas açoens, despreza os maldizentes como nocturnos Bufos, e Morcégos, filhos do somno, e da noite.

Não serve tambem o magnanimo à vida, porque não vive para conser-valla, senão para acaballa com grande

de honra, e porque sabe, que em saber morrer, confiste a unica honra,

a que pode aspirar o homem mais magnanimo, como cantou Wem:

*Mortis honos est scire mori, vitæque beatæ
Exitus est testis, qui sine labe fuit.*

Que traduzio D. Francisco de la Torre na fórma seguinte :

Saber morir es la honra
De la muerte; y la probança
De vivir bien es aquel,
Que sin delitos acaba.

Morre vivo para tudo o que póde servir de embaraço para alcançar a honra de huma boa morte; que este he o unico meyo com que se consegue aquelle fim, como bem ponderou Wem lib. 3. Epigram. 49.

*Mortuus ut vivas, vivus moriaris oportet,
Assuescere ergo priusquam moriari, mori.*

Etraduzio D. Francisco de la Torre na maneira seguinte:

Para vivir muerto, importa
Morir vivo; piensa el fin
Que es ensayo a eterna vida
Antes de morir, morir.
Que has de enlazar, hombre, advierte
Previniendo tu partida
La jornada de la vida,
Para el passo de la muerte.

Porque para dilatalla
Vida de siglo no escaffo,
Con errar tan solo un passo,
Pierdes toda la jornada.

E tambem porque considera, que não está o bem da vida em viver muito, senão em viver bem, como disse o Séneca: *Non vivere, sed benè vivere bonum est*; e como cantou Wem:

*Nemo diu benè quisque potest, at vult benè nemo
Vivere; vis ne diu vivere, vive benè.*

Naõ attende a que seja larga, senão boa; porque he imprudencia, condemnada por Plinio o Moço, o medir a vida pelo curio dos dias, sendo só as boas obras a justa medida da vida: *Imprudens est diligentia hominum, qui numerum dierum computant, non pondus.*

da véla, cuja luz, ou luza entre os candores da cera com serena luz, ou com vento desfeito, quanto mais de prella arde, quanto com mayor brevidade acaba, ou desfeita em cinza, ou affogada em fumo; como com energia descreveo hum grande fugeito dos nobres tempos no Soneto seguinte:

E porque pondera, que he a vi-

Bela, que en golfo de esplendor navegas,
Por luzidos candores estendida,
Hasta desvanecer desvanecida,
Y ciega por luzir, hasta que ciegas.
Se serena luz hay presto, te anegas,
Se corre tempestad, vás sumergida,
Huyes con breve soplo de tu vida,
Y con serena calma a tu fin llegas.

Tan fin memoria viene tu occidente,
Que aun de leves cenizas breve copia,
Noticia no dará de lo luziente

Humo será a tu fin, pyra no impropria,
Dexarás sombra en todo, y folamente
No dexarás la sombra de ti propria

E que não he vida o haver vivido muito, mas só a com que de presente se vive, julga que não importa o haver vivido muito, e o viver de presente, se a vida ha-de necessariamente perecer, e póde por instantes acabar; como agudamente considerou Wem, quando escreveo:

*Non vixisse diu vita est: at vivere, vita est:
Quid juvat ergo diu vivere, deinde mori*

Que traduzio com a sua elegancia costumada D. Francisco de la Torre:

No es haver vivido mucho

Vida: es lo vivir a ora?

Luego, si muero despues,

El vivir mucho que importa?

*Quod nequeas vitare fugis! mors omnibus instat.
Nec formidanda est, nec fugienda tibi.*

O mesmo conheceo Ovidio, quando escreveo:

*Tendimus huc omnes, metam properamus ad unam,
Omnia sub leges mors vocat atra suas.*

E confessou Horacio, quando disse

Pallida mors æquo pulsat pede

Pauperum tabernas,

Regumque turres.

E como aquella grande alma está cheia de grandes virtudes, não compra a vida por qualquer preço, nem a expoe por qualquer motivo, considerando por huma parte, q para qualquer preço he a vida limitado emprego, pois tendo a vida huma perpetua contenta sobre a terra, como disse *Job. cap. 7.*, assaltada de tantos inimigos, e que de nenhum está segura, pois quando se imagina livre de huns, a acometem outros, e quando cré que tem acaba-

E porisso nem teme, nem foge a morte, porque sabe, que não se deve temer, nem fugir o que de nenhuma maneira se póde evitar, como engenhosamente aconselha *Wem no Epigramma seguinte:*

do com estes se topa com outros novos, e não esperados, como diz o *Esprito Santo cap. 12. do Ecclesiast.*, quem, à custa ainda do mais leve preço, fará compra de cousa tão incerta no quando se acabará, e tão certa na infalibilidade de q ha-de acabar: de huma cousa que os humores inchaõ, as dores attenuaõ, os calores secaõ, os movimentos adoeccem, os comeres inflamaõ, os jejuns emmagrecem, os passatempos delataõ, as tristezas consolmem: huma vida, a quem os cuidados curvaõ, as riquezas inquietaõ, a pobreza opprime, a mocidade desfaz, avelhice desbarata, e a enfermidade acaba, como discretamente escreveo o Poeta.

Optima

*Optima quæque dies miseris mortalibus ævi
Prima fugit; subeuntque morbi, tristis senectus,
Et labor, & duræ rapit inclementia mortis.*

Huma vida, a quem a morte dá fim, a sepultura esquece, e como se nunca fosse, se reputa: huma vida, que se desvanecce como sono, que passa como sombra, e acaba como fumo: huma vida, que sobre breve, nem nessa brevidade tem certeza, como escreve Seneca: *Quis crastinum pollicitabitur*: huma vida, que quanto tem mais de dilatada, tanto tem mais de molesta: huma vida, que assim como o navegante caminha obrigado do impulso da náó, ou esteja de pé, ou assentado, assim ella por todos os momentos do tempo busca com pressa o fim, ou vigiemos, ou durmamos: huma vida, que tudo he perigrinar de manhã até noite, de noite até manhã, sem topar venda de refrigerio, nem pousada de descanso, verdadeiramente comparada ao rio, cujas ondas com grande pressa vão atropellando humas a outras, até chegarem ao mar onde fenecem. Não ha roda de rologio comprimida com as pezas das pedras, que a tiraó, a qual dando voltas de dia, e de noite, nunca topa o ponto donde alivie; como a vida do homem, que passando pontos, horas, e annos, sempre vay arrastando com as cadéas de seus pezares, sem que pare; e por isso disse *Seneca no lib. 2. cap. 19.* a seu amigo Lucillo, que a vida humana nunca traz termo às misérias; e *Plinio Menor* a seu amigo Rufo, que cousa mais breve, que a vida mais larga; *Nihil tam circumcisum, tam breve, quam vita hominis longissima.* Hontem foy Imperador Nero, e já hoje não parece homem dos que em seu tempo tiveraõ Consulado, por onde vemos, que com razão se derramaraõ aquellas lagrimas de Xerxes, o qual atalayando desde huina torre o innumeravel exercito que trazia, começou a chorar, por

que em breves annos não havia deificar homem de quantos trazia consigo. Verdades são estas, que conhecem os meninos quando nascem; e por esta razão diz S. Cypriano, que entraõ no mundo chorando; e os barbaros de Thracia, que costumavaõ chorar quando nasciaõ os meninos, recontando as desventuras a que vinhaõ, e lhes cantavaõ alegremente endeixas quando morriaõ, dando-lhes o parabem de haver-se livrado das misérias humanas.

Por outra parte considera, que entre os melhores bens da natureza tem primeiro lugar a vida; e por isso *Joseph de bello Judaico lib. 7. cap. 7.* a gradúa pela melhor graça da natureza, da qual se deve fazer o mayor apreço, pois com ella se alcança merecimento de huma vida eterna, para cujo fim he sempre digna de mais estimaçãõ, como escrevo *Santo Agostinho Epist. 47.*, e assim o magnanimo não compra a vida pelo menor preço pelo pouco, que tem de firmeza, nem a expoem por qualquer motivo pelo que com ella póde merecer; e por isso não trata de viver muito, senãõ de merecer muito, contando a largueza da vida, não pela duraçãõ dos annos, mas pela grandeza dos merecimentos.

Muitas mais propriedades tem o magnanimo, que por serem tamanhas, não se podem abbreviar no pequeno de huma Lição, sem que se falte ao que merece a grandeza de sua materia; razão porque nos resolvemos a dilatalla com mais larga mãõ nas Liçoens seguintes.

L I Ç A M IV.

Sobre a Fortuna.

HE a Fortuna hum repentino, e não esperado acontecimento em todas as cousas: *Accidentium rerum subitus, atque inopinatus eventus*; tão varia, que não tem mais constancia, que a firmeza de ser varia; tam leve, que não tem outra constancia mais que na liviandade com que vem, e brevidade com que passa; tão incerta, que não tem outra certeza mais que a de ser sempre mudavel; tão cega, que aos olhos cerrados com o mesmo impeto que arroja os bens aos máos, os tira aos bons, prezando-se sempre de abater os benemeritos, e levantar os que menos merecem. Não padece mais mudança a Lua em seus movimentos, do que a roda da fortuna em suas mudanças; sendo sempre como o mar, que fluétuando em perpetuo crescer, e minguar, já mais achão descanso suas ondas. Humas vezes se inclina a esta, outras àquella parte, como ba-

lança inconstante, violentada da desigualdade do pezo. Em fim mulher defectuosa, cega, que não respeita virtudes, nescia, que não distingue merecimentos, louca, que não repara em crueldades, temeraria, que se arroja com impeto desenfreado, sem juizo, nem razão, sempre instavel, e em mudança só firme.

A roda da prospera fortuna he mó, em que a fia o discurso as pontas de sua agudeza, para fazer a anatomia dos coraçoes. Os de humilde nascimento se elevados não são soberbos, fazem-se dignos de que sua prosperidade adquirida vista a natureza de herdada. Agatócles, filho de hum Oleiro, e depois Principe soberano, fazendo ostentação de seu nascimento, misturou entre os frageis barros de que se servia, o ouro da Magestade, servindo-lhe aquelle barro de seus principios, de marmore donde se gravaraõ elogios à sua grandeza, e silencios à sua humildade. Não acabaõ de applaudillo Polidio, e Suidas; e em hum elegante Epigramma Ausonio, que remata:

*Fortunam reverenter habe quicumque repente
Dives ab exili progredere loco.*

Que traduzio D. Francisco de la Torre na fórma seguinte.

Tu el que te hiziste rico de repente,
Con temor reverente,
Maneja tu fortuna,
Y si de obscura estirpe fué tu cuna,
Una clara modestia será abono
Que proporcione con la cuna el throno.

Que poucos discipulos, e imitadores tem hoje no mundo Agatócles, e outros muitos, que poderamos refirir! Porque hoje não o fazem assim os que elevados pela cega fortuna do profundo da miseria ao alto da felicidade, que sendo de abatida origem, são de

levantada soberba, e com o improprio esplendor da fortuna, querem doutrar a baixeza do nascer, competindo em a superficie do fausto com os mayores, a quem o nascimento, e antiga virtude propria, e de seus mayores collocou em esphera superior, sem advertirem, que ainda que seja igual, e mayor o precioso do vestido, o custoso das galas, he sempre muy differente o forro, pois por mais que o precioso das galas, o custoso do vestido queiraõ encubrir o forro, sempre o destes será de droga pobre, e o daquelles de mocissa, e incorrupta seda.

Estes ridiculos monstros da fortuna são aborrecidos de todos, porque querem favorecidos, e amparados

da fortuna desprezar os menores, exceder os iguais, e competir com os superiores; blasonando com honras compradas da fortuna, com sangue supposto, que ou a sua vaidade atrevidamente rouba, ou a dependencia men-

tiosamente lhes persuade, aos quais se deve responder o que a hum rico vaõ, que blasonava descender de Reys, sendo proximo descendente de hũ Barqueiro se respondeo, acrescentando duas letras aos *regibus* de Horacio.

Mæcenatavis edite Re (mi) gibus.

Se estes consideraraõ o quaõ pouco constante he a fortuna em seus favores, pois de ordinario faz anoitecer pranto, o que amanheceo rizo, e amanhecer rizo, o que anoiteceo pranto, na prospera fortuna temperariaõ de maneira o vento de sua vaidade, que na tempestade desfeita no mar de sua inconstancia reservariaõ ao menos a taboa segura da virtude, em que escapando do naufragio, ainda que despídos de bens mundanos, affistidos dos do animo, adquiridos por meyo da virtude, viviriaõ entre a mesma desgraça ditosos; mas porque quando no vento prospero da fortuna desprezaraõ arribar com elle ao seguro porto da virtude, saõ estes, e todos

os mais, que na bonança naõ cuidaõ da tormenta, na felicidade se esquecem da desgraça, na subida senaõ lembraõ da cahida, os mais desgraçados homens, a que chega a consideraçãõ; e esta he a razãõ porque Tulio disse, que naõ havia couza taõ miseravel, que passar do estado de feliz ao de desgraçado: *Nihil est tam miserabile, quàm ex beato miser;* e o mesmo sentio Severino, quando disse: *Infelicissimum genus infortunii est fuisse felicem;* e a razãõ he clara; porque menos dor he o naõ ter, que perder o possuido, como disse Seneca: *Quia levior est dolor non habere, quàm perdere;* ou como disse *Wem* lib. 3. *Epig.* 157.

*Dupliciter miser est, qui felix antea fuisti,
Dupliciter felix, qui fuit ante miser.*

E porque o sabio conhece a inconstancia, falsidade, enganos, e embustes da fortuna, a despreza; e porque pelo contrario o nescio, como naõ

penetra o que o sabio alcança, segue a sua corrente, e padece miseravel naufragio em o mar de sua inconstancia; pelo que disse o Philosopho Pitacho:

Demens superbis invidet felicibus:

Demens dolorem ridet infelicium.

Que em idioma Castelhanao querem dizer o seguinte:

Temaõ muito embora os soberbos, e pusillanimes esta variedade da fortuna, que o magnanimo, como está seguro que lhe naõ póde tirar a sua virtude, e que só esta póde fazer felices aos homens, sem que já mais contra ella possa prevalecer o poderoso braço da fortuna, nem o valentissimo da morte, como cantou *Wem*:

Embidia con aprecio

o El fausto a los dichosos, el que es nescio;

o Y el es nescio doblado,

o Se rie del dolor del desdichado.

o O nescio, esies tus modos.

o Den embidia a ninguno, y rifa a todos.

*Sola potest homines felices reddere virtus,
Huic soli è cunctis non Libithina nocet.*

Qualquer outro bem que lhe dê, ou tire, não o commove. Não se fia da felicidade; porque sabe, que a fortuna para fazer desgraçados os faz primeiro ditosos, fazendo de Iros, Cressos, e de Cressos, Iros; como bem ponderou Ovidio, quando no *lib. 1. dos Tristes* assim escreveu:

*Nempe dat, & quodcumque libet fortuna rapitque,
Irus & subito, qui modò Cressus erat.*

Nem a adversidade o turba, porque conhece, que a fortuna he igual para todos, pois aos desgraçados alenta com esperanças de venturas, e aos venturosos assusta com temores de infelices: bem o disse Wem:

*Nulla mala est fortuna æquè omnibus, omnibus una
Spem dat pauperibus, divitibusque metum,
Succedunt summis optima sæpè malis.*

Antes primeiro que lhe succedaõ os accidentes da fortuna, os ha prevenido; e assim os espera com bom animo, e não o colhendo nada de improvisto, nada o embarça, porque sabe, que não he cordura de se mayar com a adversidade, nem de vanecer-se com a prosperidade. Dionysio Tyrano de Sicilia trocou o Sceptro pelo açoute para gastar seus dias ensinando meninos: Cressio, Rey de Lydia, indo muy confiado contra os Persas, perdeu seu Imperio, e determinou acabar a vida ao rigor de huma chamma: Xeminindo, fugindo em trage vil, escapou de ser prezo, e desde a fortuna Real de Rey de Pegú, se contentou com tomar em hums montes por mulher a filha de hum misero habitante: Bajazeto Monarcha Turco, desceo do Trono a servir de escada, em que Tamorlaõ subisse a cavallo: Dario, poderoso Monarcha Persa, em hum instante vio avassallado o seu Imperio, e com elle perdeu juntamente a vida. Pelo contrario Ptolomeo, sendo soldado raso de Alexandre, se coroou Rey do Egypto: A-

gatocles alcançou a purpura Real desde o barro, de que seu pay formava vasos: David, e Pelayo sahiraõ da miseria, e golpes da infelice fortuna, aquelle para o Sceptro de Judéa, e este para o de Castella; e por isso disse Plinio, que os exemplos da mudavel fortuna saõ innumeraveis, e que nunca fizera grandes bens, senaõ de grandes males, nem grandes males senaõ de grandes bens; o que conheceo Seneca, quando disse: *Regitur fati mortale genus, nec sibi quisquam pondere potest firmum, & stabile, per quæ casus volvitur varios semper nobis metuenda dies;* e exclamou Tulio, dizendo: *O Dii boni, quid est in hominis vita diu? Mibi ne diuturnum quidquam videtur, in quo est aliquid extremum, cum enim id advenit, tunc illud, quod præcederit, effluxit, tantum remanet quod virtute consecutus sis.*

Esta he a natureza das cousas humanas: esta a essencia dos bens da vida, o não ter termo em que descançe, nem assento, em que permaneça, como bem cantou Tibullo *lib. 3. Eleg.*

*Et que præterea populis miratur in illis,
Invida quæ falso plurima vulgus amat;*

*Non opibus mentes hominum, curæque levantur,
Nam fortuna sua tempora lege gerit.*

Com que concorda Ovidio, quando cantando, escreveo os versos seguintes:

*Fortuna arbitrix tempus dispensat ubique,
Illa rapit juvenes, substulit illa senes;
Quocumque ruit, furibunda ruit, totumque per orbem
Fulminat, & cæcis cæca triumphat equis.*

Do mesmo sentimento foy Manilio, quando deixou escrito:

*Fata regunt orbem, certa stant omnia sub lege,
Longaque per certos signantur tempora cursus:*

Temaõ muito embora os viciosos esta firme instabilidade dos bens do mundo, attribuindo-a cegamente à fortuna, que o magnanimo, como sabe que tudo procede da propria condicão das cousas humanas, e Providencia Divina, como nota *Juvenal* na *Satyra* 10.

*Nos facimus fortuna Deam, cœloque locamus.
Si fortuna volet, fies de Rhetore Consul,
Si volet hæc eadem, fies de Consule Rhetor.*

E Agatho.

Fortuna cara est arti, ars quoque fortunæ.

Naõ faz caso das cousas, que naõ dependem das suas operaçoens, como riquezas, reputaçãõ, honras, e mandos, mas só trata das que dependem de si, sabendo, que para o Varaõ virtuoso todos os dias saõ de festas, como disse Plutarcho: *Viro bono omnis dies festus*; e daqui vem, que se a Divina Providencia lhe dà riquezas, as possuiue, e naõ he dellas possuido, sendo necessarias para outros, e para elle superfluas, sendo taõ indifferente em perdellas, como em possuillas; porque senaõ perdem para os que as possuem, senaõ para os que as gozaõ: se lhas tira, naõ considera que as perdeo, como os viciosos, mas que as restituio, porque sabe usar com temperança do que Deos lhe deu, e assim pouco lhe custa perdellas, considerando, que he caminhante em esta vida, e que os falsos, e apparentes bens lhe estorvaõ a jornada de sua Patria, que he o Ceo, e que ninguem neste mundo chegou a viver, e morrer nelle taõ pobre, como nelle nasceo, como bem cantou o Poeta Inglez Joaõ de Wem:

*Ex utero matris venisti nudus in orbem,
In terram tectus sindone, Paule, redis:
Plus aufers igitur tecum, quàm, Paule, tulisti,
Plus reddis matri, quàm dedit illa tibi.*

Temaõ muito em bora os avaros que necessita huma vida taõ breve, o naõ conseguirem os bens da fortuna, para ser alimentada, se entregaõ ao perigoso das ondas do sempre inconstante mar, para conseguirem as riquezas,

quezas, que depois dos perigos, e na, como censurou *Horacio lib. 1. Carm.* trabalhos lhes promette a cega fortuna-

*Impiger extremos currit mercator ad Indos,
Per mare pauperiem fugiens, per tela, per ignes.*

E *Juv. no liv. 5.*

-----aspice portus
*Est plenum magnis trabibus mare, plus hominum est jam
In pelago, veniet classis quodcumque vocavit
Spem lucri, nec Carpathium, Getalaeque tantum
Æquora transilit, sed longè carpe relicta;
Audiet Hercúleo stridentem gurgite solem.*

E como cegos, queremos julgar das cores que não vem, e seguir as opiniões do que não entendem, que o magnanimo, sabe, que quem se contenta com o que tem, lhe não faz falta o que os outros desejan, e não alcançan. Pertenderá o magnanimo os bens, porém sem ancia, porque sabe, que não basta desejallos para conseguillos, e ainda que os não alcança, não poderá faltar-lhe a doce, e amavel tranquillidade, que sómente he sua, sem subordinação da fortuna, como disse Ciceró: *Sola virtus in sua potestate est, omnia præter eam subiecta sunt fortunæ dominationi.*

Sintaõ muito embora os viciosos as enfermidades, e faltas da saude, que como saõ escravos dos vicios, estaõ a elles fugeitos; que o magnanimo, como virtuoso, tem a vontade livre, a qual poem nas mãos de Deos, e como não padece força na vontade, lhe fica a mesma sempre livre.

Temaõ muito embora a morte os viciosos, que os priva da vida, que he o mayor bem dos naturais, que desejan conservar todas as creaturas, fugindo à destruição do seu ser, como mal mais terrivel de todos os males, e muito mais por ser gravissima a pena do peccado, a que se segue a eternidade, sem a certeza se ha-de ser ditosa, se desgraçada a morte; que o magnanimo, ainda que tambem a tema sabe deivanecer este temor, melhor huma pia resolução Christãa,

desprezando a vida por amor de quem lha deu, como fizeraõ os Santos, que ajudados, e fortificados com a Divina graça, estimavaõ a morte, conhecendo, que era transito para ir gozar de melhor vida, como dizia São Paulo: *Cupio dissolvi, & esse cum Christo.* Se se teme a morte, em vão se teme o que senão póde evitar. De que serve desejar a vida, se a mais larga não tira hum átomo da eternidade? Mais razão ha para temer a vida, que a morte; porque aquella está fugeita a todo o mal; e esta poem fim a todos os males.

Quem quer morrer resoluto, deve viver regrado, e disposto para morrer a toda a hora, pensando que está já morto, pois sabe que necessariamente ha-de morrer, como aconselha São Bernardo sobre os Canticos: *Miser homo quare omni hora non te disponis? Cogita te jam mortuum quem sis necessitate moriturum;* e por isso diz Santo Agostinho *lib. 5. de Civitate Dei,* que não sabemos quando a morte ha-de vir, para que estejamos prevenidos: *Nescis qua hora veniet, semper vigila, ut quod nescis quando veniet, paratum te inveniat cum venerit, & ad hoc fortè nescis quando veniet, ut semper paratus sis.* O mal, que se teme, não está em a morte, senão em a má vida: viva cada hum boa vida, que logo não póde ser para elle má a morte; porque a morte nunca póde ser má ao homem, que viveo bem, nem boa ao que viveo mal; como disse Santo Agostinho:

Non

*Non potest malè mori qui benè vivit, & vivo sempre miseravel o que sempre
vix benè moritur, qui malè vixit: para de viver vive ambicioso, como discre-
o que, o que quizer ter vida feliz, hade tamente cantou Wem:
desprezar essa mesma vida; porque*

Sole oriente tui redditus à morte memento,

Sis memor occasus sole cadente tui

Felicem vitam vivere vis? spernitò vitam;

Vivit enim miserè cui sua vita placet:

Ultimus est vitæ mors actus, amara jocosa;

Cujus vita fuit seria, mors jocus erit.

Una via est vitæ moriendi mille figuræ;

Est benè, nam mors est bona, vita mala.

Ad præsentia nascor, & ad futura renascor,

Natalis prior est ille, sed hic potior.

Sintaõ muito embora os vicio-
fos as misérias do mundo, compade-
cendo-se de suas fraquezas, e traba-
lhos, como Heráclito, ou não se dos
deiacertos, e de facinos, como Demó-
crito, vendo ao bom Phociam Athe-
niese, hum dos mais justos Gover-
nadores na paz, e dos mais animosos
Capitães na guerra, que houve entre
os Gregos, e condemnado á morte, em
quem se achava a religião de Numa
Pompilio, o esforço de Scipião, a
prudencia de Quinto Fabio, a pobre-
za de Curio, a lealdade de Régulo,
a constancia de Fabrico, a gravida-
de de Cataõ, a severidade de Tor-
quato; que o magnanimo nem se cho-
rará como Heráclito, nem se rirá co-
mo Demócrito, ainda que veja, que
a fortuna cega enriquece aos máos, e
empobrece aos bons, abate os sabios,
e levanta os nescios, persegue os jus-
tos, e favorece aos máos, despreza os
nobres, e faz estimacão dos mechani-
cos, troca os cajados em Sceptros, e
os Sceptros em cajados, levanta os so-
berbos, e abate os humildes; antes
em meyo de todos os trabalhos, mi-
sérias, e perseguiçoens do mundo guar-
dará muy inteira a severidade do ani-
mo; qual outro Sócrates, que, como
refere Estobéo, havendo começa-
do hum douto discurso, hum de seus
ouvintes lhe veyo inopinadaméte dar

a noticia, que era morto seu filho So-
phronico, e sem turbar-se, continuou
o começado; e tendo-o fenecido, disse:
*Agora vamos a fazer a ultima ben-
ta a Sophronico.* Qual outro Mithri-
dates, que cuidou tanto que em sua
má fortuna senão conhecesse mudan-
ça em seu animo, que vindo a Roma
quasi como prezo apresentar-se a Clau-
dio, lhe fallou com grande valor, di-
zendo: *Naõ sou enviado a ti, senão ve-
nho eu de minha vontade; e senão o-
cres, deixame ir, e buscame;* dando-
lhe a entender, que não seria facil re-
duzillo áquelle estado. Qual outro
mancebo Espártano, que sendo prezo
por hums Coffarios, e vendido a pre-
goens, lhe mandou seu senhor fazer
hum obra servil, indigna de sua qua-
lidade, e lhe negou livremente a obe-
diencia; e dizendo lhe o amo: *Sim-
farás, que eu te comprey por escravo,*
lhe respondeo: *Agora verás o escravo
que compraste;* elancando-se por hum
janella, quiz antes morrer, que per-
der a liberdade. Qual outro mancebo
Numantino, que ficando só com vida,
pertendeo Scipião tomallo vivo para
triunfar com elle em Roma; mas el-
le não perdendo a magnanimidade de
Numantino, ainda depois de ver redu-
zida totalmente a cinzas sua Patria, e
mortos todos os Cidadãos della, se
subio a hum torre com as chaves, e
della

della se lançou abaixo, para que Scipião não tivesse a gloria de triunfar com elle em Roma; e porisso com razão disse hum: *In maximo ingenio minima fortuna.*

Lastimem-se muito embora os neficios, e ignorantes, e queixem-se de que os costumes dos seus tempos são mais depravados que os passados; que o sabio, e virtuoso só cuidará em reformallos, conhecendo que a maldade, e malicia dos costumes deprava-

dos já traz a sua origem lá desde os principios da mesma natureza; o que bem reconheceo *Seneca de Beneficiis cap. 10.*: *Communem fuisse hanc hominum querelam, addo & futuram; itaque sic finiamus, ne in nostro seculo culpa subcidat, hoc nos querimur, hoc posteri nostri quærentur, eversos esse mores, regnare nequitiam, in deterius, res humanas, & in omne scelus labi;* e o diliniou Ovidio com propriedade no lib. 1. dos *Metamorph.*

Effodiuntur opes irritamenta malorum,

famque nocens ferream, ferresque nocentius aurum

Proderat; prodit bellum: quod pugnat utroque,

Sanguinea manu crepitantia concutit arma:

Vivitur ex rapto; non hospes ab hospite tutus:

Non socer à genero; fratrum quoque gratia rara est:

Imminet exitio vir conjugis, illa mariti.

Turrida terribilis miscent aconita novercæ:

Filius ante diem patrios inquirit in annos;

Victa jacet pietas: & virgo cæde madentes

Ultima caelestum terras Astræa reliquit.

E que não está o vicio dos costumes nos tempos, mas nos homens desses tempos, como sentio *Seneca Epistol. 97. ibi*: *Erras, mi Lucili, si existimas nostri esse seculi vitium, luxuri-*

am, & negligentiam boni moris, & alia, quæ abjicit suis quisque temporibus: hominum sunt ista, non temporum; nulla ætas vacavit à culpa; e o cantou Wem, escrevendo:

Cur accusat homo mores, ac tempora culpam,

Moribus adscribens, temporibusque suam?

Non in tempore vitium est, aut moribus ullum,

Non vitiamur ab his temporibus, sed in his.

E por isso para que o mundo seja menos máo, cuida em se fazer mais bom.

Desvaneça se muito embora com a prospera fortuna o cobarde nescio; que o magnanimo, e sabio (como sabe que a fortuna tem a natureza de vi-

dro, que entre as mãos, que o admiraõ cristalino, fenece quebradiço, como disse *Publio Mimo: Fortuna vitrea est, & cum splendet, frangitur.* E *Virgil. lib. 10.*

Nescia mens hominum fati, sortisque futuræ,

Et servare modum rebus sublata secundis.

E o experimentaraõ *Caligula, Nero, Galba, Vitelio, Domiciano, Commodo, Juliano, Caracala, Macrino, Hellogabalo, Gordiano, Philippe, Vale-*

riano, Mauricio, Phocas, Constante, Nicéphoro, Bajazéto, Tacito, Floriano, Othon, Balbino, Quintilio, e outros muitos, a quem a fortuna

na deu a purpura para serem victimas do ferro, e do veneno: Quinto Catullo desde o Consulado, e triunfo dos Cymbros foy trasladado a hũ aposento, aonde acabou a vida, sendo queimado vivo: Marco Manlio, que pouco antes havia triunfado dos Francezes, morreo precipitado: Espurio Caffio, que depois de tres Consulados, e dous triunfos, foy sepultado entre as ruinas de sua propria casa: Scipiaõ Africano, que depois de haver cheyo o mundo de suas glorias, e restituído a Roma as suas, soffreo a ingratitude em hum retiro: Gauderico, e Enferico entre os Vandalos; Ataulpho, Torismundo, Alarico, Gelerico entre os Visogodos; Theodorico, Amalefundo, Vitiges entre os Ostrogodos; Rofimundo, Rodoaldo, Gaudeberto entre os Lombardos, que todos perecerão às mãos da crueldade; Cresio, que vio sua fogueira; Agiz, que vio o

seu laço; Nicéas, que vio suas pedras; Phociaõ, que vio seu veneno; Ptoloméo, que vio suas cadéas; Bajazeto, que vio sua gayola; Alcibides, que vio suas flexas; Paulánias, que vio sua fome) cuida ser em a boa fortuna modesto, lembrando-se, que não quiz Tacito dar por ditoso ao seu Agricola, sem a oportunidade de morrer bem; Agefiláo impedio aos que o louvavaõ do ditoso, dizendo: *Ab! que tambem em meus dias foy Priamo feliz*; e que não ha menos segura fortuna, que a mais crecida, porque aquelles, a quem a fortuna mais favorece, os reserva para maiores trabalhos, como escreveo Seneca: *Fortuna, quos beneficiis ornat, ad maiores casus reservat*; por isso disse Tiramenes, hum dos trinta Tyrannos de Sicilia, quando estando em hum convite, cahio a casa, e só elle se salvou *O fortuna para que me guardas?* e o descreveo *Wem* no *Epig.* seguinte:

*Est male utinam in peius fors omnia vertat;
Succedunt summis optima sæpè malis.*

E o mesmo disse Quintiliano, quando escreveo, que os successos humanos não podiaõ ter constancia; porque todas as vezes que os felices se remontavaõ ao ultimo gráo da felicidade, era forçoso, que tornassem a traz: *Nesciunt diu stare successus, & quoties ultra prodire felicitas non potest, reddit.* Não he menos nociva no juizo de Seneca a demasiada uberdade às searas, que a excessiva esterilidade. A arvore, que se carrega de mais frutos dos que po-

dem sustentar seus ramos, he preciso, que os mesmos se quebrem. A demasiada fecundidade impede a madureza dos frutos; e isso mesmo, que acontece à seara, arvore, e frutos, succede tambem aos demasiadamente felices: *Sicut segetem nimia sternit ubertas, sicut rami onere franguntur, sicut ad maturitatem non pervenit nimia fecunditas, idem in animis evenit, quos immoderata felicitas rumpit*; com o qual concorda *Ovidio* no l. 2. dos *Trist.*

*Tu quoque formida nimium sublimia semper;
Propositi que memor contrabe vela tui.*

Gosta a fortuna de jugar à péla com os homens, como disse Seneca: *Fortuna impotens quales ex humanis casibus tibi ipsa ludos facit homines, tamquam pilas; habens; já dá bens a huns, já hos tira, já os favorece, já os despreza, já os honra, já os desacredita;*

não tendo nem com lugar, nem com pessoa subsistencia alguma, como descreveo *Valerio Maximo*: *Affluunt cito, repente dilabuntur, nullo in loco nulla in persono stabilibus nixa radicibus consistunt.* Tudo o que levanta a mayor altura, faz cahir em mayor precipicio, como

como disse o Séneca: *Quid quid in altum fortuna tulit, ruitura levat*; e porisso trata de enriquecer-se só de virtudes, como bens próprios só de homem, não fugeitos ao dominio da fortuna; como disse o mesmo Séneca: *Fortuna auferre opes, non animam potest*; e porisso Demetrio, sendo-lhe dito, que os Athenienses lhe tinhaõ derrubado todas as Estatuas, que antes em agradecimento lhe haviaõ levantado, respondeo: *Poderaõ os Athenienses pôr por terra minhas Estatuas, mas não poderãõ nunca tirar-me a virtude, com que as mereci: Demetrius cum audivisset Athenienses fuisse demolitos statuas suas, quas illi præposuerunt: at virtutem, inquit, non everterunt, cujus gratia illas proposuerunt: ad virtutem*

tamquam ad assilum semper confugiendum esse dicere solebat, ne turpi injuria fortune expositi simus; porque não tem direito a fortuna sobre os costumes: In mores fortuna jus non habet.

De vanecaõ-se muito embora os que sem perdoarem ao descanço, frequentando os Palacios dos Principes, sobem de huma altura a outra, até chegar ao cume; porque o magnanimo, e o Sabio o verá subir sem inveja, lograr sem emulaçaõ; porque sabe, que ao menor sopro, em que ha alcançado a todos no subir, descança a todos em o cahir. Hum instante desvanece o que custou muitos voos, como descreveo Wem no liv. 1. *Epi-gram. 4.*

Nemo gradus nisi per plures ascendit in auli:

Ad descendendum plus satis unus erit.

Que traduzidos em idioma Castelha-
no, concluem o seguinte:

Los hombres han menester,
Si en Palacio han de luzir,
Muchos passos al subir,
Y a penas uno al caher.

Sendo a vida de Palacio mais morte
que vida; porque o viver em Palacio
não he respirar, senãõ aspirar; e a
mesma privança he morte, cujo anhe-
lo consiste em conservar-se nessa supe-
rior altura; e as mais vezes se acha o
ultimo suspiro no ar dessa primeira

vaidade, como dissemos na Liçaõ dos
Amigos dos Principes; porque não
ha ardid, força, prevençaõ, ou ca-
pacidade, para escapar-se da traydora
inveja. O mais gigante no favor, e o
mais desvelado em a privança, se fi-
cará, quando menos o cuide, às es-
curas com todo o seu luzimento, ain-
da que ponha todas as luzes dos pru-
dentes nos olhos da attençaõ, e ain-
da que espalhe mais olhos que estrel-
las em as prevençoens dos successos;
porque, como disse Wem a hum Pala-
ciano:

Est oculus tibi, Quinte, unus? metuendus Ulysses:

Centum oculi vigiles sunt tibi? Mercurius.

Que traduzio D. Francisco de la Tor-
re na fórma seguinte:

Quinto, aunque tengas cien ojos,
Y aunque esten todos en uno;
Para uno ay un Ulysses,
Y para ciento un Mercurio.

Bem poderá a cega, e varia fortuna
combater o magnanimo, e armar con-
tra elle suas forças; porque só o mag-
nanimio reputa por digno emprego de
sua espada, fugindo do cobarde, e pu-
sillanime. porque não vence com glo-
ria quem vence sem perigo, segundo
Séneca: *Non cum gloria vincit, qui si-*

ne periculo vincit: como dizendo: para que tenho que eleger este por contrario, que logo me ha-de render as armas, não me he necessario usar contra elle do meu poder, porque com huma ligeira ameaça lhas farey render, e voltar as costas, pois ainda nem animo tem para soffrer minha vista, outro buscarey, com quem possa medir as armas, que he vergonha entrar em batalha com hum homem, que está disposto a ser vencido. Qual Perséo, Rey de Macedonia, que havendo cahido nas mãos de Emilio, se lhe deitou aos pés chorando como menino, fazendo rendidas supplicas ao vencedor, que jurou se havia envergonhado de haver vencido a hum homem tão vil; porque tem os guerreiros por afronta pelejar com os que carecem de arte, e se persuadem, que vencem sem gloria aos que vencem sem perigo. Isto mesmo faz a fortuna, que busca aos mais fortes; e deixa aos fracos, enfastiada de ver a sua cobardia: acomete ao mais magnanimo, ao mais constante, ao mais justo, ao valoroso, contra os quais faz resenha de suas armas. Experimenta o fogo em Mucio, a pobreza em Fabricio, o desterro em Rutilio, os tormentos em Régulo, as prizoens em Valeriano Imperador, Sifas, Rey de Numidia, Francisco, Rey de França; o veneno em Sócrates, a morte em Catão.

Accusent te mille, licet mens conscia recti;

Stat tamen, & nunquam judicis ora timet.

Qual outro Demétrio, que como escreve Plutarcho, vendo-se perseguido, conservava entre os trabalhos a grandeza do seu animo, dizendo: *Para que tenbo de me queixar de que a fortuna me persiga, se ella foy a que me levantou*; sendo certo, que não póde haver homem mais desgraçado, que aquelle, que nunca experimentou a desigualdade da fortuna, na qual

Mas o magnanimo, como sabe que se a razão não vence as lagrimas, sempre a fortuna accrescenta outras, no juizo de Seneca: *Nisi ratio finem lachrymis fecerit, fortuna non faciet*, como outro si conhece, que ainda que tarde, sempre a fortuna se acorda dos affligidos, como escreveo Quintiliano: *Tandem miseros fortuna respicit*; e que dar as costas à fortuna, he reprovado pela sentença de Seneca: *Nunquam fortune terga danda*; e reputado por demencia no parecer de Quintilio: *Cum fortuna ruere dementia est*: ainda que ceda as forças da fortuna às da natureza, sempre fica vencedor, e livre nas do animo, contra as quais são muy cobardes, e inferiores as da fortuna. Como outro Régulo, que sendo prezo depois do triunfo Africano pelos Africanos, é mandado a Roma a tratar da paz, aconselhou aos Romanos que continuassem a guerra, pelo qual conselho promettendo-se-lhe huma cruelissima morte, se voltou ao seu carcere a esperalla, e a soffreo dentro de hum ataúde, armado de agudas pontas de ferro, olhando, sem pestanejar, sua morte, e ameaçando a guerra aos inimigos; porque o valor do animo não teme os rigores, ainda quando se lhe propoem presentes, nem póde causar temor a sentença proferida contra hum animo livre da culpa, como cantou Wem:

conserva o magnanimo a igualdade de animo, como propriedade mais rica, com que se alimenta; porque a virtude tem em si a firmeza, e não teme a instabilidade da fortuna, como disse Paulo Emilio: *Virtus se ipsa freta, & sui fiducia fere impræterrita, se ipsa contenta est; semper sibi constans*; e assim o magnanimo se porta em a dita, e a desgraça com igual rosto:

Nec

*Nec letabitur unquam, nec merebit nimis,
Qui semper in se ipso spem reponit sui.*

Que traduzio o valente engenho de
D. Antonio Soliz assim:

Si de ambas fortunas viste
Los riesgos, verás tambien, (en,
Que está el sabio en el mal, ó en el bi-
Ni alegre affaz, ni affaz triste.
Solamente para ti
Feliz se deba llamar,

*Quod fortuna favet fatuis, mibi credere non vis,
Si mibi non credis, Pontice, crede tibi.*

O qual Epigramma traduzio D. Fran-
cisco de la Torre:

Que fortuna sus haveres
dá a los nescios, te adverti,
Si creerme a mi no quieres,
Pontico, creerte a ti.

E procurando com desvelo as razões,
ou causas, que teria a fortuna para taõ
desordenada, e cegamente encher aos
mãos de bens, e privar delles aos bons,
descubri duas em o mesmo D. Francis-
co de la Torre: a primeira no *Symbo-*

*Fortunam comitem Regina creavit Elisa:
Cur non virtutem fecerat ergo ducem?*

Que aclarou, com a sua costumada
agudeza, D. Francisco de la Torre
na traducção seguinte:

Digan-me porque rason
No hizo la Reyna Elyza
Quando Conde a la fortuna,
Duque a la virtud más digna?
Fué, porque quizo esta Reyna
Dar-le al que amparo propicia,
A la fortuna por socia,
Y no a la virtud por guia.

E continuando com a mesma materia,
diz assim:

Quien de si puede esperar
La dicha de estar en si.

Gostou sempre em todas as idades, e
em todos os seculos a fortuna de per-
seguir aos sábios, e entendidos, e de
favorecer aos nescios, como ponde-
rou Wem no seguinte Epigramma:

lo 31. de *Causino*; e he:

Con nescios se ha amancebado
La fortuna en su attencion,
Seguendo su intencion
Lo ligero, y lo pezado,
Pero a su injusto cuidado,
Gran desculpa le darás,
En que vá con discompás,
Es ciega, y en sus aprecios
Encuentra más con los nescios,
Porque los necios son más.
E a segunda de *Wem* no lib. 2. *Epi-*
gramma 22.

Con pruebas manifiestas
La fortuna, y virtud corren appu-
estas:
La fortuna, que torpe se adelanta
Al indigno levanta,
Y la virtud sencilla,
Por hazer-le más digno, el digno hu-
milla.
Son torpe, y oportuna
La virtud lince, y ciega la fortuna;
Pues una con desvelos
Penetra la distancia de los cielos;
Pues otra, quando yerra,
Tropieça en las llanuras de la tierra.
Fortuna haze del rico en anchos senos,
Que quãdo más le sobre, tẽga menos,
Aaa ij Y la,

Y la virtud feliz haze que al pobre,
Quando menos defee, mas le fo-
bre.

Es la fortuna más fortuna, quando
Cayendo, y levantando,
Se apressura dudosa;
La virtud en cayer ya es otra cosa.
La fortuna inconstante,
Buelve atraz, quando piensa vá ade-
lante;
Pero la virtud rara
Siempre camina, y buelve a atraz, si
para:
Que tienen ambas, finalmente fun-
do,
Una por plastro al cielo, y otra al
mundo,
En cuya rueda ajustada cada una,
La virtud rayos, y erros la fortuna.

L I Ç A M V.

Sobre o Conhecimento proprio.

Quando a virtude da Magnani-
midade não tivera mais pro-
priedade, que fazer que cada
hum se conhecesse a si, basta-
va esta para a coroar Rainha de todas
as virtudes; porque he o Conhecimen-
to proprio a mais crescida difficulda-
de, que conhecerao os Philosophos,
tanto, q sendo perguntado Diogenes,
que cousa havia no mundo mais diffi-
cultosa ao conhecimento, respondeo,
que o conhecer-se cada hum a si. Assim
o cantou tambem o Poeta Inglez, di-
zendo, que ninguem se conhece: nem
o velho se lembra de que foy moço,
nem o moço que foy menino;

*Qualis sit talem se nemo intelligit: atqui
Se meminist puerum vir, juvenemque senes.*

Razaõ porque já o famoso Cataõ acõ-
felhou aos velhos, censuradores das
faltas dos que nos verdores dos annos
naõ pezaõ suas acçoens pela razaõ, que
se lembrassem do que na mesma ida-
de obraraõ; porque conhecendo em
si os mesmos defeitos, naõ teria lugar
a reprehençaõ, e censura dos alheyos:

*Multorum cum facta senex, & dicta recenses,
Fac tibi succurrant juvenis quæ feceris ipse.*

Por esta causa se queixava Sócrates,
que os homens naõ conheciaõ em si
suas faltas; e Demóstenes affirma, que
naõ havia cousa mais facil, que enga-
narem-se a si mesmos; e Apollónio, que
viviaõ os homens taõ namorados de
si, e taõ casados com seu proprio amor,
que defendiaõ, que naõ lhes parecia
mal o que aborreciaõ em outros, sen-
do Linceos para ver, e notar alheyos
defeitos, e cegos para examinar os pro-
prios; como os olhos, que tendo ca-
pacidade para ver tudo o mais, a naõ
tem para se ver a si; e similhantes à
mosca, que corre pelas partes sans de
huma maçam, sem reparar, e achar
gosto nella, porém em chegando ao
podre, alli descança, alli repara. At-
tentos sempre ao mal, e naõ ao bem,
que ha nos outros. Elegante, e dis-
creto o escreveo o Poeta Wem, di-
zendo:

*Non cernit se mens, oculus se non videt; ergo,
Pontice, te quod amas, qua ratione facis?*

Saõ como os morcégos, que naõ pó-
dem ver de dia, senaõ de noite; naõ
podem ver virtudes, senaõ defeitos
alheyos; e o que peyor he, que que-
rem reprehender as alheyas faltas,
mas naõ admittem reprehençaõ nos
erros

erros propios, como bem ponderou Quintiliano: *Aliena vitia quisque reprehendere mavult, quàm sua*; sendo certo, que primeiro se haõ de corrigir, e emendar as acçoens proprias para encaminhar, e corrigir as alheyas, como disse o mesmo Quintiliano: *Persuadeat alios, qui prius persuaserit sibi*; e porisso disse hum Poeta:

Quando en agenos peccados

La futil vista ponemos:

De los nuestrós descuidados,

Que a las espaldas trahemos,

Nos hallamos acusados.

Callaõ os Irmaõs de Joseph suas virtudes, chamando-lhe sonhador desvanecido de cabeça. Tem muitas coufas boas Eliféo, e os rapazes, que lhe perdem o respeito, dando-lhe grita, fazem escarnio de que he calvo, como se lê em *Isaías cap. 9*. Foy Themistocles hum famolo Capitaõ Grego, perguntou-lhe hum Musico, se sabia tanger, e respondendo-lhe que não, replicou o Musico: *Que sabes logo?* parecendo-lhe, que como não sabia tanger; não sabia nada; mas Themistocles lhe disse: *Senaõ sey tanger, sey pelejar vencendo inimigos, expugnando Republicas, avassallando Reynos; sey dilatar minba Republica*. Não conhecia este Musico outra perfeiçãõ mais que sua musica; tudo o de mais lhe parecia imperfeito. Entre certos Philósofos, e Historiadores se moveo huma disputa diante de Trajano, sobre qual havia sido o mais máo Imperador, e responderaõ, que Nero, homem cruel; disse entaõ Trajano:

Cur aliena magis, quàm crimina nostra, videmus,

An quia nostra procul, sunt aliena propè?

E se tanto se aborrecem os defeitos, que não querem ver os bens, olhe cada hum suas faltas, e lhe parecerãõ mayores que as alheyas; que não he razaõ, que tenhamos olhos

Se vos lembrais de suas crueldades, porque não fazeis memoria de suas clemencias.

Notavel he a cegueira com que vivemos todos. Andamos cegos para ver nossos defeitos, e as virtudes alheyas; mas todos temos olhos para ver faltas alheyas. Se olhamos para nós, só reparamos no bem que temos; se para os outros, só para o mal. Notavel cegueira, notar os defeitos, e não ver as virtudes! Musico, se tens olhos para ver que Themistocles não sabe tanger, porque és cego para não ver as mais virtudes? Olha, que em sciencia he douto, em pratica discreto, em conselhos sabio, em a conversação doce, e suave como Augusto, e Claudio, em orar eloquente como Cicero, Demósthene, e Quintiliano, em as armas destro, e valoroso como Cesar, em os perigos esforçado como David, em a prosperidade prudente como Trajano, em a adversidade sofrido como Demétrio; seu animo espelho de fortaleza, seu fallar pouco, porém seu dizer Oraculo de sentenças. Homem, se olhas para a estatua de Nabuco, porque não admiras aquella cabeça de ouro, aquelles braços de prata, aquelle ventre de bronze, mas só olhas para os pés de barro! Vejamos os nossos erros, que estaõ mais proximos, e deixemos de notar as faltas alheyas, que estaõ mais distantes; porque he contra toda a razaõ reparar no que mais se aparta, e não se advertir o que anda entre mãos, como bem reprehendeo o Poeta Inglez:

para ver a palha no olho alheyo, e não vejamos o madeiro, que temos nos nossos olhos, como disse Christo nosso bem por *São Lucas no cap. 6.*, quando os Phariseos accusaraõ os Discipulos,

pulos, porque não lavavaõ o rosto, os reprehendeo o mesmo Senhor por São Matheus dizendo: *Se abrisseis os olhos para ver vossos peccados, não os terieis para accusar os albeyos.* Grande mal! que ninguém se confidere a si, para acabar de desenganar-se; e quando chega a reparar em seus vicios; o faz de sorte, que advertin-

Quando en agnos peccados...

Crimina qui cernunt aliorum, nec cernunt: Hi sapiunt, decipiuntque sibi.

Homem, se queres ser felice, conhece-te; porque he o conhecimento proprio hum unguento, que não só cura, mas preserva de todos os males, e misérias da vida, como disse hum agudo engenho: *Si omni peccato vis esse superior, res alienas curiosé ne inquirito, multa enim in te sunt, de quibus alium suspectum habes;* e a primeira jornada, que se faz para a eterna felicidade, he conhecer cada hum seus proprios defeitos, com o qual conhecimento serás mestre de ti-

Quid tibi vis fieri, mihi fac, quod non mihi, noli; Sic potes in terris vivere jure poli.

Se queres pois, ó homem, saber as regras do conhecimento proprio, eu tas darey em huma só palavra. Conhece-te que es homem; que neste conhecimento se cifraõ todas as regras do proprio conhecimento. De Philippe, aquelle sabio, e poderoso Rey de Macedonia, escreve *Estobéo Sermam 21.*, que entre os criados que o serviaõ, tinha hum Pagem, a quem chamavaõ o Pagem do conhecimento, o qual não tinha no serviço deste grande Monarcha outro ministerio mais que ter cuidado de todas as manhans ir dizer-lhe estas notaveis palavras: *Levante Rey, e sabe que es homem. Eliano no liv. 9. de sua varia historia*

Quod Reges audire timent, ac dicere servi, Ipsa tibi dicit fama: memento mori.

do nos alheyos, sempre estes lhe parecem mayores, como disse Quintiliano: *Magis aliena vitia, quam propria exhorremur;* de que nasce o não lhe pôr emenda, antes continúa mais desenfreadamente; porém que enganadamente discorre, pois como disse o Poeta Inglez, a si so engana:

mesmo. Conta *Estobéo no 1. Sermam*, que sendo perguntado Diógenes, como poderia cada hum conseguir o magisterio proprio, respondera, que emendando em si o que estranhava nos outros. Do mesmo parecer foy certo Poeta, quando disse, que o que queria cada hum para si, quizesse para os outros; infinuando, que nos conhecessemos, assim como procuramos conhecer aos outros; e assim como nelles estranhamos as faltas, assim em nós considerassemos os defeitos:

refere, que convidando Pausânias para hum banquete ao Philótopho Simónides, lhe pedira, que entre as iguarias de que se compunha o banquete, o quizesse regalar com a iguaria de sua sabia doutrina, a que elle satisfez com estas breves palavras, dizendo-lhe: *Lembrete Pausânias, que es homem.* Esta lembrança, que muitas vezes não queremos ouvir, se representa à vista cada dia, e assim não ha que appellar para o esquecimento procedido da ignorancia, quando a repetidos eccos a fama o publica, e os olhos o testemunhaõ, como escreveo Wem:

E se ainda não sabes que cousa he homem, digo-te, que he hum animal racional, feito do limo da terra; de sorte, que o ser homem confiste em ser racional, e ser mortal. Considera pois, ó homem, que es racional, e que no mesmo tempo, que deixas de obrar com razão, deixas de ser homem. Considera, que es mor-

tal, e que como mortal acabas, e que depois de desatado o vinculo, que prende a alma ao corpo, já não es homem, e só es hum corpo sem nome: o nome que tens, he terra, he nada. Ouve com attenção hum epitaphio, que escreveu o Poeta Inglez sobre huma sepultura:

*Quis jacet hic? Nemo: vacuum sine nomine corpus
Hic jacet; ex solo corpore non fit homo.*

Que traduzido por D. Francisco de la Torre, diz o seguinte:

Quien yaze aqui? ninguno,
Solo un cuerpo vazio de alma, y nombre,
Que lo que solo es cuerpo, yá no es hombre.

E adicionado pelo mesmo, explica mais largamente o sentido:

Que es lo que aqui se encierra?
Tierra, que fué edificio, y solo es tierra.

Que es lo que aqui la vista dexa herida?
El polvo del camino de la vida.

Que es lo que aqui al espanto haze ruido?

El ecco del hombre en marmol escondido.

Que es lo que aqui entre horrores reverencio?

La voz que avisa más con el silencio.
Que es lo que de la luz aqui se alexa?

La sombra, que en el cuerpo l'alma dexa.

Que es lo que aqui arrebatata el pensamiento?

El ayre, soplo del postrero aliento.
Que es lo que aqui me eleva deste modo?

Lo nada del que es mucho, con ser lo do.

Porque todo es al fin de la jornada
Tierra, Polvo, Ecco, Voz, Sombra,
Ayre, Nada.

Desvanece-te pois com o ser, que agora tens, sem reparar, que ha de vir tempo, em que esse ser ha de ser nada: arrebatate o amor das cousas presentes, sem te lembrar, que o futuro se ha de fazer presente, e o presente preterito, de que não resta esperança alguma, como bem ponderou Wem.

Desvanece-te pois com o ser, que agora tens, sem reparar, que ha de vir tempo, em que esse ser ha de ser nada: arrebatate o amor das cousas presentes, sem te lembrar, que o futuro se ha de fazer presente, e o presente preterito, de que não resta esperança alguma, como bem ponderou Wem.

*Præteriti tibi nulla fides, spes nulla futuri;
Præsentis totum te tenet cæcus amor.*

De que nasce o não obrar como homem, mas como bruto. Conta *Laercio* no livro 6., que estando *Diógenes* na praça, começara a vozes a dizer: *Vinde homens a ouvirme, que vos quero referir cousas muito importantes*; mas como chegando, e ajuntando-se muita gente, não cessasse de bradar a grandes vozes: *Vinde homens, indignados lhe disserão: Já aqui estamos, dize o que que-*

res; elle os começou a apartar de si, dizendo: *Eu mandey vir homens, e não brutos*; entendendo, que não convinha o nome de homem áquelles, que não viviaõ conforme a razão, mas que à maneira de brutos, eraõ escravos de seus vicios, e por esta causa vindo dos banhos, e perguntando-lhe hum: *Vistes por ventura a grande multidão de gente, que vinha dos banhos?* lhe respondeo:

pondeo: *Muita turba vi, mas poucos bomens.* Do mesmo conta *Laercio no lib. 6.*, que andava em hum dia clarissimo no meyo da praça com hum lanternna acceza, de humna parte para outra, como quem buscava com cuidado alguma cousa perdida; e perguntado que fazia, e que buscava, respondeo: *Busco hum homem; que os moradores desta Cidade escacamente merecem o nome de bomens.*

Confidera pois, que es mortal, e como tal exemplo da fraqueza, desprezo do tempo, jogo da fortuna, imagem da inconstancia, balança da inveja, como disse Aristoteles, sendo perguntado, que cousa era homem? Segundo *Estobéo Sermão 96.* lanternna, exposta ao vento; segundo *Plinio lib. 7. cap. 7.* monturo fétido, sacco de esterco, mantimento de baixos; conforme *São Bernardo no terceiro capitulo do seu livro das Meditações*, cuja vida desaparece como sombra, passa como vento, desfaz se como pó, seca-se como feno, murcha-se como flor, desfanece-se como fumo; como enfina *Job. no cap. 14.* cuja vida he no nascimêto podridão,

*Flumina fluminibus distant, sic nos quoque nobis,
Dum sumus in vita nos fluviique via.*

O coração, que he fonte dessa vida, principio desse alento, que cousa he senão humna mina de cuidados, que a consomem, hum centro de tristes presagios, que a abbreviaão? O corpo de que se veste, que outra cousa he,

*Cor nisi cura nihil, caro nil nisi triste cadaver,
Nasci egrotare est, vivere saepe mori.*

Oh se consideraras, ó homem, estas verdades, como aborreceiras a vida, que tanto amas! Como desprezarias o viver, que tanto estimas! Com razão disse Seneca, que se a vida se offerecesse a quem tivesse conhecimento de suas misérias, que de nenhum modo a aceitaría: *Nemo vitam acce-*

na duração fera, na morte terrivel; como respondeo Solón, sendo perguntado, que cousa era homem; e por esta mesma razão, sendo perguntado Sócrates, como se poderia passar a vida sem molestia? disse que de nenhum modo; porque não era possível, que houvesse vida sem trabalhos; como refere *Estobéo Serm. 97.*, e pela mesma sendo cativo por Midas o famoso Philosopho Siléno, e por elle grandemente istado, que dissesse qual era a melhor de todas as cousas, que podia ter o homem, calou muito tempo; e sendo novamente apertado, diz Plutarcho, que respondera, que o mayor bem que podia ter o homem, era o não haver nascido, e o segundo o haver morrido cedo.

Que cousa he viver o homem, senão caminhar por hum caminho embaraçado com mil desencaminhadas vias de vicios, em que tropeça? Que cousa he viver o homem, senão engolfar-se em hum mar tempestuoso de trabalhos, que lhe parellaõ o fim da vida, como elegantemente disse o Poeta *Wem?*

senão hum animado cadaver, officina de todas as enfermidades, que a acabaão, materia de todas as dores, que a finalizaão, como bem ponderou *Wem:*

pisset, si daretur scientibus; e porisso o mesmo chama à vida castigo: *Omnis vita suplitium est.* Ao menos se conheceras tua baixeza, tua pouca duração, tua fragil materia, tua vida, e tua morte, se uberas disporte para ella, porque a mayor desgraça he não saber morrer, como disse Seneca: *Miserum*

serum

serum est nescire mori; mas como saberás morrer, senão souberes viver, se a melhor disposição para a morte he a da vida; e adonde a vida he desordenada, he a morte sem ordem.

Adverte, que sem este conhecimento não poderás nunca saber Philóopho, pois além de ser esta a mais alta Philosophia, he o principio de toda. Admiravel Philóopho foy entre os Gentios Démonax, mas este sendo perguntado, quando começara a ser Philóopho, refere *Estobéo Serm. 21.*, que dissera, que desde o instante que começou a conhecer-se, principiara a ser Philóopho. Difficultosa he esta Philosophia, mas bemaventurada, disse o sábio Thales; porque della resulta outro mais alto conhecimento, e outra mais soberana Philosophia, qual he a do conhecimento de Deos, para o qual nos guia, como pela mão, o conhecimento proprio, como escreveu Basilio, o qual te arrebatará, assim como a luz do Sol attrahe a si os olhos puros; e se queres saber como te conhecerás de todo bem, ouve a Chrysótopmo, que diz, que então te conhecerás de todo bem, quando conheceres, que es hum tudo nada.

Conhece-te a ti, e logo conhecerás a Deos; sabe, que es creatura, e conhecerás, que Deos he teu Creador;

Sunt duo nescendi; duo sunt mihi semper amandi.

Numen & ipsius ego numen, & alter ego.

Traze sempre na lembrança a morte, e sua certeza, porque a inda que o quando he incerto, que ha-de vir he

Serius, aut citius sedem properamus ad unam.

Traze tambem na lembrança repetidas memorias do final, e tremendo juizo, e sua infalibilidade; cuida sobre as penas do Inferno, e lembrem-te as inexplicaveis glorias do Paraiso.

Lembra-te, que sete cousas são da tua essencia, e constituição, as

conhece, que es dependente, e conhecerás, que dependendo tudo de Deos, não depende Deos de cousa alguma; conhece, que tiveste principio ha poucos dias, e conhecerás, que Deos he sem principio por todas as eternidades; conhece, que terás brevemente fim, e conhecerás, que Deos sempre será immortal; conhece, que es fugeito a miserias, e trabalhos, e conhecerás, que Deos he impossivel; conhece, que es culpado, e conhecerás, que Deos não he capaz de culpa; conhece, que es abbreviado, e finito em tudo, e conhecerás, que Deos em todo o bem he infinito; conhece, que sem Deos não podias nascer, crescer, e viver, e conhecerás, que Deos he Author de tudo; conhece, que sem Deos te não podes salvar, e conhecerás o que debes a Deos; conhece a infinita distancia, que vay de ti a Deos, e logo conhecerás o amor, que lhe debes, e obediencia, que es obrigado ter a seus preccitos, e como te debes resignar em sua vontade para nunca o offenderes. Adverte pois, que he este conhecimento o mais subido, e o que te ha-de levantar mais de ponto, e por isso o mais necessario; e que a falta delhe he a causa de toda a tua ruina, como bem cantou Wem.

infalivel, como entende-o ainda Ovidio, hum Poeta Gentio;

quais diz *Bernardo de Consideratione utilitatis humane*, que se cada hum de nós considerara, nunca peccara; a saber, a materia vil de que nos geramos, a operação torpe de que nos compomos, o choroso nascimento com que fazemos a primeira lóa à nossa vida, a

instabilidade della, a certeza da morte, a despedida triste da vida, a incerteza da sentença, a consideração ineffável da gloria.

Os efeitos, que nascem desta grande causa do conhecimento proprio, são tantos, que o mais remontado entendimento perderia os fios do discurso, se os quizesse reduzir a numero, ou copiar ainda nos mais largos volumes; porque sendo todas as faltas, e vícios da natureza humana nascidos da falta deste conhecimento, e sendo mais os vícios, do que são as virtudes, seria preciso para mostrar os efeitos desta soberana virtude, trazer a juizo todos os professores dos vícios, como reos, a ouvirem nelle suas culpas, e levarem a breve sentença: *Conhece homem o desengano de teus erros; mas já que isto não he possível, ou ao menos nos não he fácil, traremos só a juizo os Ministros, materia principal do nosso assumpto.*

Oh se os Ministros, ou sejaõ Politicos, ou Militares, se conhecessem, que poucos houvera, que o pertenderão! Mas oh como todos foraõ bons! Porém he desgraça, ou vicio do tempo, que não ha nenhum, que comancia o não pertenda; e por isso ha muy poucos, que à força do merecimento o configaõ. Nescios, senão visteis nunca a cara à guerra, nem estudastes nunca os preceitos da arte, sciencia, ou facultade, que pertendeis exercitar como Ministros: Como quereis ser Ministros? O certo, he que pertendeis, porque vos não conheceis sem premeditação, e vos deixais levar temerariamente, e que seguis vossõ capricho, e primeiro movimento, sem primeiro examinar vossas forças; porque se medirdes vossas forças, e considerareis se tinheis animo para soffrer a fome, a sede, o calor, o frio, as feridas, a sciencia para formar hum Terço, governar hum Exercito, não pertendereis ser Capitaens; se considerareis vossas forças, e advertireis, que para seres

Ministros Politicos, he necessario gastar primeiro muitos dias, muitas noites, muitos annos sobre os livros, e depois sem se diminuir este trabalho, remar portoda a vida em despachar feitos, em ouvir, e soffrer partes, em resistir a poderosos, em castigar insolentes: oh como não quizeres ser Ministros! Mas já que o sois, conhecei-vos.

Em conclusão, Senhores Ministros Politicos, e Militares, sabeis porque sois ambiciosos, soberbos, vaõs, nescios, avaros, cobiçosos, imprudentes, jaçtanciosos, temerarios, viciosos, e porque muitas vezes vos perdeis pelos mesmos caminhos, em que cuidais vos ganhais, he porque vos não conheceis. Notavel he a cegueira do amor proprio! A nada cre o homem mais que a si, e de nada he mais enganado, que de si proprio. De todos os outros se acautela, e sendo para si o mais infesto, sempre de si se fia, disse o sabio Chilo, segundo *Laercio lib. 2. cap. 2.*: donde nasce, que movido o appetite de hum objecto tão enganosamente appetecido, como pouco examinado, solta as rédeas aos desejos, a quem segue immediatamente a esperança, e a esta a pertençaõ, até alcançar o que possuido não satisfaz, e negado desespera; de que procede murmurar contra Deos, e os homens de sua má fortuna, sendo a culpa de tudo o engano proprio, e falta de conhecimento. O que maduramente considera, sabiamente resolve; o que consulta com a razão, claramente avverte o que ha de bem, ou de mal nos objectos, de verdadeiro, ou de falso em a opiniaõ; e guiado deste norte, evita as borrasças, e tempestades das cegas paixoes, e chega ao porto desejado do verdadeiro descanso, donde não chegaõ os acometimentos dos émulos, o odio dos inimigos, e agravos dos perseguidores.

Prezar-se de nobre, sem cumprir com as obrigaçoens de nobre, he fal-

ta de conhecimento proprio porque he prezar-se de virtudes alheyas o que vive alheyo da virtude. Blasónar o rico de suas riquezas mal usadas, he falta de conhecimento proprio; porque não conhece os infinitos males, que lhe cauaõ. Alegrar-se o avarento com a vista de seus thesouros, sem usar delles, he falta de conhecimento proprio; porque he ter por dita, o que he miseravel escravidão. Desvanecer-se o vaõ em contar proprios feitos, fi-

dalguias, e respeitos, he falta de conhecimento proprio; porque não conhece, que envilecem ao homem seus louvores em boca propria; e desper-ta a curiosidade de quem as ouve para as examinar. Gloriar-se o sabio da sua sabedoria, he falta de conhecimento proprio, porque sendo a sciencia taõ larga, e a vida taõ breve, não póde o mais sabio saber mais, que saber o muito que ignora, como cantou Wem.

*Nil scis, unum hoc scis, aliquid scis, & nil ergo:
Hoc aliquid nihil est, hoc nihil aliquid.*

Perguntando Plataõ, como passava a vida, respondeo, que ignorando; e Heráclito, perguntado pelo que sabia, diz *Maximo Sermaõ* 56., que respondeo, que bastantemente sabia em saber, que não sabia nada. O queixar-se o Ministro publico do pezo do cargo, he falta de conhecimento proprio; porq̃ pertendeo sem premeditar, e expoz-se em jornada sem meynos, embarcou-se sem mantimentos, e aceitou sem medir, e conhecer suas forças. O gabar-se finalmente o eloquente, he falta de conhecimento proprio porque não conhece, que vale mais o obrar, que o fallar bem.

Ministro qualquer que sejas, se queres ser ditoso, e lograr com felicidade tua occupação, conhece-te em dous tempos, primeiro, antes que pertendas, ou aceites, segundo, depois que estiveres no exercicio. No primeiro conhece, e considera tuas forças para o cargo que pertendes, ou te offerecem, considera o teu genio, e vé se se ajusta com elle. No segundo considera, que foste homem particular, e que sobiste a ser publico, não para te ensoberbeceres com o cargo, mas para que considerando, que es homem sujeito à mesma fraqueza, e

calamidades dos subditos, os governes rectamente. Excelente he para este intento o exemplo, que refere *Nicephoro Calixto no liv. 12. cap. 42.* Subio, Theodosio de homem particular a Imperador, e vendo-o sua mulher a Imperatriz Placidia levantado a dignidade taõ suprema, não cessava de lhe repetir huma, e muitas vezes: *O Theodosio, sabe que foste homem particular; conhece que não subiste a ser Imperador para te ensoberbeceres, e reputares como Deos, mas para que conhecendo, que es homem sujeito às mesmas misérias dos outros, saibas governar o Imperio com prudencia, e justiça, fortaleza, e temperança, como servo de Deos.* Admiravel conselho para os Ministros, que esquecidos do que foraõ, só se lembraõ do que são, mas cousa taõ rara na pratica, que tem Wem por prodigio raro, por maravilha unica, por façanha singular, o não se mudar com o estado o costume, e porisso louva, e engrandece a hum Ministro, que passando de particular a publico, não alterou de condicão, nem mudou de estylo, fazendo-se por este estylo senhor da mesma fortuna, que de ordinario se senhoréa dos que chegou a subir:

*Mores mutat bonos hominum plerumque priores,
Moris, idest, mox non tamen ille tuus:*

*Mutatus non, mutaris miralibe tradunt,
Se à fortuna alii, trahitur illa tibi.*

L I Ç A M VI.

Da Ambição.

Suppõsto que na segunda Palestra desta nossa obra na Lição dos Officios publicos, fique já dito muito desta materia, he ella taõ larga, e taõ propria deste lugar, que nos pareceo novamente pegar na penna, senaõ com mais valentia, com mayor zelo, para mostrarmos o muito que nos convem fugir deste vicio. Na passada Lição fica já mostrado quam fracos, e imperfeitos somos, e com quanta facilidade nos deixamos levar da corrupçãõ da natureza; e tambem nella havemos visto, que naõ he impossivel fugeitar as inclinaçoens do nascimento, e que se temos animo bastante para fortificarnos com o conhecimento de nós mesmos contra a propria miseria de nossa vida, chegaremos infallivelmente ao cume desta penosa montanha, donde a virtude nos levará ao Ceo.

Agora vejamos porque caminhos, e que difficuldades se nos offerecem para isto, e descobriremos na presente Lição segredo mais importante, para começar esta penosa viagem, aprendendo naõ sómente a tirar fructo de nossas misérias, se naõ a alcançar huma victoria perfeita à custa de huma retirada generosa, e de hum glorioso ardid de guerra. Consideremos com atençaõ a esquadra insolente, e temeraria dos vicios, que a hum mesmo tempo lisongêa, e ameaça nossa vida investindo com furia horriavel, tendo por seguro o vencimento pelas armas encantadas de que usãõ, que por pouco que nos tocaõ, nos privaõ da defeza; porém a razaõ, sabia conductora, que nos deu abundade Divina, nos naõ permite a batalha con-

tra taõ perigosos inimigos, e nos ensina a retirada, de que ulavaõ antigamente os Pathos, que pelejavaõ retirando-se, e fazendo sempre carga, até que decipando a seus contrarios, voltavaõ sobre elles divididos, assegurando assim a victoria; com que nos dá a conhecer, que he prudencia fugir do esquadraõ dos vicios, para depois vencellos hum, a hum; doutrina, que tambem dictou a escola Estoica, que a virtude se havia esperar, e os vicios se haviaõ fugir, como refere *Publio Maximo lib. 8.; Stoicorum dogma est nihil esse expectatum præter virtutem, nihil fugiendum præter vitium;* e ainda que Seneca diga; que a razaõ naõ só poem por terra a qualquervicio, mas a todos juntos: *Non singula vitia ratio, sed pariter omnia prostermit,* o mais seguro vencimento, e a mais certa victoria está em acometer a cada hum per si, porque desta forte se venceraõ todos.

O que na presente Lição se nos offerece para vencer com a soberana virtude da magnanimidade, a judada da sua, senaõ irmãa, muito parenta, a virtude da modestia, he o grande vicio da ambição, que no presente seculo facilmente se coroa Monarcha universal de tudo, pois se lhe rende vassallagem do Sceptro até o arado, da Thiara mais suprema até o capello mais humilde. He pois este vicio aquelle desordenado appetite de conseguir dignidades, alcançar officios, lograr postos, subir a mandos, e governos, aquella mayor, e mais prejudicial peste que no juizo de *Cicero* no 1. livro de seus *Officios* gera ainda entra os amigos as mais crescidas invejas, e os mais refinados odios, e no sentir de *Plataõ* no livr. 7. de suas *Leys* a ruina das Republicas, e destruiçãõ dos Reynos; e na opiniaõ de Seneca a mais grave pobreza entre

tre as mayores riquezas: aquelle monstro, ou vicio, a quem *São Bernardo no Sermão da Quaresma* chama subtil vicio, veneno escondido, peste occulta, máy da hypocrisia, paydo engano, origem dos vicios, cegueira do juizo, abuso da virtude, que produz dos remedios achaques, cruz de ambiciosos, que atromentando a todos, a todos agrada.

Este he aquelle abominavel vicio, que turba a clara agua da justiça nas suas fontes; este, que tira a liberdade, a conformidade, e a pureza das eleiçoens; porque a nenhũa diligencia perdoa hum ambicioso para prevertellas; já com dadivas, dando ao leitor dinheiro, regalando-o com presentes para que o ajude com seu voto; já com promessas, promettendo ao eleitor, que terá parte nos emolumentos da dignidade, ou na reputação dos officios; já com ditos, encarecendo os merecimentos do ambicioso, vestindo-o fingidamente das virtudes de que carece, despindo ao virtuoso das com que justamente merece; já com festejos, assistencias, e lisonjas de pessoas, que o podem ajudar a conseguir seus intentos, que certo he, e ninguem o ignora, que se ordenaõ a isto as assistencias: padecendo frios, calores, aguas, tempestades, e outras ignominias, e incommodidades, que se se padeceraõ por Deos, foraõ poderosas a ganhar lhe a coroa de Mar-

tyr. Já o querer o ambicioso alcançar as honras com inteireza fingida, he vicio de taõ desmarcada grandeza, que Plinio Junior o a valia pelo mayor: *Maxima ambitio dominatur cum sub aliqua severitatis specie dilitescit.* Faltaõ ao ambicioso dous feitos para dar a hum pobre, que levanta gritos ao Ceo, e sobraõ dobroens para empregar em serviço dos Pincipes mais poderosos, sobrados de todos os bens temporais, só para grangear seu favor, e para alcançar o que pertende; e com esta diligencia vem a conseguir o ambicioso o premio devido ao virtuoso como exclama *Santo Agostinho sobre os Psalmos.*

Naõ repara o ambicioso, em que se ha esplendor na dignidade, ha muitos perigos na obrigação; se ha honras, ha penosas circunstancias no cumprimento; se he agradavel aos olhos da carne o ser reverenciado, e obedecido, he tremenda aos olhos da razaõ a conta, que no tribunal de Deos ha-de dar de todos; porque naõ attende ao trabalho, senaõ à honra, naõ à sollicitação, senaõ ao regalo, naõ ao cuidado, senaõ à magestade, naõ ao pezo das obrigaçoens, senaõ à abundancia da renda; e hallucinados destes objectos, se expoem atrevidos a todas as difficuldades, e como atrevidos as alcançaõ, porque he propriedade da fortuna ajudar aos atrevidos, como cantou o Poeta Virgilio:

Audentes fortuna juvat.-----

E o imitou o Inglez dizendo:

*Audacem fortuna omnis, cibus omnis edacem
Adjuvat; esse aliquid, si cupis, aude, & ede*

Mas, ah ambicioso, naõ has mister outro castigo mais que tua propria consciencia; pois naõ te leva o que no officio te póde ser de proveito, senaõ a vaidade, o resplendor, e o tropel com que se cobre teu juizo, e

condemnação. Sabe, que he para ti o governo o caliz dourado, que vio o Propheta Jeremias, como se escreve no *cap. 51. n. 7.* com cujo vinho se embebedavaõ as gentes, que considerando *S. Gregorio no liv. 34. Moral*

tal cap. 13. entende pelo caliz de ouro o resplendor da dignidade, e pelo vinho os bens temporais, que acompanhaõ poderosos para desvanecer o mais prudente, se os não olha com attentos, e desenganados olhos; donde nasce, que como cego (miseravel ambicioso) com o resplendor da dignidade, e com o ouro do caliz, não vê o inferno no vinho: vês as flores da gloria do mundo, e não o laço da culpa com que se cobrem; costume antigo de nosso inimigo, mostrar os bens, que o são só na apparencia, para que se percaõ os que o são em a substancia: pôr o cebo das honras temporais com que cobre o anzol da culpa, que faz perder as eternas; pois na verdade não ha anzol mais dissimulado no cebo, que o da culpa da pertençaõ, e desejo desordenado; e porisso São Bernardo de *consideratione ad Eugen. lib. 3* lhe chama mal subtil: *Ambitio subtile malum, secretum virus*, cuja golosina faz desconhecida a ma'icia da culpa, e ficar prezo no anzol, quem não soube descarnar-se da golosina, e cebo.

Confidera, ambicioso, e vê despaixonadamente as balanças de huma, e outra consideração, e verás, que he forçoso confessares, que a força da obrigação excede à outra, o que huma vara de lagar a huma debil cana, e o que a substancia solida ao desvanecimento, e ar; e que differença haverá, que não tenha lugar entre estes pezos? Confidera a difficuldade, que no governo de tantos fugeitos, e tão differentes se encerra, entre os quais hum pede justiça, outro a brandura do conselho, outro o rigor do Castigo; hum a palavra branda, outro a aspereza do acoite. Confidera, que nestas differenças te ha de haver de forte, que debes attentar pelo proveito do bem publico, e commum, para o que foste levantado a esse estado: *Præes, non ut præsis, sed ut profis*. Confidera, que na immensidade de delictos hajaõ de ser

forçosamente differentes os castigos; pois será forçoso castigar a hum, e perdoar a outro, e que se pôde perigar em castigallos, ou perdoallos igualmente a todos: tão poderosa he a differença dos fugeitos, e tão necessario o conhecellos; pois se se trocassem as mãos, castigando ao que deve perdoar-se, e perdoando ao que mercede castigo, se offenderia a justiça.

Confidera o que custa levar o pezo dos negocios, e os trabalhos; não repouso porque os outros repousem; encher os ouvidos de queixas, e os olhos de libellos particulares; usar contra tua vontade já da simulação, já da ameaça, já da força. Quando Pio III. entendeo, que Paulo IV. o queria fazer Cardeal, disse lhe: *Beatissimo Padre, quereis-me tirar do Purgatorio para meter-me no Inferno?* Confidera o que custa opprimir os queixosos, e conjurados, q' contra ti te infamã, te capitulaõ, te malquistaõ, ainda que hajas procedido com justiça em abater soberbos, derramar muitas vezes o sangue daquelles, que amas como filho, quando damna mais a clemencia, que o rigor; e verás, que he isto huma servidaõ tão penosa, que bastou para fazer que o Imperador mais cobiçoso do Imperio abominasse o dia, q' aprendeo a mandar. Mas porque não confideras estes trabalhos, porisso appeteces com tanta ancia o que aborreceiras, se os consideraras, como disse São Bernardo in *Ep.*: *Multi non tanta fiducia, & alacritate currerent ad honores, si & se sentiant onere gravari, nec cum tanto labore, ac periculo quantum libet affectarent infulas dignitatum*; porque ha tanta difficuldade em executar as obrigaçoens dos cargos, e dignidades, que afirma Santo Agostinho super *Ps.* que todas as vezes que affectava o mandar, offendia a Deos: *Quoties hominibus præesse desidero, toties Deo meo præire contendo*.

Confidera bem, ambicioso, a razão porque são as dignidades, e os postos

tos superiores, que effa só bastará para aborrecello : ouve a Santo *Agostinho* no *Sermão 204. de Tempore*, que diz, que pela superioridade do lugar se dáõ a conhecer as difficuldades de suas maiores obrigações. O mesmo posto, que parece faz levantar mais o provido, effe mesmo lhe deve abater a cabeça. Excellentemente explicou *Plutarcho* no *liv. de perfet. mor.* a differença que havia de cabeças em hum maravilhoso exemplo. Diz pois, que as cabeças eraõ como as espigas; as vans estavaõ sempre muy empinadas; o ar que em si encerraõ, as faz estar sempre olhando, e forcejando para cima; porém as que estavaõ ricas de grãos, inclinavaõ-se para baixo, e olhavaõ aos pés, e raizes de que dependem. As cabeças dos superiores ambiciosos, que subiraõ ao posto, levados do tropel de seu esplendor, e namorados de seus merecimentos, porque estes sempre olhaõ para cima, o vento de sua vaidade os desvanee, para que não ponhaõ os olhos em os pés, em os subditos, de cujo aproveitamento depende o bom successo de seu officio; porém a cabeça dos superiores, rica dos grãos da virtude do conhecimento proprio, considera, q para ser cabeça, deve pôr os olhos em os pés, em os subditos, que correm por sua conta; e considera, que o mesmo nome de superior lhe está dizendo a vozes as difficuldades do officio; e com isso não ignora a loucura de pertender, e quando o regala a excellencia do lugar, a veneração dos subditos, a abundância das rendas, o atemoriza, e espanta a obrigação do governo.

Materia he esta tão sabida de todos, ou, para melhor dizer, tão fallada de todos (que sabida perfectamente cremos o he de poucos em estes tempos) em que tão sem temor, e por meyos tão illicitos se procuraõ, e cobicaõ os postos, as dignidades, os officios. Refere *Estobéo* no 2. *Sermão*, que *Phavorino* reduzia a trez classes to-

dos os homens, a saber a ridiculos, a odiosos, a miseraveis: *Homines partim esse ridiculos, partim odiosos, partim miserabiles dixit; ridiculos quidem, qui ambitiosè ad maiora aspirant, odiosos, qui ea consequuntur, miserabiles autem, qui spe falluntur.* Os ridiculos dizia, que eraõ aquelles, que ambiciosos pertendiaõ os mayores postos; os odiosos os que os conseguiaõ; os miseraveis os que enganava a esperança da pertençaõ.

E na verdade, que está com toda a propriedade esta divisaõ; porque que homem ha, que não pertenda? E que pertençaõ ha, que não seja ridicula? Pois quasi todos, ou todas se fundaõ em exteriores apparencias, que enganaõ, como capa de ovelha, com que se vestem os lobos, e parece hum Anjo, o que he hum Satanás. Consideray com attençaõ a hum pertendente, e causar-vos-ha rizo a humildade affectada, os obsequios fingidos, os merecimentos suppostos com que pertende. Que homem ha, que subindo ao posto, não seja odiado? Porque, como diz *Innocencio de vilitate conditionis humanae*, o ambicioso logo que sobe ao lugar, se enche de soberba, e se desvanee de jactancia; não cura de aproveitar, mas presidir; procura ser o melhor de todos, porque se vê superior a todos; despreza os amigos, desconhece os que antes conhecia, vira a cara a todos, levanta o peçoõ, faz ostentaçaõ do seu trato; não falla senão em cousas grandes; não cuida senão em as mayores; sendo para os subditos oneroso, arrogante, grave, e importuno. Que homem desengañado da esperança, não se lastima, não se magoa, não se queixa de sua fortuna, dos homens, e até de Deos? De sorte, que de todo o modo a ambiçaõ he cruz, e tormento para o ambicioso, como escreveo *São Bernardo ad Eug. lib. 3. : O' ambitio ambitientium cruz, quomodo omnes torquens, omnibus paces! Nihil acrius cruciat, nihil modestius.*

tius inquietat Se lograõ a posse do que pertendem, de todos são aborrecidos, e desprezados, como disse *Aristoteles* 4. *Ethicon: Et ambitiosum vituperamus*; fenaõ alcançaõ o que desejaõ, são aborrecidos de si mesmos.

Naõ fora taõ detestavel este vicio da ambiçaõ, se tivera termo seu desordenado desejo; mas como naõ sabe o ambicioso ter termo em que descança, naõ tem medida este vicio; e por esta razãõ disse Seneca, que naõ permite a ambiçaõ, que ninguem possa ter medida em seus desejos, nem descanço em suas pertençaõs: *Nulli assequuntur satis finem, quam optant*. Naõ dá graças o Tribuno, diz o mesmo Seneca, de haver conseguido esta dignidade, mas queixa-se porque naõ soy constituido Pretor; nem este vive com socego, em quanto naõ logra o Consulado; e se ainda ha mais que pertender, lá passa a ambiçaõ; porque esta naõ olha donde vem, fenaõ por donde caminha, como disse Se-

neca: Felicitas non unde venerit, sed quò tendat, respicit. Por mais que se dá ao ambicioso, sempre vive faminto: tudo cuida que merece, e nada julga que o satisfaz. Os premios mais crecidos reputa naõ só por diminutos, mas por afrontosos aos merecimentos, que fórma a sua fantasia; e tanto mais alcança, quanto mais deseja, à maneira da chamma, que tanto mais cresce, quanto he mayor o incendio.

He o coração do homem, como escreve *Seneca lib. 2. de Beneficiis cap. 7.*, hum continuo fervedouro de desejos; nada menos o satisfaz, que o que tem. Tanto as felicidades são mayores, quanto he mais ardente o desejo com que anhela outras. Como do mayor incendio voa mais activa, e vorazã chamma, assim do cume das mayores fortunas remonta mais seus voos a ambiçaõ, como cantou *Seneca Trag. 4.*

*Quisquis secundis rebus exultat nimis,
Fluitque luxus semper insolita appetens,
Tunc illum magnæ dira fortuna comes
Subit libido.*

O posto, que pareceo temeridade pertendido, o despreza a ambiçam alcançado. O mesmo, que havia callar suas ancias, encende mais suas diligencias. O ambiçaõ em certo modo infinita! (exclama *São Bernardo Epist. 42.*) O avareza infaciavel, que ainda naõ bem se chega a desfrutar as primeiras honras, ou o merecimen-

to as adquirir, ou as negoea o obsequio, ou as dispensa a carne, e o sangue, quando o coração, incapaz de socego, que em nada descança, começa a voar com duas azas de ambiçaõ, e avareza; porque são uniformes companheiras entre si, e huma he alimento de outra, como cantou *Claudio 2. Stic.*

*Trudis avaritiam, cujus fœdissima nutrix
Ambitio, quæ vestibulis, foribusque potentum
Excubat.* -----

Conseguida a Judicatura, se aspira ao Desembargo. Apenas assenta praça o soldado, quando acha menos a gineata; e mal consegue esta, já deseja o bairão de General. Conseguido o Bis-

pado pelo Ecclesiastico, já deseja outro mayor, e aspira logo a ser Arcebispo, e em o Arcebisado acha menos o Capello; e alcançado este, discorrendo entre sonhadas fantasias a que

que subir, frequenta comtrabalhos caminhos, e amilades custosas a Corte, e casas dos Grandes; e o que mais he, que esta peste taõ encendida no seculo, se atreve tambem a buscar aos mesmos, que pelos votos, que professaõ na Religiaõ mais estreita, tem obrigação mais precisa de morrerem para os vicios, e viverem para as virtudes, lá os vay buscar no retiro das cellas, e no mais escondido dos Conventos, em que a penas chega hum

a ser Padre professo, quando aspira a ser Padre Presentado, e dahi a Provincial, e Geral; e sendo pobres, humildes, e castos por votos, os vemos pelo governo, muitas vezes de quatro alfaces, e duas chicorias, dispendido dinheiro a montes como ricos, e fallar muitas vezes, e obrar como soberbos. O' dura, e cruel ambição, que a tanto te atreves, a tanto te dilatas! Com razaõ te chamaõ cruel os antigos Poetas: *Virgilio Georg.*

Nec tibi regnandi veniat tam dira cupido

Porém mais mereces o nome de atrevida; pois até o mais encerrado Claustro penetras.

O' cego ambicioso, já que a tua ambição te grangeou o posto, que se devia ao merecimento alheyo, não advertes, que como te achas arrebatado do furor, que entras em hum inferno de contado? Pela esperança de huma gloria contingente perdes (como diz *Seneca*) o que poderas gozar, e logras só o infame tormento de pertender. Não advertes, que diz o mesmo *Seneca de Brevitate vitæ cap. 9.*, que he grande embaraço para dispor hoje a vida como convem, pender da esperança do q' será à manhan? desprezar o proprio, e dispor do alheyo? Não advertes com o mesmo *Seneca Trag. 4.*, que a felicidade pretendida, não tem mais consistencia, que a de sonhada; e quando succeda ao paladar do desejo, có a opulencia crescerá o apetite, e a inquietação? Não advertes com *Seneca Epistol. 2.*, que não pôde ter domicilio para descanso, o que solicita em varios lugares sua residencia? E como estará gostoso com a vida que professa, quem tem por architectos seus desejos, que sobre bases de proprias fantezias se fabricaõ outros alimentos superiores aos que goza! O manjar, que não para no estomago, não alimenta: arvore, que muitas vezes se transplanta, não frutifica.

Não advertes, que o coração, que não lança raizes no emprego, em que Deos o ha posto, sempre estará desmedrado? Tarde, ou nunca dará fructo de virtudes: qualquer vento bastará a derrubar sua pouca firmeza. Como se recolherá a viver dentro de si, o que peregrina fóra de si, levado em azas de seus desejos? Como adornará com alinhos sua casa aquelle, que a tem por venda, em que não cuida deter-se mais que huma noite! Não advertes, que aquelle, a quem não tem contente a sua sorte, o finge a apprehensam despenhado? As ancias do que solicita não lhe permittem que logre o que possui, mas que pôde possuir o que lhe falta. O que perdeu a liberdade sobre si, mal pôde tella sobre seus bens. Ella, e elles por direito da escravidão, da ambição estão cativos; e a nenhum escravo obrigou seu Senhor a render-se a taõ humildes baixezas, diz *Chrysostomo Homilia 43.* Não advertes finalmente com *Seneca de Tranquillitate lib. 1. cap. 10.*, que Pontifices, e Reys, todos servem, e que tem mais donos a quem servir, o que admite mais subditos de que cuidar; e que se tomará mais estreita conta ao que tem à sua disposição mayores thesouros; e que não ha genero de vida, em que o animo não possa viver ditoso, se se accõmoda a cumprir com as obrigaçoens do estado que professa?

Eya pois ambicioso, contentate com tua forte; e ainda que começasste infeliz, acabarás ditoso.

Mas não pára ainda aqui o ambicioso, ainda a mais passam seus desejos. Não se enfrêa o desejo do ambicioso em occupar os postos, em subir a elles por seus degraos, em conseguir cingillos, mas occupallos todos juntos, desfrutallos no mesmo tempo. Ambicioso, adverte, que hum homem só es, e que huma couza só poderás fazer bem. São tão pezadas as occupaões, ainda do mais leve officio, que a penas basta para desempenho dellas todo hum homem; e como poderás, ambicioso, comprir com muitas, sendo hum? O certo he, que os pertendes desfrutar, e não servir: queres os lucros, e não cuidas dos trabalhos. A Gentilica Theologia ainda nos mesmos Déoses não quiz que hum fosse bastante a poder mais em huma couza; e dos ambiciosos não ha nenhum, que não imagine que he para todas.

Este pois he o vicio, de que na presente Lição nos ensina a retirar a recta razão. Delle havemos de fugir, como de Urso ensanguentado, de Leão irritado, de Javali ferido, de Aspide pezado, de Touro enfurecido, e de Cavallo desenfreado, porque se chegarmos a medir com elle as armas, temo que sayamos vencidos, por mais que em nossa defeza se ponhaõ em campo todas as armas da razão, se entramos com desejos immoderados de crescer. Importa pois para vencer, não pertender, porque, como refere *Cicero lib. 3. de Officiis*, rara vez teve felice successo a ambição de governar: *Dominandi cupido raro bonos habet eventus;* e com a retirada he só que se vence este inimigo. Contenta-se cada hum de nós com o que Deos lhe dá em sua casa, e não procure honras, e dignidades, como aconselha o *Espirito Sancto cap. 7. do Eccles.*, que logo vencerá este indomavel vicio.

Homem, que queres viver livre, e magnanimo, nem pertendas, nem te deixes levar das apparencias das dignidades, nem digas, que he ditoso, quando vires algum a ellas promovido, acreditado, e favorecido; pois o verdadeiro descanso consiste em não desejar senão o que depende de nós mesmos. Não nos deve causar zelos, nem inveja o lustre da grandeza. Não devemos ter ambição de ser Ministros; porque convem, que sómente cuidemos de ser livres; e hum só remedio ha para alcançallo, (diz o grande Philosopho *Epiçteto no seu Enchiridion*) que he desprezar tudo o que não depende de nós outros. Mas que desterrada anda esta doutrina hoje no mundo, aonde não só se invejaõ os postos, e dignidades, senão tambem a virtude dos que justificadamente os merecem! Diga-o aquelle, que cada dia o experimenta: quantas diligencias indignas se fazem para impedir, que alcancem os cargos aquelles, que por seus merecimentos deviaõ ser buscados para elles?

Se a caso te resolveres a pertender, movido de que já passou o tempo dourado, em que os postos pertenciaõ, e buscavaõ as pessoas, e não as pessoas os postos, guarda duas couzas: primeira, que não pertendas sem merecimentos; e segunda, que seja sem ancia, nem seguridade de alcançar; e assim senão houveres conseguido, dirás em ti mesmo Christãa mente, que a Divina Providencia sabe melhor do que tu o que te convem, acordando te, que se haõ perdido mais dos que passaraõ de pobres a ricos, do que dos que de ricos vieraõ a pobres, ou ficaõ em seu primeiro estado; e de quantos ha frustrado a sua alcançada pertençaõ, por não haverem conhecido seu proprio talento; e o que pertenderaõ como cargo, os opprime como demasiada carga; e dos muitos, que se houveraõ ficado em o particular,

lar, houveraõ dissimulado a ignorancia, que tiraraõ a publico, a quem ensinou a experiencia, que era defabrido, e amargo o que primeiro propoz o desejo por saboroso, e doce; e a mesma dignidade taõ vehemente-mente desejada, começou a dar em rosto, quando o começou a lastimar o pezo, que estava nella encuberto.

Lembra-nos, que lemos hum douto, que tinha sempre por mais ditosos aquelles pertendentes, que depois de muitas diligencias interpostas, naõ alcançavaõ; porque costuma succeder, que quebrados com as diligencias inuteis, e confusos com as ignominiosas repulsas que padecem, abrem os olhos a seu defengano, e lhes serve de colirio, o que podera ser laço para sua perdição

O' res falaces potiùs, spes verò fidelis,

Quæ vel ad extremum nos comitantur iter!

Razaõ porque disse Plinio o Menor, que a mayor parte dos homens acaba, sem que acabem suas esperanças, por-

Præteriti spes nulla manet, spes sola futuri:

Res abeunt sine spe, spes redeunt sine re.

Do mais celebrado dos mortais Alexandre, taõ grande, que ainda no nome quiz o mundo que o fosse, conta Plutarcho na sua vida, que estando já perto da morte, disse a seus amigos: *Estou vendo, que ha de haver hum grande epitaphio depois de minha morte;* que he huma relação do que foy, e naõ he memoria do que já passou, chronica de cousas grandes, que já naõ saõ, nem ainda pequenas. De todas suas victorias, riquezas, e Monarchias, naõ lhe ficou mais que o epitaphio; o contar-se dos vindouros o que já naõ he. De que importancia foy logo ser o grande Alexandre na sua vida em tudo grande, se em a morte naõ lhe ficou outra cousa mais que huma me-

confiderando, que na vida humana, todas as pertençaens, e esperanças naõ saõ outra cousa mais que huma representação falsa do que em verdade naõ ha: huma promessa mentirosa do que naõ cumpre: huma machina de fumo ouca grande por certo, mas vam; porque apertadas as maõs, se achaõ vafias. As pertençaens da vida, os pensamentos, as fabricas de vento, que configo se imaginaõ, e traçaõ, grandes costumaõ ser lá em a traça, porém nada no effeito; e chega a tanto, que ellas, muito mais que os mesmos bens, nos trazem embebidos, sem que saibamos ao que esperamos, e cremos ha de ser depois da vida, e todas essas pela mayor parte sahem vans, como bem advertio Wem;

que todas as grandezas da vida paraõ em nada. Nos mesmos termos fallou o Poeta Wem, quando disse:

memoria do que foy? Naõ lemos, que houvesse nenhum, que na hora da morte sentisse o naõ haver subido dignidades; mas de muitos lemos, e ouvimos contar o muito, que choraõ o havellas na vida possuido. De Alexandre Severo Imperador se conta, que vendo-se rendido nas maõs da morte, olhando para seu privado Ulpiano, lhe dissera estas palavras: *Cuncta fui, sed nihil prodest. Fui tudo, e dominey sobre tudo, porém isto de nada aproveitou.* Com razaõ ponderou Wem o fim da vida, em que tudo acaba, e cobre a terra, e só resta o espirito, que desamparando a prizaõ do corpo, passa a viver eternamente, livre das misérias desta vida:

*Humanum in terris nihil est, quòd non sit humandum;
Avolat hinc animus, cætera sorbet humus.*

L I Ç A M VII.

Sobre a mesma materia.

Ainda nos fica faininta a pena; porque todo o que temos dito a cerca da ambição, nos parece curto, e assim nos resolvemos a continuar a mesma materia nesta Lição, em que quizeramos subir de estylo; pois nella te quizeramos dar bem a conhecer os damnos, e prejuizos deste vicio, principalmente nos muitos, e grandes Reynos, que tem devorado, nos muitos, e grandes Monarchas, que tem reduzido aos ultimos termos da miseria humana, nas muitas, e grandes discordias, que tem semeado no mundo, theatro, em que se tem visto representadas tantas, e tão lastimosas tragedias, que urdio a ambição, que os levou a querer reynar, mandar, e preferir a todos na honra, e fama deste mundo; e as mais vezes, ou todas, quando não são guiadas da razão, e possibilidade para ellas, lhes succede mal, e tem infelices fins; como se vio em aquellas guerras civis de Roma, que tiveram principio em o Consul Mário, que triumphou cinco vezes solemnemente em Roma; e fazendo elle em Africa a guerra contra Jugurtha, Rey de Numidia, enviou a Lucio Scyla, seu Questor, a El Rey Bocho, que favorecia a Jugurtha, para que deixasse de favorecerello, e se fizesse amigo do nome Romano.

Lucio Scyla negociou tambem, que El Rey Bocho lhe entregou prezo a Jugurtha seu amigo, e o levou ao Consul Mário, que triumphou delle em Roma; e depois El Rey Bocho, por contentar aos Romanos, lhe enviou humas ricas Estatuas para se porem no Capitolió, e entre ellas huma del Rey Jugurtha prezo, e posto em as mãos de Scyla, do qual o Consul se aggra-

vou, dizendo, que aquella honra se devia a elle, e não a Lucio Scyla seu Embaixador, pois elle o havia ordenado, e triumphado de Jugurtha: poz-se em derrubar a Estatua, e Lucio Scyla em defença della, pelo que se resolveo não só Roma, mas todo o Imperio em dous bandos: os nobres com Scyla porque o era, e os plebêos com Mário; e houve cruéis guerras, donde morrerão infinitos, e ambas as Cabeças Mário, e Scyla, e seus bandos, passaraõ a Pompéo Magno, Cabeça dos Nobres, e a Julio Cesar, Cabeça dos Mários, e plebêos; não porque elle fosse plebêo, porque era mais nobre que Pompéo, se não porque Mário foy casado com huma tia de Cesar, irmaã de seu pay: e por que a ambos Julio Cesar, e Pompéo senhoreou a ambição, de que tratamos, querendo cada hum delles mandar só em Roma, e seu Imperio, porque a Pompéo era suspeito o grande valor de Cesar, e a Cesar a authoridade de Pompéo: Pompéo não queria soffrer igualdade, nem Cesar superior.

Sobre cuja ambição ardeõ o mundo em guerra, e batalhas, e se acabou a furia em a de Pharsalia, aonde Cesar foy vencedor, e Pompéo fugio á Ilha de Lesbos, aonde tinha a Cornelia sua mulher, e dalli a Egypto, a valer-se de Ptoleméo seu amigo, a quem havia dado o Reyno; e chegando, lhe fez cortar a cabeça, e a enviou de presente a Cesar, que já chegava em seu seguimento, com a qual Cesar, ainda que chorou, com ella se fez senhor de Roma, cousa aborrecivel ao Povo Romano, e o mataraõ no Senado com vinte e quatro punhaladas; que tais fins costumão succeder da ambição; e porisso ensina Aristoteles, que a discordia tem seu principio, em que o menor, ambicioso da honra do mayor, se queira fazer seu igual

e o igual superior: *Minores, ut sint aequales, seditionem faciunt; aequales vero, ut fiant maiores*; porque como diz Sallustio, ninguem permite superioridade com bom animo: *Nemo alteri libens imperium concedit*. Não experimentou desigual fim Marco Crasso, hum dos mais ricos homens, que teve o mundo, e Triunvirato Romano, que entre si, Pompêo, e Cesar tinha partido o grande Imperio de Roma por sortes, ao qual cabendo a Provincia de Asia, disse logo, que tudo o que em a Asia haviaõ feito Lucio Lúculo, e Pompêo, Capitaens famosos, eraõ cousas baixas a respeito do que elle havia fazer; e querendo ambicioso começar a guerra, para estender igualmente seu dominio, e sua fama contra os Parthos, foy vencido, e morto, bebendo ouro derretido, justa bebida para tanta sede.

Este mesmo successo teve Valentino sobrinho do S. P. Alexandre VI. que morto o Duque de Grandia Francisco de Borja, se despio da Purpura de Cardeal; e começou em Italia a mover as armas de sorte, que não só se fez senhor de quasi toda, mas rezolveo toda a Christandade em guerras, executando as crueldades mais tyrannas, que se lêm em os Annais; até que morto Pio III. foy encerrado no Castello de Santo Angelo, e vendo, que não tinha remedio, se sahio de noite, e se foy valer de alguns Cardeaes, para usarem com elle de sua clemencia, tendo por grande partido, que lhe deitassem ferros nos pés, até que houvesse Pontifice, que em téla judiciara conhecesse de seus negocios; e sahindo Pontifice Julio II. que andava desterrado, e tinha padecido grandes trabalhos, por não cahir nas mãos de seu tio Alexandre VI. o mandou sahír de Italia, e por ultimo fim se foy a Navarra, donde em huma batalha o acharão morto, e nú. Causa por certo he de grande lastima considerar, que hum homem

que hontem mandava ao mundo, e que todo elle não bastava para fartar sua ambição, e cobiça, posto em tanta miseria, que tivesse por grande ventura, que lhe puzessem grilhões nos pés. Causa por certo he digna de se contemplar, o como correm os negocios, e cousas do mundo, o qual desta maneira gosta de jogar com os homens, e levantando aos que costumava ter abatidos, e abatendo aos que costumava ter prosperos. assim se vio em menos de cinquenta dias a mais estranha mudança, que se poderá pensar. O prospero, e valoroso Duque posto em cadeas, e o desterrado Cardeal subido ao Throno, e Magestade Pontifical; exemplo, de que se deviaõ aproveitar os homens para não se levantarem na fortuna prospera, nem cahirem de animo com a adversa; pois taõ proprio he da Divina providencia o levantar o cahido, como o derrubar o levantado; e para não desejarem mais nesta vida do que o que a seu estado pertence, e para que queiraõ, como diz Marcial, ser o que são, e não mais, pois vemos, que se este pobre homem se contentára com o seu estado, e tivera moderação para não querer subir, do que teve no principio, podera viver Cardeal rico, e muy honrado, e com querer fazer-se senhor de toda a Italia, com damno alheyo, veyo a perder o seu proprio Estado, e com elle a liberdade, e a vida taõ pobre, que nem vestido teve, havendo sido hum dos mais ricos homens do mundo.

Muito mais infeliz foy o successo de Georgio, e muito mais pavoroso o castigo de sua ambição. Presidindo na Igreja de Deos Leaõ X. com desejo de se tomarem as armas contra o Turco, mandou pelo Cardeal Thomaz publicar a Alemanha a Cruzada: concorreo muita gente, assim da Nobreza como da plebe; esta como se vio em armas, levantou hum motim dizendo, que já era vindo o tempo

po, em que pagaria a Nobreza os defaforos, que lhe costumava fazer; e foy negocio taõ deveras, que o Cardeal mandou com censuras, que ninguém tomasse a Cruzada, e todos depozeffem as armas; mas os amotinados, desprezando censuras, se hiaõ augmentando, e para sua mayor segurança elegeraõ por seu Rey a Georgio, que aceitando o Sceptro, forraõ as cousas taõ de veras, e tantas as crueldades, que faziaõ, que foy necessario publicar contra elles a Cruzada, e depois de batalhas campais, veyo a ser prezo o Rey Georgio pelo Baiboda de Transilvania, com muitos dos seus. Logo mandou meter vinte em huma cela, e que se lhe naõ dellsẽ de comer tres dias inteiros, os quais passados, trouxeraõ a Georgio à praça, e o pozeraõ em hum pão muy bem atado com cadeas, para que naõ se podesse bullir; estando assim, trouxeraõ huma coroa de ferro de huma fragoa, e coroaraõ-no com ella, como a Rey; dahi a pouco mandaraõ-no estender muy bem, e abrindo-lhe huma veyra, trouxeraõ alli a Lucusio bem sequioso, e lhe mandaraõ que bebesse do sangue de seu irmão. Seguiu se logo tirarem os vinte famintos do cárcere, e os forçaraõ a que comessem de seu Rey a bocados. Depois que já os famintos o tinhaõ quasi feito pedaços, abriã-no pelo meyo do peito, antes que acabasse de morrer, tiraraõ-lhe as entranhas, fizeraõ no em migalhas, e puzeraõ-no a cozer, e assar, e de-raõ-no em banquete a seus soldados. Finalmente depois de o comerem, fahiraõ todos, e Lucusio com elles, a justicar, e fizeraõ-nos mil pedaços. Couza certo horrenda, e que só o contalla parece que atemoriza; e oxalá bastara para escarmento, e exemplo, em que se visse defenganada a ambição de governar por meyo taõ injustos.

Outro exemplo de ambição te-

mos em Beoris Moscovita. Morto Theodoro, que governava a grande Moscovia pela infancia do Principe Demétrio, e publicado, que este era morto de peste, se achava sem pessoa que a governasse: recorre o Povo a Beoris, e pede-lhe que o governe: escula-se, e reparte por elle trezentos mil cruzados, mostrando assim que o naõ queria, e que comprava seu soccego: desperta-se mais a ancia de o procurarem; insta novamente o Povo a que ou aceitasse, ou nomeasse fugeito, que o governasse: nomeados, os mais mal vistos do Povo, para que recusando-os, se abrisse caminho a nova instancia: succede o effeito igual ao designio; e porque torna o Povo a seus primeiros intentos, naõ já com rogos, mas com força o acclamaõ Graõ Duque de Moscovia, Imperador de Ruffia, Senhor de Cassan, e Astrancan; e sem fazer Beoris contradicãõ publica aos demais, tirou o Imperio a todos: apparecco Demétrio, quem seu ayo tinha até entãõ escondido para o livrar, de que a astucia de Beoris lhe naõ dellsẽ a morte, recusa largar a Monarchia a seu legitimo senhor: seccedem guerras, que acabaõ em nove de Abril de seis cento, e cinco, diante de alguns Embaixadores, a quem devia a vida, e de alguns principaes da Corte: começa subitamente a verter sangue pelos olhos, boca, e narizes, e sem que bastasse algum remedio, nem prevençãõ humana, acaba a vida, e sua mulher se mata com veneno: morre seu filho Theodoro desesperado de conservar o estado, por naõ vir às mãos de Demétrio, a quem Beoris tinha mandado matar, e o salvou da morte a fidelidade de seu ayo, que em seu lugar tinha posto outro. Que extraordinario meyo buscou Beoris para lograr sua pertençaõ! Que novo modo de ambição! Mas que ordinario fim, e que antigo castigo!

Obrigou esta cega paixãõ de reynar

nar, a que Henrique, violando o direito, que dava a Coroa a seu irmão João, Duque de Finlândia, se coroasse Rey de Suécia, e puzesse seu irmão, e a Duqueza sua mulher em prizaõ, aonde nasceo Sigismundo, depois Rey de Polonia, até que por seus mãos termos depuzeraõ os nobres a Henrique, e coroaraõ a seu irmão João, Duque de Finlândia, o qual prendeo a seu irmão, e competidor, e o teve oito annos em a mesma prizaõ, em que elle havia estado quatro; e estivera mais, senão se acabara a vida ao pobre Henrique, pagando o peccado, que contra seu irmão, e verdadeiro successor do Reyno de Suecia, havia comettido.

Demos huma vista às Historias mais antigas, e veremos nellas o mesmo, que nas mais modernas. Não muito pouco tépo antes da guerra Troyana foy a brava guerra dos Thebânõs Eteocles, e Polinicos, entre os quais houve concerto, que reynassem por annos; mas Eteocles, que primeiro houve o Reyno, não quiz estar pelo concerto, pelo qual Polinices se acolheo à Cidade de Argos a El-Rey Adrasto, e como recebesse sua filha por mulher, procurou de o restituir a seu Reyno; porém no fim, elle com outros Principes, foraõ mortos, diante da Cidade de Thebas, e os dous irmãos se mataraõ ambos em a batalha, e com tudo isto não houve fim a guerra, até que outros Principes vieraõ sobre Thebas, e a destruíraõ.

Antes da fundação de Roma reynou Procas em Alba, o qual teve dous filhos Numitor, e Amulio: o pay havia

determinado deixar o Reyno a Numitor, filho mayor; porém Amulio, que era o menor, por força usurpou o Reyno, e aprizionou a seu irmão; e a seu filho Egisto enganosamente matou; e a sua filha Rhea Sylvia encerrou-a em a companhia das Virgês Vestais, para q não houvesse geração de que temer; mas ella se fez pejada, e pario a Romulo, e Remo, os quais mataraõ a Amulio, e restituirão o Reyno a seu avô Numitor.

Morto Alexandre em Babylonia, sem deixar quem governasse o Imperio, porque sendo-lhe perguntando a qué deixava o governo, respondeo, que ao melhor; e como cada qual se persuade o melhor de todos, pertende-raõ Perdicas, Cassandro, Antipatro, Ptolomêo, e Antígono cingir a Coroa, e empunhar o Sceptro de todo o Imperio, de que resultaraõ guerras, em que morreo Perdicas casado com Cleópatra, irmãa de Alexandre; dividio-se o Imperio em quatro, ficando Ptolomêo Rey de Egypto, Antígono Rey de Asia, Seleuco Rey de Syria, Cassandro de Macedonia, e Grecia, em que se houve com tal ingratitude, e crueldade, que mandou matar a Olympas, may de Alexandre, e prender Roxanes, mulher de Alexandre, que este fim acarretou a ambição a hum Imperio, que nasceo com Alexandre de vinte annos, e morreo com Alexandre de trinta e tres. E estes são os alternados successos das coulas humanas, que para renascerm humas, he necessario acabarem outras; como cheyo de lagrimas carpio o Seneca:

Quot post excidium Troiae sunt eruta regna?

Quot capti populi? quoties fortuna per orbem

Servitium, imperiumque tulit, varietque revertit?

Troianos cineres in quantum oblita refovit,

Imperium fatis Asiae, jam Grecia pressa est,

Secula dinumerare piget, quotiesque recurrens

Lustraret mundum vario Sol igneus orbe:

*Omnia mortali mutantur lege creata,
Nec se cognoscant terræ vertentibus annis,
Exutas variant faciem per sæcula gentes.*

Costumava dizer Euripedes, que se se havia violar por cousa alguma o direito, era só por reynar; proverbio, que se tem visto tantas vezes praticado no mundo, q' antes faltará papel para escrever, que exemplos para contar; pois em tempo de Carlos V. se levantou em Tunes Amides contra seu pay El Rey Muleaffes, a quem fez quebrar os olhos, e a seus irmãos como o mesmo Muleaffes tinha feito a seu pay, e seus irmãos.

L I Ç A M VIII.

Sobre os Lisongeiros.

NAõ he menos excellente a propriedade, que tem a soberana virtude da magnanimidade de perseguir, e aborrecer o vicio da Lissonja, q' o da ambição; antes com as mesmas forças, com que se oppoem a este, persegue aquelle; nem he menos nocivo o ambicioso, que o lisongeiro; antes considerados bem os danos de hum, e outro vicio, são tanto maiores os vicios da lissonja, quanto mais

*Excitat auditor ad studium, laudataque virtus
Crescit, & immensum gloriae calcar habet.*

He temor para desprezo dos vicios. Quem não gosta de louvores, não teme o vituperio; e quem não teme o vituperio, não tem vergonha; e quem não tem vergonha do mal, está disposto para cahir em todos os males. Havendo Temistocles chegado a hum concurão de musicos, que cantavaõ à competencia, e perguntando lhe que voz lhe agradava mais? Respondeo: *Aquella, que canta meus louvores:* e tinha razão, porque os louvores faziaõ perfeita consonancia com a verdade. Temistocles merecia ser louva-

universais. O ambicioso só trata do que lhe poderá servir para conseguir o que pretende; mas o lisongeiro passa a empecer tudo o que encontra. Corta a cuspada da ambição por todos os impedimentos, que lhes podem desvanecer a pertençaõ, a do lisongeiro a nada perdoa. Não foraõ taõ nocivos os golpes do ambicioso, se senaõ valera das armas do lisongeiro.

He a lissonja, segundo a define *Santo Thomas 2. 2. quest. 115.* excessõ, com o qual se empenha o lisongeiro a contentar já com obras, já com palavras: *Excessus delectandi alios verbis, vel factis:* hum excessõ de gabar os ditos, as obras, os sentimentos de outros em a conversação civil. Não ha homem, que não goste de ser louvado, e este desejo não he em si vicioso, antes he hum propriedade da magnanimidade, se os louvores são grandes; ou da modestia, se são medianos. A natureza deu o amor do louvor para estímulo da virtude, como cantou o Poeta Ovidio.

do, e porisso era verdadeiro, e proprio objecto dos louvores; porém muitos sem merecimentos amaõ os louvores, e estes são proprio objecto da lissonja. A ave do Paraíso se alimenta do ar, e do ar se alimenta o Camaleão, porém aquella, elevando o voo, se alimenta do ar puro, e sincero; e este roçando-se pela terra, se alimenta de ar impuro, e corrompido. O virtuoso, e ambicioso se alimentaõ de louvor, porém aquelle de louvores verdadeiros das virtudes, este de fingidos, e contaminados da lissonja.

O am.

O ambicioso affecta os louvores, o virtuoso muitas vezes os não estima, como cantou Wem:

Contemnit laudem virtus licet usque sequatur

Gloria virtutem, corpus ut umbra suum:

Est etenim virtus aliquid nihil gloria, sicut

Est aliquid corpus, corporis umbra nihil.

Miseravel he a nossa cegueira; pois não ha pessoa tão sem merecimento, que senão tenha em boa conta, por que todos presumem bem de si; como escreveo Seneca: *Nemo non est benignus sui iudex*; e o que se presume, facilmente se crê, especialmente se acha em si alguma disposiçã naquelle genero em que he louvado. Qualquer mulher fea, vendo se chamar formosa, se alegra, julgando que ao menos he mediana; a de mediana formosura, vendo-se chamar formosa, se alegra, crendo ser tal ao juizo dos outros: a formosa, vendo-se chamar hum Anjo, se alegra, crendo, que outro o crê, pois que o diz; e isto mesmo, que se vê em as mulheres, passa tambem em os homens. Qualquer homem, que se vê chamado hum Salomaõ, se alegra, crendo, que ao menos he muy douto: quando se vê chamar hum Hercules, se alegra, crendo, que ao menos he hum Achilles: o que se ouve chamar hum Principe, se alegra, crendo, que ao menos he hum grande senhor: o que se vê chamar hum Santo, se alegra, crendo, que ao menos he hum virtuoso. Os Cesares Romanos, chamados Divindades pelo lisonjeiro Senado, se envergonhavaõ ao principio, depois o duvidavaõ, e em fim o creraõ; porque a ambição pouco a pouco faz crer o que muitos dizem; e por isso accitando sem vergonha os altares, que lhe offereceo o Senado, sem vergonha criaõ ter Divindade dentro do peito, e os reflexos no semblante; e quanto mais crescidas são as lisonjas, tanto são mais estimadas. Arrojou Alexandre ao rio Hydaspes o panegyrico, que lhe offereceo Aristo-

bulo, por dizer nelle, que Alexandre com sua setta matou na guerra hum elephante; mas não arrojou ao rio Lybico ao Sacerdote Amonio, que lhe chamou filho de Jupiter, a Eudemonico, que ouvindo trovejar, se voltou a elle, e lhe disse: *Es tu a caso quem troveja, ó filho de Jupiter?* Nem a Nicéa, que vendo sobre a cara do mesmo hum mosca, lhe disse: *O' mosca feliz, pois entre as mais has merecido gostar hum sangue divino!* Não aborrecia Alexandre a lisonja, mas aborrecia hum lisonja curta, que podia desacreditar as mayores. A grande corpo, grande pasto: a pessoas grandes, grandes lisonjas; porque he grandissima a opiniaõ, que fazem de si mesmas, e gostãõ verem-se mayores que si mesmas em a opiniaõ dos outros: como todos se alegraõ, e se riem de verem suas caras em os espelhos parabolicos; e da qui vem, que ainda que os louvores sejaõ falsos, e conhecidos por tais do louvado, sempre lhe soãõ bem; porque he alisonja hum laço tão doce, que facilmente se deixa o louvado enforçar nelle; e assim como a verdade do que contradiz, gera odio, assim a mentira do que gaba, amor; e dirã como o outro Ministro: *Não obstante que sey que me lisonjeas, me agradas.* Muito difficultoso he distinguir o que lisonjea, do q louva; mas muito mais difficultoso he differencar o que aborrece a lisonja, daquelle, q a ama; porque ha muitos, que protestaõ, que não querem ser louvados, e se offendem senão os lisonjeaõ; como El Rey Acab, que lisonjeado de seus agorreiros, que o animavaõ a dar batalha, pediu ao Propheta Michéas, q sem li-

fonja lhe disse verdade, e pelo Propheta o defenganar, dizendo-lhe, que morreria se fosse à batalha, se enfadou, mandando-o prender. O certo he, que os que louvaõ na presença, communmente lisongeãõ; como disse Aristoteles: *Laudare presentem adulatoris est*; e que os que daõ ouvidos aos louvores, tambem permitem o serem lisongeados.

Muito semelhantes parecem os nomes de lisongeiro, e louvador; mas quanto são semelhantes os nomes, tanto são diferentes os fins; porque o que gaba, attende a honrar, o que lisongeia, a medrar: hum ao bem alheyo, outro ao seu proveito. Daqui nasce- raõ aquelles nomes infames, que tem os lisongeiros. Constantino os chamou *ratos de Palacio*; Anaxilaõ *traças das bolças*, Diógenes *perros Reais*, e outros *Monas Etbiepicas*, *Protheos*, *Terrestres*, *Caçadores de davidas*, *Zorras famintas*, alludindo à fabula de Esopo, que conta, que vendo a Zorra ao Corvo alegre sobre hum ramo, com hum queijo no bico, lhe persuadio, que era melhor músico que o Rouxinol, e que o Canario, e o animou a fazer prova da doçura de sua voz: o Corvo aereo, indo a cantar, se lhe cahio a preza, e a Zorra malvada a tragou. Corvo de negras azas pelo habito Monachal era Pedro Murrião, chamado depois Celestino V. Zorra era Caetano, chamado propriamente em os Sagrados Annais Raposa astuta, e ambiciosa: este vendo a Celestino levantado ao mais alto Solio, gozar pacificamente o merecido Pontificado, reprehendeo roubar-lhe aquella grande preza; e para isto se valeo das armas da lisonja. Começando pois a gabar-lhe com tantas lisongias suas virtudes, e a felicidade de sua antiga vida, quando cantava entre os Anjos de seu Coro, q' obrigou ao bom Pastor, a que entoando em o Consistorio de Napoles aquelle já mais ouvido cantico: *In Celestino renuncio o Pontificado*, a Zor-

ra cebigosa o tragou. São os lisongeiros como o *Gorgulho* criado no graõ, que o não deixa senão vazio; como o *fogo*, que não deixa o madeiro até que o consume; como a *sombra*, que acompanha em quanto o corpo a defende dos rayos do Sol, resplandores da Lua, e reflexos do fogo, como o *caõ*, que lisongea aos que lhe daõ, e morde aos que lhe não daõ; como o *cameleão*, que toma todas as cores, excepto a vermelha, symbolo da vergonha, e a branca, symbolo da pureza; porque em tudo imita, não sendo honesto, e virtuoso; como a *agua que corre*, que se veste da cor da terra por donde passa; como o *espelho*, que imita tudo o que se lhe offerece; como o *veneno*, que quanto mais doce, mais insidioso; como o *ruins mulheres*, que tudo desejaõ a seus amantes, não sendo entendimento, e prudencia; como o *moinhos de vento*, que com todos os ares moem; como o *espias dobras*, que tiraõ salario de duas partes; como o *Jano de duas caras*, que com hũ rosto olhaõ para o Inverno, e outro para o Veraõ; como o *veneno de viboras*, que sendo branco na apparencia, doce no gosto, mata com varios accidentes; como o *cobras*, que secaõ, e esterilizaõ as arvores, que lambem; como o *Jerra com duas ordens de dentes*, que indo, e vindo, corta, e amassa o que morde, sem perdoar nem à brandura da taboa, nem à dureza do marmore; como o *aves de pescoço torcido*. Era Filippe Rey de Macedonia torto de hum olho, e seu lisongeiro Patroclidas se tirou a si outro. Eraõ os dous Imperadores Leoncio, e Justiniano delnarigados, e todos os seus aduladores se cortaraõ os narizes. Esses, aquelles, que mais se conformaõ com o estado presente: se vem rir, riem, se afirmar, affirmaõ; se negar, negaõ; se gabar gabaõ; se murmurar, murmuraõ; se chorar, choraõ; sem procurar consolar por não opporem-se, mas fingem sentir inconsolavelmete; como o truaõ de

de Dionysio, que perguntado por-
que ria? Respondeo, que porque Dio-
nyfio ria: como o peixe Pullo, que
segundo o tempo cresce, e mingoa,
segundo o lugar muda de cor. Assim
o cantou *Alciato Emblema 88.*

Et mutat faciem, variosque sumit colores.

Sic & adulator populari vescitur aura.

Hiansque cuncta devorat-----

E Marcial *lib. 12.* lhe chamou bugio das
alheyas acçoens:

Mentiris, credo, recitas mala carmina, laudo,

Cantas, canto, bibis, Pontiliane, bibo.

Tambem o Poeta Inglez no livro uni-
co de seus Epigrammas, *Epigramma* 16. pintou o genio dos aduladores com
as mesmas transformaçoens:

Arrisit tibi Rex? Ridebit, & affecla magni

Regis, ut ad motum corporis umbra movet.

Perfricunt frontem Rex? Aulicus illicò vultum

Contrahit, ut cum Sol occidit, umbra fugit.

Que traduzio D. Francisco de la Tor-
re na fórma seguinte:

Riesete El Rey? Tambien
Se te reirà el que nombra
Por pribado, que la sombra
Segue del cuerpo el bay ben.
Ruga el Rey la frente? Yá
Huye el rostro el Palaciego,
Assi como se huye luego
La sombra, si el Sol se vá.

De que tienes, si el ha hallado
En lo grave lo estirado,
Tu en lo encogido, lo grave,
No puede tu sin razon,
Una vez que se te ordena,
Seguir una cosa buena
Por tu mala inclinacion

E addicionou com hum adulator cor-
covado, que imitava a hum podero-
so, dizendo:

Hasta aqui estás satisfecho,
Que a Marco has bien imitado:
Pero nunca el ha llegado
A obligarte a andar derecho.
Mas todo el mundo te alabe

E introduzindo a lisonja, e verdade
em Palacio, representa o que cada hu-
ma diz:

Justo es, dize, la lisonja,
Todo lo que quiere un Rey;
Pero la verdad le dize,
Que lo justo ha de querer.

Sendo como espelho, que representa
o mesmo, que se lhe propoem, como
disse *Wem lib. 4. Epig. 28.*

Subridet, quasi ridentem cernat imago:

Irrigat & inestas, te lachymante, genas.

Cum dormis, oculos claudit, te cumque movetur:

At cum tu loqueris, dicit imago nihil.

Estes, aquelles, que penetrando
os costumes, e inclinaçoens do animo
com louvores lisongeiros, fazem dos
vicios virtudes, à maneira daquelles,

que criando feras, fazem estudo de seu genio, e inclinação, notando de vagar as coufas com que se offendem, e com que se deleitaõ, vem a conseguír, que accommodando se ao seu genio, sejaõ manfas, e trataveis; e assim, se lhe descobre animo temerario, lhe chama forte; se cobarde, prudente; se ambicioso, magnanimo, se fallador, eloquente; se prodigo, liberal; se malicioso, discreto; se deshonesto, galante; se perguicofo, grave; se vingativo, amigo da honra; se obstinado, constante; se soberbo, de espiritos altos, fundado no aphorismo, que tem animo abatidissimo o que sofre superior; como outro Rey Francisco de França, que costumava dizer, que Carlos V. não podia sofrer igual, nem elle superior. E porque aos vicios se deraõ os nomes das virtudes, por isso hoje ha taõ poucas virtudes, e tantos vicios, como escreveo Seneca: *Periere mores, ubi vitiis virtutum nomina dedimus.*

Estes, aquelles, que segundo *Justiniano de ligno vite cap. 1.* são os que nas prosperidades assistem, e em quanto esperaõ, applaudem; amigos no obsequio, inimigos no animo, estragados nas palavras, torpes nas obras, alegres nas venturas, frageis nas adversidades, duvidosos nas afrontas, immoderados nos gostos, faceis para os vicios, difficeis para as virtudes; homens em fim de duas caras, que para enganar tem o rizo tanto à mão, como as lagrimas, e que parecendo contrariar, ligongeaõ; como a criada de Philoména, que para realçar mais a formosura de sua senhora, lhe negava os adornos, que ella pedia para compor-se; porque pedindo o alvayade para branquear a cara, respondeo: *Naõ to quero dar, porque seria embranquecer o marfim com a tinta;* e pedindo-lhe agua às mãos, respondeo: *Naõ a has mister, porque mais facilmente podem tuas mãos lavar à agua, que ser della lavadas.* Como aquelle Senador Anonymo, que

por lisongear a Tiberio, o reprehendendo no Senado do muito que cuidava do bem publico, e do pouco que se lembrava de poupar huma vida taõ necessaria ao Imperio.

A novidade dos trages he a peste dos Reynos, e a mais nociva dos Palacios a lisonja. Aquella acabará com os Povos, e está com os Reynos, e Reys; pois, como disse *Quinto Curcio lib. 8.*, mais vezes se haõ destruido os Reynos por lisonja, do que por armas. Lisongeiros destruíraõ a Commodo, diz *Herodiano lib. 1.* Lisongeiros destruíraõ os Amonitas, como se lê em *Jud. lib. 5. & 6.* Lisongeiros destruíraõ a Sicilia, e a Roma em tempo de Dionysio, e Marco Antonio, chamando justiça à crueldade de Dionysio, e à lascivia torpe de Marco Antonio, galantaria; às tyrantias de Phalónis, inteireza. Disse Moyses aos Ismaelitas, que matasem todos os moradores de Canaan; não fique vivo nenhum, porque se ficar, será como cravo em vossos olhos, lança em vosso costado. Estes effeitos faz a lisonja em todos, e principalmente nos Principes, e Ministros, que os cega, e lhes passa como lança o coração; e quicã que fosse esta a causa, porque Diógenes, como conta Laercio na sua vida, lhe chama laço meloso, que affoga com doçura. Melhores são as feridas dos inimigos, que os enganosos affagos dos amigos, disse *Salomão no cap. 1. dos Proverbios n. 27.* Não ha cousa, que assim se empenhe a destruir o animo dos homens, como a lisonja. Não ha homem mais desamparado, que o muito acompanhado de lisongeiros; e por isso se doeo muito Diógenes de ver a hum mancebo acompanhado de hum grande esquadraõ desta praga, fabricantes de dolos, e officiais de enganos.

Dous generos temos de perseguidores, diz *Santo Agostinho sobre o Psalm. 59.*: huns, que nos injuriaõ; outros, que nos lisongeaõ; mas mais grave

grave damno nos occaſiona a lingua do que nos lifongea, do que a mão do que nos perſegue. O fim do Orador he perſuadir, do Medico ſarar, do lifongeiro enganar: trœca as vozes às verdades, e dá apparencias de virtudes aos vicios mais abominaveis. Mais vale cahir em bicos de corvos, do que em mãos de lifongeiros, dizia Diógenes, ou Antiftenes, como que-rem outros. O animal mais cruel das feras, he o homem tyranno, e dos manſos, o lifongeiro, dizia o ſabio Bias, o qual ſendo perguntado, que beſta tinha peyor mordedura, reſpondeo, que das feras o murmurador, e das manſas, o lifongeiro. De Sigil-

mundo Imperador contra Enéas Sylvio, que ao depois foy Papa Pio II. no 1. *liv. dos Feitos del Rey D. Affonſo de Aragaõ*, que eſtando hum grande lifongeiro engrandecendo; e louvando a Fernando ſer ſimilhante a Deos, lhe deu huma grande bofetada; e dizendo o lifongeiro: *Porque me feres Sigifmundo?* Reſpondeo: *Porque me mordes lifongeiro?*

Não ha torre mais frequentada de gralhas, nem terra mais povoada de animais, que os Palacios dos Principes, e caſas dos Miniſtros, e os domicilios dos poderoſos dos lifongeiros, como cantou Wem:

*Blandus adulator per totam curſitat aulam,
Principis in primis, nobitiumque fores.*

Aqui fazem eſtas cegonhas ſeus ninhos; em quanto não tiraõ ſeus ovos, e criaõ os filhos de ſua ambição, os não deixaõ; mas os Principes de altos eſpiritos, os Miniſtros deſpidos de affectos, e os poderoſos ricos de virtudes, não haõ de ouvir lifonja; pois tanto as acertaõ os que as não ouvem, como os que as não dizem; como diſſe o Philoſopho *Poco in Celio*. Toda a lifonja he erro, ainda que com ella ſe louve a virtude; porque encaminha a enganar: he exceſſo de

deleitar com palavras de louvor, conforme diſſemos, e todo o exceſſo he erro, e peccado, e toda a lifonja he occaſião de muitos. He como ecco, que dá o golpe em huma parte, e o ſonido n'outra: o ſonido em louvar, o golpe em ſeu intereſſe. Carcoma de loucos lhe chamou o Imperador Conſtantino, porque rœe, e acaba os que a ouvem; e ſegundo Wem, aſſim como o louvado ſe faz melhor, aſſim o louco lifongeadado ſe faz mais louco:

*Fit bonus laudando melior, peiusque malignus,
Cautior aſtutus, ſimplicior ſtolidus.*

Mais Miniſtros faz mãos a lifonja, do que a malicia. Espantosa crueldade foy a de Nero em abrazar Roma; mas mais eſpantoso he que goſtem os Principes de ver abrazar os Palacios, e os Reynos; os Miniſtros caſas, peſſoas, e creditos, os outros fazendas, que he mais prejudicial, e peſtilente fogo. Bem conhecia eſtes embuſteiros El Rey Ageſiláo, que os deſterrou de ſi com tal rigor, que do que obrava com acerto, não queria que lhe deſſem louvores,

e goſtava, que o reprehendeſſem; quando não acertava; diſcrição, que encarece com muitos louvores Xenophonte. Tibério, que por ver ajoelhado a ſeus pés a hum Senador, ſentio tanto eſta nova maneira de lifonja, que por ſe deſviar, cahio de coſtas. Alexandre Severo, que aborreceo tanto eſta caſta de beſtas, que ſe algum era ſua preſença dizia, ou fazia alguma couſa, que cheiraſſe a tal manjar, o mandava retirar de ſua preſença; tra-
tar;

tar, e moçar como a louco. A mais passava Septimio Severo, que os mandava matar, como refere *Herodiano. lib. 3.* Trajano dizia, que os lisongeiros eraõ peyores em a Republica, do que os que faziaõ moeda falsa; porque estes faziaõ suspeitozo o metal, e aquelles, que se não creessem as virtudes. Alexandre Magno despedio hum Philosopho, que trazia consigo, dizendo-lhe: *Eu sou homem, e erro muitas vezes como homem; e tu como Philosopho entendido não me reprehendes: ou entendes meus erros, ou não? se os não entendes, não es sabio; se os entendes, e não os reprehendes, es lisongeiro: sabe de Palacio, não sejas o que destruas a meu Reyno.* Foy Amáris Rey de Egypto antes de seillo muy pobre, e muy máo, porque vivia de fazer roubos, fez hum muy grande, e prenderaõ-no por indicios, e não o podendo convencer, consultaraõ os idolos, para que declarassem, se Amáris era ladraõ, ou não; huns responderaõ que sim, outros que não: vendo os Juizes, que os idolos variavaõ, o deraõ por livre: coroou-se depois Rey de Egypto, e foy visitar a Cidade donde esteve prezo, e nella aos Templos, aonde estavaõ huns, e outros idolos: incensou, e offereceo aos que o condemnavaõ, ricas peiças, e dadas, aos outros não só lhes não deu nada, mas mandou-os derrubar, e fazer em pedaços: repararaõ muito seus vassallos, e lhe perguntaraõ a causa, e elle disse: *Aquelles são verdadeiros, que dizem verdade, e estes são lisongeiros, e mentirosos; que não merecem veneração, nem Templos, mas destruidos.* Pouco caso se fizera dos lisongeiros, se a estes se fizera o que Amáris fez aos idolos.

Mas que diferente politica corria no mundo no tempo de São Jeronymo, o qual escrevendo a Cellancia, diz estas notaveis palavras: *Neste calamitoso tempo reynaõ todos os vicios, e principalmente o da lisonja.* E o que mais he para sentir, he ver, que

hum vicio taõ feyo, se repute, e se denomine hoje com o formoso nome da humildade, e benevolencia, virtudes taõ excellentes, a que os homens hoje tem taõ torcidos os nomes, que as infamaõ com o nome da lisonja. De maneira, que o que não sabe lisongear, ou he havido por invejoso, ou por soberbo. Se vira São Jeronymo o que agora passa, e entrara nos Palacios dos Reys, e casas dos particulares, quanto mais augmentara o seu sentimento, e encarecera a sua magoa, senaõ fora com palavras mayores, differa sem falta com mayor lastima, pois hoje mais que nunca se vêm trocados os nomes das virtudes em vicios: hoje se chama ao cruel, justiceiro; ao temerario, forte; ao astuto, prudente; ao lascivo, galan; ao soberbo, grave; ao patarata, e fallador, eloquente; ao affeminado, accado; e ao mentiroso, affavel; ao hypocrita, virtuoso; e em fim ao lisongeiro, homem de boa feição. De sorte, que basta ser lisongeiro para ser tudo. Este he o q leva hoje os premios devidos às virtudes; este o que occupa os postos; este o que manda; os idolos verdadeiros vaõ a terra, os lisongeiros saõ adorados: estes só levaõ o incenso, as dadas, e as offertas; aquelles os opprobrios, as ignominias, e os destroços. Não merece mais o que melhor sabe, o que melhor serve, senaõ o que mais lisongea, o que he mais patarata, o que he mais mentiroso. Anda preza a verdade, solta a mentira, favorecidos os máos, opprimidos os bons, amados os vicios, e aborrecidas as virtudes; e corre com tanto excessõ esta desordem, que já parece se lhe impossibilita o remedio; porque quanto os vicios saõ mayores, tanto os remedios saõ mais impossiveis, disse o Séneca: *Desinit esse remedio locus, ubi vitia maiora sunt.*

Importa muito, que os Principes, e Ministros fujaõ às linguas dos lisongeiros; porque he a lingua do lisongeiro o mais pestilente contagio. As flores

flores Papouas tem a cor vermelha, porém nada aproveitão, antes fazem muito damno em os semeados; e despedem muito máo cheiro de si: he *Papoula* o lisongeiro, que arruina a feara das virtudes, suave em o cheiro das palavras, porém se se repara, arroja hum fedor pestilente. As Rosas tem a mesma cor; porém cheiraõ bem, e são de grandes beneficios para os homens: he Rosa o que diz as verdades; esta entre as espinhas da reprehençaõ ser para muito, cheira bem, ainda que pique. Não menos importa que busquem Ministros, que os advirtão; e estes, amigos que os reprehendaõ; porque quem reprehende, deseja o acerto, e quem lisongea, fomenta o erro. Bemaventurada he a alma, (diz São Jeronymo) que nem lisongea, nem se deixa lisongear. Melhor he ser digno do louvor, do que ser louvado, diz *Seneca de mor. Bonum est laudari, melius est, & prestantius esse laudabilem*; porque muitas vezes com a doçurado louvor vay disfarçado o veneno da lisonga; razão porque disse *Santo Agostinho de Doctr. Christ.*, que sempre se ha de evitar esta perniciosa doçura: *Sicut sumenda sunt amara salubria, ita semper vitanda est pernitiosa dulcedo*. He a lisonga doce como de Seréa, em que não ha mais seguridade, do que não ouvilla: engana mais, quando parece que mais desengana; como o caçador, que caça mais quando engana a caça. *Perros* lhes chamou Alão, que affagaõ, e morrem. Ferido mortalmente Alexandre, e vertendo sangue das feridas, lhe diziaõ muitos lisongeiros, que não receasse a morte, porque era Divino; e elle os arrojou de si, dizendo: *Não arrojão sangue os Deoses; senão os homens; e eu sou callico, e mortal*. A tanto chega a maldade, e malicia da lisonga, que intenta persuadir aos homens, que são Deoses! O peyor engano, que o demonio introduzio, foy a lisonga; desta foy seu author no Pa-

raiso, e da soberba no Ceo. Via Princeza do mundo a Heva, parecendo-lhe, que assentaria bem a lisonga com que com brandas palavras falso, e cruel a enganou. Achou entrada em aquelles primeiros Principes da terra, e como os destruiu, e nos destruiu a nós, toma muito à sua conta este vicio. Ha de se olhar ao lisongeiro, e se ha-de ter como demonio.

Os mais validos com os Reys, e que costumão ter mais máo com elles, e com os Ministros, são os lisongeiros, que com manifesto applauso approvaõ, e qualificaõ tuas resoluçõens, sejaõ as que forem, não reparando se convem ao Reyno, e a El Rey, ou se lhes feraõ prejudiciais, e menos se encontraõ o serviço de Deos; porque não trataõ mais que de acostar-se, a seu gosto, e inclinaçãõ, fugindo de tudo aquillo, que entendem os poderá desgostar; e desta sorte levaõ os Reys para onde querem, como dizia Pio II. He o officio de lisongeiro proprio do diabo, como advertio *São João Chrysostomo*; e bem se prova a doutrina do Santo como o que nos diz o Evangelho no *cap. 56. e 9. de São Marcos*, que em certa occasiaõ aconteceu a Christo Senhor nosso. Havia occupado o maligno espirito o corpo de hum miseravel homem, e vendo de longe, que havia passar o Senhor por aquella parte, lhe iaõ correndo ao encontro, e prostrado a seus pés, o adorou dizendo: *Que me quereis Jesus; filho de Deos altissimo*. Para entender mos o lugar, devemos suppor, que a causa da ruina do diabo, segundo a doutrina dos Santos PP. foy porque revelando lhe Deos em o instante de sua criaçãõ o mysterio da Encarnaçãõ de seu eterno Filho, mandando lhe que o adorasse, como nos ensina *São Paulo 1. ad Heb. cap. 6.*, elle não foy o não quiz fazer, mas se ensoberbecco de maneira, que pretendeo assimillar se ao mesmo Deos; pois como agora o mesmo o busca para adorallo? Pois quando o mandou Deos, quiz

quize antes condemnar-se, e padecer eternas penas, que fazello? Responde São Pedro Chryfólogo, que não o buscou para adorallo, e obedecello como Filho de Deos, senão para lisongeallo. E se perguntarmos, que intenção teve nesta lisonja? Responde o Santo, que vendo, que o não podia vencer no deserto com as pedras, que lhe offereceo, que as convertesse em pão, nem com a vangloria no pinaculo do Templo, nem com a avareza, offerecendo-lhe todos os Reynos do mundo no monte, persuadio-se, que sem duvida o venceria com a lisonja, confessando-o por filho de Deos; e para conseguir este errado fim, o adorou: donde se colhe, que o vicio da lisonja he proprio do diabo, e que os Ministros lisongeiros são os Ministros diabolicos, de que fallamos na Lição da Verdade.

Como o cavallo se governa pela rédea, o Principe, e seus Ministros se haõ de governar pela razão, e verdade, e se ha de castigar a lisonja como

Blandus vero cauda canis irrequietus adulat,

Lingua pro cauda Pontilianus habet.

Se por justiça se quebraõ os pezos, e medidas fallas, e se castiga com graves penas ao que vende huma cousa por outra, porque não se ha de castigar ao que vende mentiras por verdades, o vicio por virtude: isto fazem os que lisongeaõ, Mercadores de contrabando, castigallos severamente, e não entrar com elles em trato nenhum; porque na tenda do lisongeiro toda a mercadoria he suspeitosa.

Concluimos, que nem devemos lisongear a ninguem, nem deixar-nos lisongear; havemos sempre dizer a verdade, e havemos sempre querer ouvir a verdade, ainda que nos pique, ou piquemos sem temores, porque a verdade he tão ilenta, que aonde se lhe representa maiores temores, ahi entra com mayor ousadia. Seja o nosso mo-

crime de lesa Magestade, e não premiar-se como merecimento. Injuriado gravemente seu credito, e honra, Christo Senhor nosso calla, e sofre; mas lisongeado dos Phariseos, os castiga com muy asperas vozes. Fazem mais damno com a apparencia do amor, que fingem os lisongeiros, que com o odio que tem. A primeira virtude do que responde, he conhecer a intenção do que pergunta, diz São Jeronymo: não ha quem não alcance a lisonja, ainda que mude mais fórmãs que Protheo; com que o crellas terá tanto de facilidade, como de ignorancia. O lisongeiro he como o Alacraõ, que morre quando morde. Mata com o veneno da lisonja, e morre com a culpa, que commette. Perro de Dionysio chamava Diógenes a Aristippo, porque o lisongeava; mas os lisongeiros são peyores que perros: o perro affaga com o rabo, e morde com os dentes; o lisongeiro com o mesmo q affaga, morde; como cantou o Poeta Wem:

do de fallar hum fim, hum não; porque não ha a quem não contente esta linguagem, quando se conhece por experiencia, de que nunca sahe a lingua o que não sente o coração. Ha homens, que tem por officio fallar verdade aos Principes; ha outros, que a devem fallar aos pertendentes, e todos aos amigos. Todos as poderãõ dizer, e todos as poderãõ ouvir, se as souberem dizer, para o que será necessario guardar duas regras. A primeira, que busquem tempo, em que se possaõ dizer; porque, segundo Plutarcho, o que não busca opportundade, causa em todas as cousas notavel damno, e principalmente na admoestação: *Opportunitas non servata omnibus in rebus affert molum, praesertim in admonendo detrahit utilitatem.* Chegaõ

Chegaõ huns a desenganar a tempo, que reyna a paixãõ contraria, e quando esta em o frenesi da loucura: que fallario espera taõ máo Medico, leñaõ em aggravos, e odios; pois em o crescimento só a paciencia he receita util, e o esperar no Phisico. Segunda, que se vistaõ, e naõ sejaõ nuas; porque ha outros, que se introduzem a fallar verdades, que haõ de amargar, taõ nuas do ouro, que as dissimule, que naõ he muito, que as torne a lançar fóra o estomago mais robusto com feyos vomitos. Importa pois, que assim como estudaõ os lisongeiros em ornar huma lisonja, trabalhem os verdadeiros em adoçar as verdades, em buscar rodeyos com que introduzillas, sem ganhar-se odios; porque assim ganharãõ hum amigo em hum desengano. Advertio a utilidade deste conselho Horacio em alguns, que sabem dissimular a verdade mais severa em a safaõ de huma graça, que deixa a hum homem gostoso, e advertido. Confessamos, que se forem pessoas soberanas as que pedem conselho, ou a quem he obrigaçaõ dar-se, que he difficil passar sem risco de faltar, ou a verdade, ou ao seu agrado; porém o conselho de Seneca terá muitas vezes effeito. Diga-se a verdade ao Principe, ainda que seja dolorosa, porém faça antes tanto ruido com louvallo de outras prendas, que o mereçaõ, que lhe divirtaõ o máo trato, que lhe póde dar a noticia de huma verdade necessaria. Elegeo El Rey Antipatro para seu Conselheiro ao Philosopho Thociano, e este lhe disse: *Se heide servirte com o pouco, que alcanço, ha de ser como amigo, e naõ como lisongeiro, que isso he ser inimigo.* Com o amigo naõ será necessario usar destas regras, nem disfarces; porque o amor tudo fara. Se he nescio, ainda que ao principio finta o aggravo, em breve o agradecerá como beneficio. Errou sem desculpa o Poeta em dizer, que era o odio parto da verdade; mais escusa mere-

cera, se lhe houvera chamado aborto; já porque as verdades, ditas sem tempo legitimo de verdades, offendem; já porque os abortos, ainda que vivaõ, tem curta vida; assim a offensa que faz o amigo, porque com liberdade de tal, fallou livremente com desengano; como he filha abortada, será de pouca duraçaõ, e de muita vida a estimaçaõ; pois na verdade se deve mais carinho a quem causa dor para sarar, que a quem lisongea para accrescentar a doença.

L I Ç A M IX.

Da Modestia.

NAs passadas Ligoés tratámos da virtude da Magnanimidade, e de suas excellentes propriedades; nesta nos pareceo tratar da virtude da Modestia; porque ainda que esta divina virtude seja parte da Temperança, e como tal pertença à quarta Palestra desta nossa obra, com tudo tem esta virtude tanto parentesco com a magnanimidade, que nos pareceo fallar-mos nella neste lugar, para que melhor se conheça, que se tem em si muitas similhanças, naõ lhe faltaõ muitas differenças. A virtude da modestia no seu geral significado se accomoda a todas as virtudes moderadoras do desejo; e neste sentido lhe chama *Dyonysio Halicarn. centur. 2. Epist. 17.*, vinculo de todas as virtudes, q se firmarem, ou cahiráõ, ou afrouxaráõ; e a define Cicero: *Huma virtude, que retém no animo a moderaçaõ de todos os desejos; ou: Huma virtude, pela qual o pezo da honestidade alcança huma clara, e permanente authoridade; ou: Huma sciencia de pôr em seu lugar as obras, e as palavras; ou: Hum habito do vergonhoso, e honesto, com louvavel aproveitamento.*

Porém no particular de que agora tratamos, he a virtude da modestia: *Hum desejo moderado de honras medianas,*

nas, fundado na grandeza de medianas virtudes. Desta definição se colhem juntamente as similhanças, e as diferenças da virtude da magnanimidade, e da virtude da modestia; porque della se tira, que assim como o magnanimo não gaba, nem quer ser gabado, não serve à fama, nem à fortuna, aborrece ambiciosos, e lisongeiros, appetite honras grandes com desejos moderados; assim o modesto nem louva, nem espera ser louvado, não serve à fama, nem à vida, nem à fortuna, aborrece igualmente os ambiciosos, que os lisongeiros, deseja honras moderadas, mas com desejo restricto dentro das forças do merecimento. A estas similhanças se seguem estas diferenças. O magnanimo não appetite senão honras grandes, fundado na grandeza de todas as virtudes: o modesto não deseja senão honras mediocres, fundado na mediocridade das virtudes. Todo o magnanimo poderá ser modesto, porém nem todo o modesto poderá ser magnanimo; assim como todo o magnifico pôde ser liberal, porém nem todo o liberal pôde ser magnifico; porque quem pôde o mais, (dizem os Juristas) de ordinario pôde o menos; mas não se segue, que quem pôde o menos, possa também o mais: logo se o magnanimo, julgando-se digno das maiores honras, não refuta o exercicio das menores dignidades, por ajudar a Patria, descerá de magnanimo a modesto; mas aquelle, que, sendo digno de honras grandes, se contenta com as medianas, porque não conhece seus merecimentos, não será modesto, nem mag-

*Est modus in rebus, sunt certi denique fines,
Quos ultra, citraque nequit consistere rectum.*

O ponto está em acertar com o lugar; porque nem todos os lugares fervem a todos. Haverá homem, a quem hum lugar, hum cargo, hum posto seja muito alheyo da sua natureza; haverá

nanimimo, senão pusillanimo. Porém o vulgo ignorante o terá por modesto; porque muitos vicios são feos por dentro, e por fóra formosos, e o vulgo julga pelo que vê.

Soberana he a propriedade da modestia, em não exceder nunca suas forças, nem estender nunca as azas do seu desejo fóra do seu ninho, nem sahir já mais fóra da sua esphera, advertencia com que *Horacio no lib. 3. Od. 4.* e *Ovidio no lib. 1. Od. 3.* affirmão se lograõ sempre os effeitos muy proporcionados com os desejos. Nem todos nascem para as mayores honras, nem está no arbitrio de cada hum o merecellas; antes a muitos lhes he mais facil conseguillas, que merecellas. Não são todas as galas a proposito para todos os corpos, nem todos os corpos proporcionados para todas as galas, como nem todas as sementes para todas as terras; porque humas querem as terras, outras o campo donde nasceraõ: assim nem todos são aptos para as dignidades grandes; porque os de mediana virtude perigaraõ nas terras das dignidades, como os magnanimos no campo dos officios; e se quem muda o terreno às sementes, perde com a cultura o fruto, quem troca o genio aos officios, perderá a si, e perderá os Povos.

Todas as cousas deste mundo tem seu certo lugar, que a natureza lhe destimou, ou, para melhor dizermos, que lhe decretou a Divina Providencia, em que postas florecem, e do qual não devem passar, como cantou *Horacio*:

outro com que se accommode; e por esta razaõ disse *Aristot. lib. 1. de Caelo cap. 9.*, que o lugar, que he alheyo, e aveffo para huma natureza, he conveniente para outra. Muitos têm capacidade

cidade para dignidades medianas, os quais elevados às grandes, se fazem ridiculos. Havendo dado hum rayo em a cabeça do grande Colosso de Minerva em Athenas, se commetteo a empreza de reparallo à competencia, e emulação de dous famolos Escultores Phidias, e Alcaménes: ambos acabaraõ a obra à competencia, ambos puzeraõ em publico sua feitura: a cabeça de Phidias estava taõ tosca, que parecia huma bola mal redonda: a de Alcaménes taõ diligente, que senaõ podia ver obra mais fina, nem mais bem acabada. A esta acclamaraõ os Juizes com summos applausos, e todos fizeraõ zombaria de Phidias; o qual rindo-se dos que zombavaõ, disse: *Naõ julgueis a favor de huma, nem de outra, até que estejaõ postas em seu lugar*; posta pois sobre o corpo do alto simulacro a cabeça de Alcaménes taõ perfeita, parecia huma massa imperfecta; mas posta a outra, que parecia hum desenho bruto, ficou taõ proporcionada, que já mais fez o Author cousa taõ perfeita. O que naõ he maravilha, porque huma se havia

feito para que se vísse no baixo, outra no alto. Considerou o sabio Artifice, que a altura muda as proporçoens, e as apparencias, e por isso em a sua cabeça as orelhas, os olhos, as faces, que pareciaõ inchaçoens, e concavidades feitas acaõ, pela elevaçãõ se reduziraõ a perfeita simetria; e em a outra ficou confusa a delicadeza das perfeiçoens pela distancia.

Consiste o ser modesto, escreve *Cicero lib. 3. Rhet.*, em vituperar o excesso dos desejos de riquezas, honras, glorias, e outras cousas semelhantes; em definir termo certo a cada huma das cousas; em mostrar o que a cada hum he proprio emprego de suas forças; em dissuadir tudo o que fóra dellas se emprende; em determinar finalmente seu modo a cada huma; e esta he a razãõ, porque *Horacio no primeiro Sermãõ* diz, que a modestia he huma virtude, que governa todas as nossas operaçoens de sorte, que nem passem a excesso, nem cheguem a ser defeito:

----- *sed comprime motus,*

Nec tibi quid liceat, sed quid fecisse decebat

Occurrat, mentique domet respectus honesti.

E Francisco Pat. de Regno lib. 6. cap. 16. define a modestia: *Huma moderaçãõ dos desejos, obediente à razãõ.* O modesto para sahir com seus designios, considera primeiro o q quer fazer, e olha se o que emprende, he conforme à sua natureza. Se emprede ser *Religioso*, enfaya-se pouco a pouco, e considera se esta resolutõ a desprezar o mundo, e suas vaidades, a ceder a sua vontade à obediencia, a trocar a gula pela abstinencia, a soberba pela humildade. Se se inclina a *Casamento*, considera as obrigaçoens a que se expoem; a grande carga de filhos, o trabalho de criallõs, a inconstante condiçãõ de hu-

ma mulher, o enfado dos criados, o continuo cuidado da fazenda, e ultimamente o perigo de cahir em pobreza, e a desestimaçãõ pelo naõ haver prevenido, e considerado quando era tempo de tomar conselho. Se às *Letras*, considera o dispendio, que ha de fazer em tantos annos de estudo; o trabalho, que ha de padecer por toda a vida; os desprezos, que ha de passar primeiro que lhe cheguem as letras a dar estimaçãõ. Se ao *Governo*, considera o pezo dos negocios publicos; a variedade delles; os requisitos necessarios para resolvellos; o perigo, que consigo trazem; e finalmente confi-